

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS / ESTUDOS LITERÁRIOS

BRUNO LUTIANNY FAGUNDES MONÇÃO

AS PERSONAGENS DE MARTA MORGADO:
Representação do Sujeito Surdo na Literatura Gestual /
Surda Portuguesa

Montes Claros – MG

Fevereiro / 2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS / ESTUDOS LITERÁRIOS

BRUNO LUTIANNY FAGUNDES MONÇÃO

AS PERSONAGENS DE MARTA MORGADO:
Representação do Sujeito Surdo na Literatura Gestual /
Surda Portuguesa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros, para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Área de Concentração: Literatura Portuguesa

Linha de Pesquisa: Leitura, Literatura e Formação do Leitor

Orientador: Prof. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa

Montes Claros – MG
Fevereiro / 2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS / ESTUDOS LITERÁRIOS



Montes Claros, 29 de fevereiro de 2024.

Dissertação de Mestrado intitulada: **AS PERSONAGENS DE MARTA MORGADO: Representação do Sujeito Surdo na Literatura Gestual / Surda Portuguesa**, de autoria do mestrando em Letras / Estudos Literários **Bruno Lutianny Fagundes Monção**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profº. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa
Orientador / UNIMONTES

Profº. Dr. Antônio Wagner Veloso Rocha
UNIMONTES

Profª. Drª. Maria Serena Felici
UNINT - Roma

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim
UNIMONTES – Suplente

Profa. Dra. Raquel Schwenck de M. V. Soares
UFVJM - Suplente

Profª. Drª. Andrea Cristina Martins (Unimontes)
Coord. do Prog. de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à mulher extraordinária que é minha mãe, *Dilva Rosa Fagundes Monção (Tezinha)*. Sua vida é um testemunho de dignidade, força, fé e perseverança, e é a ela que devo a confiança em minha capacidade e a sólida base educacional que me proporcionou, permitindo-me prosseguir nos estudos até alcançar mais um mestrado.

Agradeço a todos que, de maneiras diversas, dedicaram tempo e esforço para oferecerem as melhores condições para viabilizarem e motivarem este trabalho. Suas contribuições não passaram despercebidas e foram fundamentais para o sucesso desta jornada acadêmica.

Que esta dissertação seja um reflexo não apenas do meu empenho, mas também do apoio valioso que recebi ao longo do caminho.

*Sê humilde para evitar o orgulho,
mas voa alto para alcançar a sabedoria.
(Santo Agostinho)*

AGRADECIMENTO

*“Aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças.
Voam alto como águias;
correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam.”
(Isaías 40, 31)*

Expressando minha gratidão ao Senhor, agradeço profundamente por ser alicerçado em todos os momentos e por me sustentar durante a desafiadora jornada de construção deste trabalho, enviando pessoas cujo ensinamento foi valioso para o meu crescimento.

Quero expressar meu agradecimento especial ao meu orientador, o Professor Doutor Marcio Jean Fialho de Sousa, pela incansável orientação e generosa partilha de seus vastos conhecimentos, que desempenharam um papel fundamental na realização exemplar desta dissertação ao longo desta jornada, ele, não apenas orientou com dedicação, mas assumiu comigo o compromisso de perseguir meus objetivos, incentivando-me a jamais desistir e reconhecendo meu potencial como pesquisador.

Sua prontidão e seu constante compartilhamento de experiências na vida acadêmica foram inestimáveis, proporcionando uma base sólida para o desenvolvimento deste trabalho. Em resumo, meu profundo agradecimento estende-se, não apenas por sua expertise como orientador, mas também por sua inspiração constante e apoio valioso ao longo desta trajetória acadêmica.

À Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, em especial ao programa de Pós – Graduação em Letras / Estudos Literários – PPGL/EL e a todos os professores que contribuíram para esta significativa fase da minha formação, meu reconhecimento pelo valioso ensinamento.

Aos colegas de mestrado e à Comunidade Surda de Montes Claros e Monte Azul – MG, agradeço por sempre me acolherem e proporcionarem experiências enriquecedoras no universo da Língua Gestual. Os momentos de aprendizado, trocas e debates sobre a valorização e reconhecimento do povo surdo foram de extrema importância.

Por último, mas não menos importante, à minha família, que esteve sempre ao meu lado, oferecendo apoio incondicional, incentivando-me e depositando confiança em mim. A todos, meu sincero obrigado por tornarem possível a realização desta dissertação.

SER SURDO

*Ser Surdo é ouvir com os olhos,
transmitir sentimentos com as mãos,
é ter o direito de sentir,
emocionar
e se magoar se preciso for.*

*Ser Surdo é passar pela vida,
mas não deixar a vida passar,
sem vivê-la.
É conviver com todos,
sem medo de se mostrar.*

*Ser Surdo é viver no silêncio do mundo,
mas não deixar o mundo te silenciar.
É gritar com as mãos
e não deixar o preconceito impedir
o Surdo de ser SURDO.*

Bruno Lutianny Fagundes Monção

UM MINUTO DE SILÊNCIO

*Silêncio? O que é silêncio?
uma palavra inventada pelos ouvintes?
explica-me tu, o que é o silêncio?
olhas-me assim?
a viver no silêncio?
ser Surda é ser Silêncio?
vou ao dicionário, folheio nas últimas folhas
vou ao “S”.... encontro “Surdo”
“que ou aquele que não ouve”
sou aquele que não ouve?
é assim que me vês?
vou ao “silêncio”
“ausência de ruído”
ruído? O que é o “ruído”?
mais uma palavra do ouvinte.
não, desconheço o silêncio
desconheço o ruído
desconheço estas palavras.
simplesmente, não ouço?
ouço sim, ouço as minhas mãos, ouço as tuas
as minhas mãos é que são a minha voz
são elas que fazem encantar
são elas que fazem escrever estas palavras
são elas que fazem gestos,
sabes o que é o gesto?
gestos são palavras esculpidas.
mas silêncio e ruído
desculpe, mas não os conheço!*

Marta Morgado

RESUMO

A literatura sobre Surdos apresenta relatos das experiências dos Surdos, incluindo a contribuição para o desenvolvimento da identidade desses sujeitos, é possível encontrar também, nessa comunidade, sujeitos negros, indígenas, LGBTQIAPN+ entre outras identidades que somam à identidade Surda. Essa dupla identidade e seus dramas podem ser vistos nas obras da autora Surda Portuguesa, Marta Morgado, que fazem parte do corpus da literatura gestual/surda portuguesa, dentre a literatura marginal. Considerando essa problemática, esta pesquisa tem como objetivo: analisar a representatividade e identidade dos personagens presentes nas obras *Mamadu o herói Surdo* (2007), *Sou Asas* (2009) e *Luanda Lua* (2012). Para fundamentar essa análise, estão sendo utilizadas as contribuições de Lodenir Becker Karnopp (2006), Karin Strobel (2018), Cláudio Henrique Nunes Mourão (2016), dentre outros que dialogam com os Estudos Surdos e a Literatura Surda. A literatura Surda é uma ferramenta importante na luta por respeito, igualdade e direitos na valorização da cultura e da identidade Surda. Para a promoção e valorização da literatura Surda, é necessário incluí-la e torná-la mais acessível tanto na produção quanto na sua disseminação. Além disso, destaca-se a importância de uma literatura Surda capaz de incluir todas as pessoas Surdas e sua contribuição para a transformação dos sujeitos Surdos. Diante do exposto, conclui-se que a literatura Surda não apenas enriquece o cenário cultural, mas também desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão e na valorização da diversidade. Ao destacar as experiências únicas e autênticas da comunidade Surda, estamos construindo um mundo mais compassivo e empático, onde cada indivíduo é reconhecido e celebrado em sua plenitude.

Palavras-chave: Literatura Surda. Literatura Marginal. Literatura e Sociedade. Marta Morgado.

ABSTRACT

In the Deaf Literature is common to identify deaf experiences of the author, so including the contribution to the development of the identity of these subjects, it is also possible to find, in the Deaf community, black, indigenous, LGBTQIAPN+ subjects and other identities that reinforce the Deaf identity. This discussion about identity and its dramas can be seen in the works of the Portuguese Deaf author, Marta Morgado, which are part of the corpus of Portuguese gestural/deaf literature, among marginal literature. Considering this subject, this research aims to: analyze the representation and identity of the characters present in the works *Mamadu o heroic Surdo* (2007), *Sou Asas* (2009) and *Luanda Lua* (2012). To support this analysis, the contributions of Lodenir Becker Karnopp (2006), Karin Strobel (2018), Cláudio Henrique Nunes Mourão (2016), among others who dialogue with Deaf Studies and Deaf Literature, are being used. Deaf Literature is an important tool in the fight for respect, equality and rights in valuing Deaf culture and identity. To promote and value Deaf Literature, it is necessary to include it and make it more accessible both in production and dissemination. Furthermore, the importance of Deaf Literature capable of including all Deaf people and its contribution to the transformation of Deaf subjects stands out.

Keywords: Deaf Literature. Marginal Literature. Literature and Society. Marta Morgado.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 - Imagem ilustrativa dos banquetes para Surdos</i>	18
<i>Figura 2 - Livro de literatura Surda Francesa da autora Emanuelle Laborit</i>	21
<i>Figura 3 - Capas dos livros de Literatura Surda da autora Marta Morgado</i>	30
<i>Figura 4 - Capa dos DVD das obras da autora Marta Morgado</i>	30
<i>Figura 5 - Escrita de sinais – Sign Writing</i>	36
<i>Figura 6 - Pessoas reais apresentada por marta morgado na obra.</i>	49
<i>Figura 7 - Capa do livro Mamadu, o Herói Surdo.</i>	54
<i>Figura 8 - A alegria de Mamadu nas coisas simples.</i>	57
<i>Figura 9 - Partida de Mamadu para Portugal</i>	59
<i>Figura 10 - Chegada de Mamadu a escola de Surdos</i>	61
<i>Figura 11 - Nome Gestual de Mamadu.</i>	62
<i>Figura 12 - A condição de vida da personagem Mamadu.</i>	63
<i>Figura 13 - Personagem Joana, livro Asas (2009) de Marta Morgado</i>	70
<i>Figura 14 - Joana chega à escola de Surdos</i>	71
<i>Figura 15 - Apresentação do nome gestual dos colegas</i>	73
<i>Figura 16 - Questionamento de Joana sobre o seu sinal</i>	75
<i>Figura 17 - Anjos na roupa de Joana</i>	77
<i>Figura 18 - Momento do batismo de Joana</i>	77
<i>Figura 19 - Marta Morgado explicando seu nome gestual</i>	81
<i>Figura 20 - Capa do livro Luanda, Lua</i>	82
<i>Figura 21 - Marta e Mariana</i>	86
<i>Figura 22 - Momentos de convivência em família</i>	87
<i>Figura 23 - Passeios de fim de semana</i>	88
<i>Figura 24 - Interação entre Luanda e Marta</i>	89
<i>Figura 25 - Marta, Mariana e a família</i>	90
<i>Figura 26 - Chegada da Nina à família</i>	91
<i>Figura 27- Família arco-íris de Marta e Mariana</i>	96

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ASL	American Sign Language
CDPD	Conferência de Direitos das Pessoas com Deficiência
CED	Centro Educação e Desenvolvimento
CPL	Casa Pia de Lisboa
IJRP	Instituto Jacob Rodrigues Pereira
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas, Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
ONU	Organização das Nações Unidas
PLG	Português Língua Geral
PMA	Procriação Medicamente Assistida
PPGL-EL	Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários
SIGN-WRITING	Escrita Gestual, ou Escrita de Sinais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VV	Visual Vernacular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo 1 – A LITERATURA GESTUAL/SURDA PORTUGUESA	15
1.1 – Aspectos gerais sobre os Estudos sobre Literatura Gestual Portuguesa	15
1.2 – A literatura Surda e o cânone da literatura	22
1.3 – A trajetória da Literatura Gestual/Surda em Portugal	27
1.4 – Cultura e Literatura Gestual/Surda	29
Capítulo 2 – A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS DE MARTA MORGADO	41
2.1 – A Construção do personagem ficcional	41
2.2 – Representação dos personagens das obras de Marta Morgado dentro da Literatura Gestual Surda/Portuguesa	44
2.2.1 – Ilustrações nos livros de Marta Morgado	51
Capítulo 03 – REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE NAS PERSONAGENS DE MARTA MORGADO	53
3.1 – Mamadu, o herói Surdo: e exceção social	53
3.2 – Sou Asas: aspectos da identidade Surda	69
3.3 – Luanda Lua: e as novas configurações familiares	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	103
APÊNDICE.....	109
Entrevista com a escritora Marta Morgado	109

INTRODUÇÃO

A literatura Surda¹ é um campo emergente nos Estudos Literários que, de algum modo, vem ampliando a visibilidade e o reconhecimento da cultura e língua de sinais das comunidades Surdas ao redor do mundo. Tendo consciência dessas questões, e por ser graduado em Letras /Libras, venho estudando, há mais de 12 anos, sobre a comunidade Surda, atuando como professor da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Foi também por esses motivos que surgiu o interesse de realizar pesquisas de mestrado em estudos literários, com foco nas obras da escritora portuguesa e Surda Marta Morgado, cuja obras foram apresentadas pelo professor doutor Marcio Jean Fialho de Souza.

A literatura gestual Surda² é uma forma de expressão artística que utiliza a língua de sinais para criar narrativas visuais, por meio de gestos, movimentos corporais e expressões faciais. Marta Morgado é uma das principais referências da literatura gestual Surda em Portugal, tendo produzido diversas obras que exploram a Cultura Surda, a identidade e a experiência humana. O *corpus* de minha pesquisa inclui as três obras literárias mais conhecidas de Morgado no âmbito da literatura infantil. Todas elas trazem temas atuais e de grande relevância, tais como o Surdo, negro, adoção, homoafetividade, inseminação artificial, identidade, entre outros temas. Sua escrita tem uma abordagem sutil que busca atender perfeitamente o público proposto. Seus livros criam significados, ao mesmo tempo que promovem processos de acessibilidade por meio do uso bilíngue criativo da língua de sinais, língua portuguesa e de elementos visuais como: cores, texturas e formas.

Espero que esta pesquisa ajude a ampliar a compreensão e o reconhecimento da literatura gestual Surda como uma forma de arte e expressão cultural única e valiosa. Também almejo que esta pesquisa possa contribuir para a promoção da literatura gestual Surda

¹ Neste estudo, o termo **Surdo(a)** será utilizado com a inicial “S” maiúscula, pois adota conceitos de autores que analisam o Surdo sob a perspectiva da identidade, cultura e linguística, com suas experiências embasadas no aspecto visual (SACKS, 2010; SÁNCHEZ, 1999).

² A expressão **literatura Gestual Surda** é utilizada em Portugal e diz respeito à tradução de memórias e vivências Surdas que ocorrem de geração para geração dos povos Surdos, multiplicando-se através de poesias, história de Surdos, piadas, literatura infantil, entre outros gêneros. Será utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a Cultura Surda presentes na narrativa. Literatura Surda é a produção de textos literários em sinais, traduzindo a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de Surdos e considerando as pessoas Surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010 apud GAVA, 2015, p. 62).

portuguesa, contribuindo com outras pesquisas já realizadas, tais como: Histórias de Dois mundos com heróis Surdos: Representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e Cláudia Bisol, defendida pela Rosana Fróes Santos, no ano de 2022, pelo Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários desta Universidade – PPGL-EL.

Diante do exposto, a presente dissertação tem como proposta norteadora o estudo do sujeito Surdo na literatura gestual/Surda portuguesa, partindo do olhar acerca da construção da personagem ficcional presente nas obras da autora Surda portuguesa, Marta Morgado, com o intuito de analisar a representatividade e identidade dos personagens nos livros *Mamadu o herói surdo* (2007), *Sou Asas* (2009) e *Luanda Lua* (2012). Bem como identificar a inserção da literatura gestual/Surda portuguesa como literatura marginal frente ao cânone literário, e verificar quais as representações e características das personagens das obras em estudo a partir da análise da formação da personagem/identidade.

Desse modo, propõe-se uma pesquisa de cunho teórico-crítico-bibliográfico, por meio da análise das obras citadas, cujo aporte teórico envolve os estudos de Luiz Cláudio da Costa Carvalho (2019), Karin Lilian Strobel (2008), Marta Morgado (2011) com seus estudos críticos acerca da Cultura Surda Portuguesa. Além dessa contribuição, também recorreremos à teoria da literatura e à crítica literária para contribuir com a análise da construção da personagem a partir de Leyla Perrone-Moisés (1996), Antônio Cândido (2011) e Anatol Rosenfeld (2011).

No primeiro capítulo, aborda a Literatura gestual/Surda portuguesa dentro do contexto cultural de Portugal, destacando a rica tradição cultural do país. A história complexa de Portugal, desde os tempos dos romanos até a era dos Descobrimentos e a colonização, deixou uma marca indelével na cultura do país, refletida na arquitetura portuguesa e na diversidade da arte e literatura. O capítulo também menciona a importância da literatura na perspectiva dos Estudos Surdos, que traduz a memória das vivências Surdas através das várias gerações dos povos Surdos. Aponta também a literatura como forma de expressão cultural e artística utilizada pela comunidade Surda para transmitir conhecimento, contar histórias e representar sua experiência de vida. Através da literatura, os Surdos têm oportunidades de expressarem suas inquietações e desafios por meio de narrativas e histórias, além de contribuir para a melhoria da educação e acessibilidade para essa comunidade.

No entanto, o cânone da literatura, muitas vezes, exclui vozes e perspectivas marginalizadas, incluindo a literatura Surda. Os cânones são estabelecidos por acadêmicos,

críticos literários e escritores renomados que definem as obras mais importantes e influentes dentro de um determinado contexto histórico e cultural. Eles servem como uma medida de qualidade literária, mas também podem refletir os valores, interesses e perspectivas de um grupo privilegiado ou dominante.

Portanto, no primeiro capítulo, abordará a importância da valorização e reconhecimento da literatura Surda, assim como os desafios enfrentados pela comunidade Surda em relação à inclusão de suas obras nos cânones da literatura. Será discutido como os cânones tendem a excluir vozes e perspectivas alternativas, perpetuando a hegemonia cultural e limitando a diversidade e pluralidade de expressões culturais. O capítulo também abordará a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e diversificada nos cânones da literatura, a fim de promover uma representação mais justa e abrangente da diversidade cultural e artística.

Como aporte teórico nesse primeiro capítulo, busca-se contextualizar a literatura gestual/Surda portuguesa a partir dos estudos sobre a literatura marginal, utilizando os *Cadernos de Estudos Surdos e da Literatura Gestual Portuguesa* de Marta Morgado, *A visão do outro sobre a Cultura Surda* de Karin Strobel, *O labirinto da Saudades* de Eduardo Lourenço, *Por que os clássicos* de Ítalo Calvino, entre outros autores especialistas.

No segundo capítulo, discute a construção dos personagens de Marta Morgado em suas obras literárias. A criação de personagens é um elemento fundamental na construção de narrativas envolventes e complexas. Nesse sentido, o capítulo analisa a forma como Marta Morgado desenvolve seus personagens ficcionais, utilizando a abordagem teórica de Antônio Cândido e contribuições de outros estudiosos nessa temática.

Antônio Cândido, em sua obra *A Personagem de Ficção*, discute os elementos e processos que compõem a construção de personagens ficcionais. Segundo o autor, a construção dos personagens envolve uma combinação de elementos físicos, psicológicos, sociais e históricos, conferindo verossimilhança e profundidade às figuras ficcionais.

O capítulo explora a importância de representar a complexidade humana por meio dos personagens, tornando-os imagináveis e capazes de despertar a empatia dos leitores. A construção de personagens ficcionais é um processo complexo que envolve a atribuição cuidadosa de características físicas, psicológicas e sociais, além de trabalhá-las em ação dentro da trama.

Ao longo do capítulo, será discutida a concepção artística da criação de personagens, destacando a seleção de traços individuais, motivações e conflitos internos e externos que acompanham o desenvolvimento da trama. Será abordada também a diferença entre a visão fragmentária da vida e a visão criada pelo escritor no romance, ressaltando como essa última busca trazer uma sensação de completude e coesão ao leitor.

Em resumo, este capítulo explora a importância e os elementos envolvidos na construção de personagens ficcionais nas obras de Marta Morgado, com base na teoria de Antônio Cândido (1995), Linda Hutcheon (1947), Mikhail Bakhtin (2006) e contribuições de outros estudiosos.

Por fim, no terceiro capítulo apresenta a importância da valorização e reconhecimento da literatura gestual Surda, bem como os desafios enfrentados pela comunidade Surda em relação à inclusão de suas obras nos cânones da literatura. Será discutido como os cânones tendem a excluir vozes e perspectivas alternativas, perpetuando a hegemonia cultural e limitando a diversidade e pluralidade de expressões culturais. O capítulo busca destacar a necessidade de reconhecer e incluir a literatura Surda como uma forma de promover a inclusão e a valorização da diversidade na comunidade Surda.

Ainda, traz as obras literárias de Marta Morgado dentro da literatura gestual Surda e suas representatividades na sociedade contemporânea, apresentada nos livros Mamadu, o herói Surdo, Sou Asas e Luanda, Lua, que envolve temas atuais acerca de discursões étnicos raciais, questões de gêneros, cultura, linguística, socioeconômica e social.

CAPÍTULO 1

A LITERATURA GESTUAL/SURDA PORTUGUESA

Portugal é um país com uma rica tradição cultural, que abrange várias áreas, desde a arte e arquitetura, literatura e música, culinária e tradições populares. Para pensar Portugal dentro da tradição cultural, é importante levar em consideração alguns aspectos fundamentais, como a história rica e complexa, que se estende por vários séculos. Desde os tempos dos romanos, passando pelos Mouros e a Reconquista, até a era dos Descobrimentos e a colonização de várias partes do mundo, a história portuguesa deixou uma marca indelével na cultura do país, como na arquitetura portuguesa que é uma das mais distintas da Europa. Com a arquitetura românica e gótica, passando pelo estilo manuelino e barroco, até o modernismo e o contemporâneo, a arquitetura portuguesa é um reflexo da sua história e tradições, assim como a arte e literatura têm uma tradição rica e diversa. A começar pelos poetas trovadores da Idade Média, passando pelos grandes nomes do Renascimento e do Barroco, até os autores contemporâneos, a literatura portuguesa é uma das mais importantes da Europa. A arte portuguesa também tem um lugar de destaque na história da arte europeia, sem contar o belo repertório musical e gastronômico.

Em resumo, pensar Portugal dentro da tradição cultural é reconhecer a riqueza e diversidade das suas tradições e patrimônio cultural, que foram moldados pela história e pela influência de diferentes povos e culturas ao longo dos séculos. Portugal destaca-se pelos seus escritores que, com suas obras, levaram conhecimento pela leitura, ainda que fragmentado, da sua terra e da sua história; com isso, consagrando vários autores e os colocando no cânone literário.

1.1 – Aspectos gerais sobre os Estudos sobre Literatura Gestual Portuguesa

A literatura é uma manifestação cultural que acompanha a humanidade desde o momento em que sentiu a necessidade de registrar suas memórias, fossem elas da caça ou do

plântio, sendo em formato narrativo ou não, passando pelos registros das expressões de sentimentos. Nesse sentido, como apresenta Karin Strobel (2013), a literatura, na perspectiva dos Estudos Surdos - mas não só, “traduz a memória das vivências Surdas através das várias gerações dos povos Surdos³.” (STROBEL, 2013, p. 68).

Discutindo sobre o conceito de literatura, Leyla Perrone-Moisés (1996) diz que a literatura abrange um conceito fluido e dinâmico, que muda ao longo do tempo, de acordo com as práticas culturais e sociais de cada época. Perrone-Moisés propõe que a literatura é uma forma de conhecimento que se baseia na linguagem e na criação estética, e que pode ser definida por suas características formais e temáticas, pois, a literatura é um tipo de arte que usa a linguagem como um meio de expressão e representa a realidade de maneiras diversas e complexas que é caracterizada pela sua estética, ou seja, pela maneira como as palavras são organizadas e pelos efeitos que elas produzem no leitor.

A literatura, segundo a autora, é uma criação artística que tem o poder de afetar e transformar a visão de mundo de seus leitores. No entanto, a literatura é um conceito mutável que pode ser influenciado pelas mudanças sociais e culturais, sendo um produto da cultura e, como tal, é afetada pelas transformações que ocorrem na sociedade e reflete as condições sociais e históricas de um povo. E por essa literatura ser mutável, várias foram as tentativas de se chegar a uma definição, mas, mais que se definir o que é a literatura, parece ser mais importante, neste momento, discutir sobre os efeitos que ela pode produzir sobre seus leitores e ou escritores. Nesse sentido, a literatura é da ordem democrática, não se limita a um público, pois, suas transformações e aclimações vão contribuindo de forma significativa para um determinado povo, por exemplo: o Sujeito Surdo, justamente por ser uma expressão de vivências, como dito anteriormente.

No que concerne à história da literatura do povo Surdo, entendemos que é preciso voltar ao passado, em busca de elementos que nos permitam fazer reflexões e, conseqüentemente,

³ Segundo Strobel, “**Comunidade Surda** de fato não é só de sujeitos Surdos, há também sujeitos ouvintes, membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em urna determinada localização. Em que lugares? Geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. Quando pronunciamos “**Povo Surdo**”, estamos nos referindo aos sujeitos Surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por urna origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a Cultura Surda e quaisquer outros laços” (STROBEL, 2008, p.31).

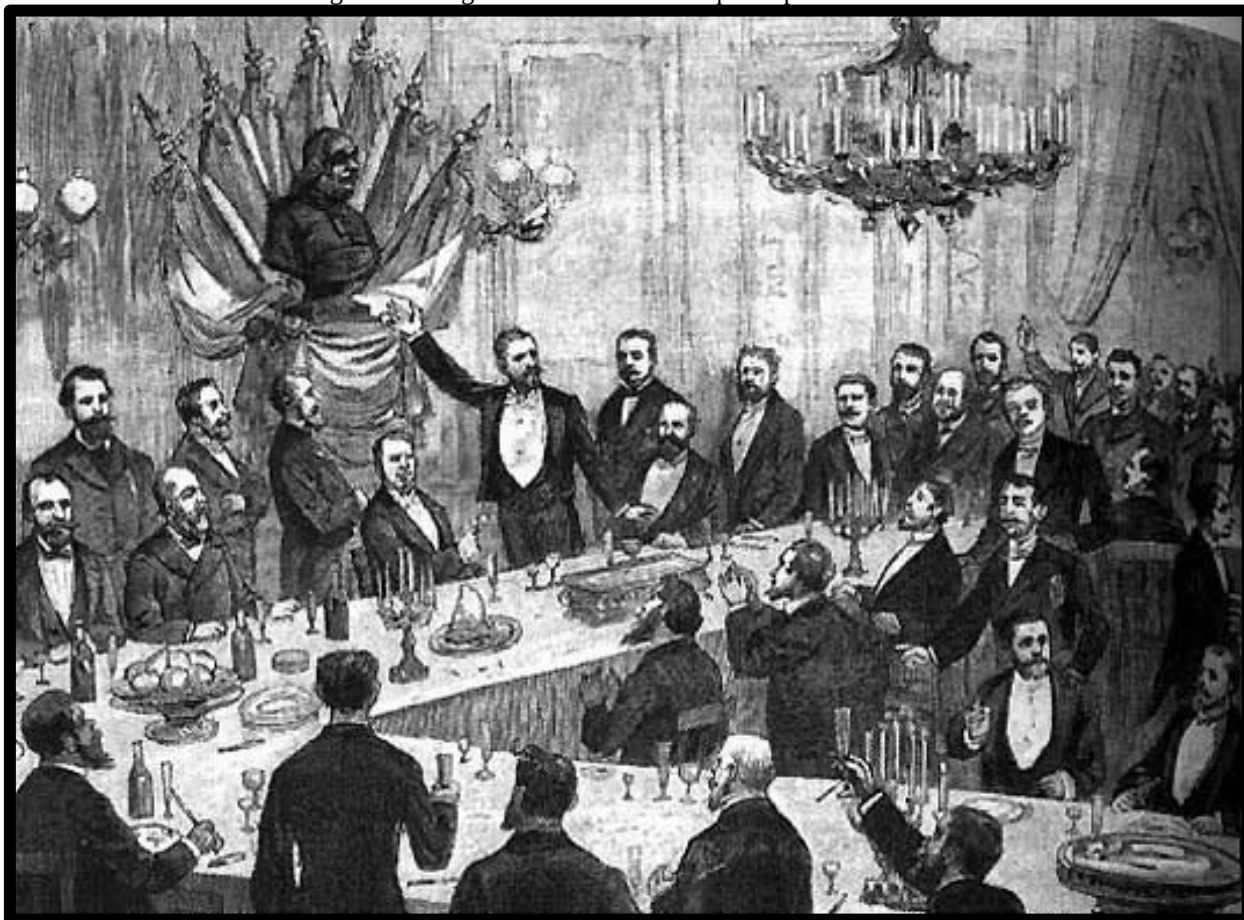
compreender possíveis detalhes referentes a esses sujeitos Surdos. A esse respeito Peixoto (2016) observou que:

[...] na realidade esta habilidade criativa tão natural que alguns surdos possuíam e ainda possuem, pegavam todos na plateia ou roda de conversa, de surpresa. Era um ato despretenso de homenagem, celebração, comemoração, reivindicação, luto, demonstração de carinho, porém sem maiores holofotes, valorização artística e muito menos comercialização desses textos sinalizados do gênero narrativo e poético, que eram transmitidos de geração para geração por uma tradição sinalizada ou tradição visual. (PEIXOTO, 2016, p. 13-14).

Diante do exposto, percebemos que, mesmo diferente do que conhecemos hoje, os Surdos tinham uma forma própria de criar textos literários. Portanto, não podemos negligenciar sua especificidade, pois a valorização e/ou reconhecimento de sua cultura é o ponto de partida para a divulgação de suas obras (PERLIN; STROBEL, 2014).

Mesmo sem o devido crédito, entendemos que é necessário mencionar os prováveis momentos em que houve conhecidos textos literários que ficaram marcados por serem fruto de contatos entre Surdos durante os momentos em que se reuniam. Em relação às obras literárias, sabemos que em meados do século XIX é provável que a transmissão literária por contato surdo-surdo, mesmo sem qualquer tipo de registro, ocorresse durante os banquetes para Surdos (PEIXOTO, 2020, p. 39).

Figura 1 - Imagem ilustrativa dos banquetes para Surdos



Fonte: FISCHER, Renate & LANE, Harlan (eds.) *Looking Back International Studies o Sign Language and Communication of the Deaf*. SIGNUM PRESS. 1993. v.20

Esse banquete era um território Surdo, como comunidade Surda, e teve início em 1834, em homenagem ao Abade Charles Michel de L'Épée, com o intuito de celebrar o 122º aniversário do seu nascimento. Segundo Carvalho (2007), “Este banquete tornou-se num evento anual e foi utilizado pelas pessoas Surdas como fórum, para publicitar as suas exigências. Foi assim que, no meio da dor e do sofrimento das injustiças que sentiam na pele, nasceu o movimento Surdo”. (CARVALHO, 2007, P. 85).

Com o passar dos anos o interesse pela literatura gestual/surda, surge fortemente, ou seja, buscou-se identificar e valorizar as manifestações através das marcas históricas, de identidades e de culturas dos Sujeitos Surdos, ainda que sua divulgação seja ainda precarizada.

No artigo *Literatura Surda e a questão do essencialismo: o nascimento de uma tradição* de Luís Cláudio da Costa Carvalho, publicado em *Pensares em Revista* / 2019, o autor nos apresenta o período de difusão das produções literárias ou, se preferirem, paraliterárias,

nomeadas literatura para Surdos, bem como das controvérsias teóricas sobre o assunto surgem na última década do século passado. No entanto, tal fenômeno, a literatura Surda, é apresentado, por entendimentos teóricos hegemônicos na área, como se sempre tivesse existido.

Para Karnopp (2006), a literatura Surda começa a se fazer presente entre nós apresentando-se talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa’. “A literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas” (KARNOPP, 2006, p.4).

Pesando, particularmente, a Literatura Gestual Portuguesa, Marta Morgado em seu livro *Literatura das Línguas Gestuais*, publicado em 2011, busca traçar uma definição de Literatura afirmando que “A Literatura da Língua Gestual, enquanto ferramenta indispensável para o desenvolvimento linguístico, deve ser transmitida na língua materna para que a criança Surda possa adquirir plenamente as suas competências linguísticas” (MORGADO, 2011, p.34).

A escritora Marta Morgado, nasceu em Lisboa/Portugal, é uma pessoa Surda e sempre teve uma relação muito próxima com a língua visual e gestual. É licenciada em Educação de Infância na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, tem a equivalência ao Curso de Formação de Formadores de Língua Gestual Portuguesa (LGP)⁴, da Associação Portuguesa de Surdos, é mestre em Educação de Surdos e Língua Gestual Portuguesa na Universidade Católica Portuguesa, tem o curso de especialização em LGP e Surdez da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Leciona no Centro Educação e Desenvolvimento (CED) Jacob Rodrigues Pereira da Casa Pia de Lisboa desde 1997, coordena o subdepartamento de LGP no mesmo CED desde 2005. Coordenou e concebeu materiais multimídia naquele CED, como *Os meus primeiros gestos e os manuais* do 1º ciclo para a disciplina de Língua Gestual Portuguesa A Turma do Jacob.

É ainda autora de três livros infantis *Mamadu, o herói surdo*, *Sou Asas e Luanda*, *Lua*, coautora do dicionário escolar de Língua Gestual Guineense e do Programa Curricular de LGP da Pré-Escola ao Ensino Secundário da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento

⁴ Em Portugal a língua de sinais é conhecida como: **Língua Gestual Portuguesa – LGP**, reconhecida pela Constituição República Portuguesa (artigo 74.º, ponto 2 e alínea h), em 1997.

Curricular, seus livros abordam questões como identidade, pertencimento e diferença, com uma abordagem poética e delicada.

Além de sua produção literária, Marta também é ativista dos direitos das pessoas surdas em Portugal, tendo participado de diversos projetos e iniciativas de promoção da inclusão e da acessibilidade. Morgado tem uma ampla atuação na área da surdez e inclusão, como no coletivo artístico, que tem como objetivo promover a arte e a Cultura Surda em Portugal, através de performances, exposições e eventos que valorizam a língua gestual e a Cultura Surda. Marta Morgado também é idealizadora de vários projetos, que tem como objetivo incentivar a leitura e a escrita em língua gestual portuguesa. Os projetos estimam oferecer oficinas de escrita criativa para Surdos, além de produzir conteúdo em vídeo e em língua gestual, além de atuar na formação de profissionais que trabalham com Surdos, é professora no Curso de Formação de Intérpretes de LGP do Instituto Politécnico de Setúbal e tem ministrado cursos e workshops em diversas instituições em Portugal e no exterior.

No campo cultural dos Estudos Surdos, Marta Morgado, tem o objetivo de formar leitores críticos no sentido de ampliar concepções acerca da sua realidade social, as obras da escritora portuguesa objetiva incentivar e valorizar o sujeito Surdo nos mais diferentes contextos, fazendo com que a literatura seja canal direto para alcançar o mundo nas suas diferenças.

Morgado (2011), salienta que as manifestações artísticas - literárias dos Surdos sempre estiveram presentes nos mais diversos espaços, como nas associações, escolas, reuniões e eventos organizados pela comunidade Surda, porém nunca houve nenhum tipo de preocupação em registrar essas produções, já que não havia valor simbólico como objeto cultural. Esses espaços eram apropriados para criação de vários gêneros na literatura gestual/Surda e foram de suma importância para os Surdos.

A Literatura Surda conforme Morgado (2011), não tem que ser necessariamente contada em língua de sinais, podendo ser escrita, desde que o tema principal seja sobre os Surdos. Um exemplo é o livro *O Grito da Gaivota* de Emanuelle Laborit, que retrata sua própria biografia de forma escrita, tonando-se um dos livros mais conhecidos em Portugal quando se fala em literatura Surda.

Figura 2 - Livro de literatura Surda Francesa da autora Emmanuelle Laborit



livro-surdez-o-grito-da-gaivota/. Acesso em: 12 de jun. 2023.

Já a literatura Gestual tem como foco aquelas que são contadas em língua de Sinais, podendo ser tratado temas relacionados a cultura, tradição, identidade Surdas ou não. Como as fábulas e contos de fadas que não são necessariamente abordados temas sobre os Surdos, mas podem ser interpretadas em língua gestual.

O registro da literatura da Língua Gestual Portuguesa é muito recente, mas acredita-se que seu surgimento inicia no ano de 1823 com a fundação da primeira escola de Surdos em Portugal, o Instituto Jacob Rodrigues Pereira (IJRP), que desde a sua fundação, tornou-se a principal escola de referência para o ensino de Surdos. A educação de Surdos em Portugal foi iniciada essencialmente pela criação deste Instituto de “surdos-mudos” e que ficou marcada, por ação do rei D. João VI que traz para Portugal o sueco Per Aron Borg professor de Surdos, com o objetivo de implantar o ensino de “surdos-mudos” como afirma Santos (1913). Este instituto foi pouco tempo depois integrado na Casa Pia de Lisboa (CPL) que iria dar origem, em 1922, ao Instituto de Jacob Rodrigues Pereira.

A literatura surda portuguesa envolve a produção de narrativas e histórias contadas por meio da língua gestual. Esta literatura tem sido usada como um meio para representar a experiência Surda, transmitir conhecimento, contar a história e cultura do povo Surdo, bem como fornecer um veículo para autodefinição, autodeterminação e resistência política. Além disso, a literatura Surda portuguesa oferece oportunidades para os Surdos expressarem suas inquietações e desafios por meio de narrativas e histórias. Ela também pode ajudar a melhorar a educação e acessibilidade para os Surdos, pois ela fornece um meio para o ensino da língua de sinais e aumenta a conscientização acerca da comunidade Surda.

1.2 – A literatura Surda e o cânone da literatura

Os cânones da literatura são considerados uma espécie de guia que definem as obras mais importantes e influentes da literatura de uma determinada época, país ou região. Esses cânones são estabelecidos por acadêmicos, críticos literários e escritores renomados e servem como uma espécie de medida de qualidade literária. A literatura é um dos principais meios de expressão cultural e artística da humanidade, e os cânones da literatura são as obras consideradas mais admiráveis e dominantes dentro de determinado contexto histórico e cultural.

A importância dos cânones da literatura é para definir o que é considerado de valor dentro de uma determinada época e sociedade. Eles são essenciais para a preservação e difusão da cultura e do patrimônio literário, e permitem que as gerações futuras tenham acesso a obras significativas que moldaram a história e a cultura. Além disso, os cânones da literatura têm um papel importante na formação de identidades culturais e nacionais e são, muitas vezes, usados para definir o que é considerado "bom" e "ruim" na literatura. Sobre isso, Antoine Compagnon nos chama atenção à seguinte ideia:

Evidentemente, identificar a literatura com o valor literário (os grandes escritores) é, ao mesmo tempo, negar (de fato e de direito) o valor do resto dos romances, dramas e poemas, e, de modo mais, geral, de outros gêneros de verso e de prosa. Todo julgamento de valor repousa num atestado de expulsão; dizer que um texto é literário subentende sempre que um outro não é. O estreitamento institucional da literatura no século XIX ignora que, para aquele que lê, o que ele lê é sempre literatura, seja Proust ou uma fotonovela, e negligência a complexidade dos níveis de literatura (como há níveis de língua)

numa sociedade. A literatura, no sentido restrito, seria a literatura culta, não a literatura popular (COMPAGNON, 1999, p.33).

No entanto, a literatura Surda tem sido muitas vezes negligenciada e ignorada pelos cânones literários convencionais. Isso ocorre em parte devido ao fato de que a literatura Surda é uma forma de expressão cultural relativamente nova e ainda pouco conhecida, além da falta de reconhecimento e inclusão da surdez como uma identidade cultural e linguística. Como resultado, as obras literárias Surdas muitas vezes são vistas como menos valiosas ou inferiores às obras literárias convencionais. Todavia que, muitas vezes há uma falta de tradução das obras literárias Surdas para outras línguas, o que dificulta a sua compreensão e reconhecimento fora da comunidade Surda.

Reconhecer a importância da literatura Surda é necessário para incluí-la nos cânones literários, dando valor a expressão cultural e artística que refletem a experiência Surda e sua identidade linguística. Contudo, a literatura Surda tem o potencial de desafiar e expandir os limites da literatura, com sua representação e preservação da cultura e da sua história. Karnopp (2010), aborda que na produção de textos literários em língua de sinais, podem ser afirmando que: a literatura Surda se destaca por incorporar em suas narrativas a língua de sinais, a identidade e a Cultura Surda.

Segundo Karnopp (2006), a literatura surda:

é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente, apresenta em sua narração em língua de sinais, a identidade e a cultura surda. (KARNOPP, 2010 p.161).

Contudo, Morgado (2011, p.21) coloca em xeque essa concepção ao afirmar que: “a Literatura Surda não tem que ser contada exclusivamente em língua de sinais, pode ser escrita, desde que o tema seja sobre Surdos.”

As obras literárias Surdas muitas vezes exploram temas e experiências únicas da comunidade Surda, e podem oferecer perspectivas e narrativas diferentes daquelas encontradas

na literatura convencional. Portanto, é importante reafirmar que a literatura Surda seja reconhecida e incluída nos cânones da literatura, de forma a garantir sua preservação e difusão para as gerações futuras.

Sabe-se que os cânones da literatura são as obras consideradas como clássicos e que estabelecem um padrão de excelência literária em determinado período ou contexto cultural. No entanto, o cânone da literatura, muitas vezes, exclui vozes e perspectivas marginalizadas, incluindo a literatura Surda. Como cita Lambert (2003),

Ao mesmo tempo em que os cânones são fundamentais para a transmissão de conhecimento e cultura, eles também são altamente problemáticos. Os cânones tendem a ser construídos em torno de um grupo privilegiado ou dominante, refletindo os valores, interesses e perspectivas desse grupo. Eles podem excluir ou marginalizar vozes e perspectivas alternativas, perpetuando a hegemonia cultural e limitando a diversidade e a pluralidade de expressões culturais. Além disso, os cânones tendem a ser estáticos e conservadores, resistindo às mudanças e inovações culturais que desafiam as normas e valores dominantes. Em vez de serem vistos como definitivos e imutáveis, os cânones devem ser vistos como dinâmicos e em constante evolução, sujeitos a revisões e críticas constantes que reflitam a diversidade e a pluralidade de perspectivas culturais que existem em nossa sociedade." (LAMBERT, p.158, 2013)

Como o autor relata, é importante ressaltar que os cânones da literatura também podem ser criticados por excluir essas vozes e perspectivas marginalizadas. Por exemplo, a literatura produzida por minorias étnicas, de gênero, e a literatura Surda, muitas vezes é excluída dos cânones da literatura, o que pode levar a uma visão limitada e distorcida da tradição literária de um país ou região. Por isso, é importante que os cânones da literatura sejam constantemente revisados e ampliados para incluir uma diversidade de vozes e perspectivas.

O que o povo Surdo enfrenta com a produção de literatura não se difere do que Ferréz nos chama atenção:

O significado que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi vivido por centenas de escritores marginalizados deste país. Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue sobre nosso território e arrancou a fé verdadeira, doutrinando os nossos antepassados índios, e ao contrário dos senhores das casas grandes que escravizaram os nossos irmãos africanos e tentaram

dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado, mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que a periferia fez arte (FERRÉZ, 2005, p. 10-11).

Podemos comparar através dos desmandos enfrentados pelos povos Surdos durante toda sua história:

Esta história dos surdos é uma decepção, simplesmente reinvocando e reescrevendo a dominação e a exclusão que têm mais frequentemente sido conhecidas como os “marcadores” da experiência histórica das pessoas surdas (WRIGLEY, 1996, p. 38).

Continua:

Pintar psico-histórias de grandes homens lutando para obter um lugar na história das civilizações dos que ouvem tem pouco ou nada a ver com representar as circunstâncias históricas das pessoas Surdas vivendo à margem daquelas sociedades que ouvem (WRIGLEY, 1996, p. 38)

A exclusão da literatura Surda dos cânones é frequentemente devido a uma série de fatores, incluindo a marginalização das pessoas Surdas na sociedade, através da negação e a falta de reconhecimento da língua de sinais como uma língua completa e complexa. Como aponta Antônio Cândido (1995 p.186) em seus estudos “Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade”. Além disso, a literatura Surda, muitas vezes, é produzida e compartilhada de forma diferente da literatura convencional, o que pode dificultar sua inclusão nos cânones literários estabelecidos.

A exclusão dessa literatura Surda tem sido frequentemente refletida ao longo da história de opressão e marginalização dos Surdos e da sua Cultura Surda. As minorias são, muitas vezes, sub-representadas ou totalmente ignoradas em círculos literários e acadêmicos.

Contudo, a literatura Surda também é frequentemente ignorada porque não se encaixa nas convenções literárias dominantes. Por exemplo, muitas obras de literatura Surda podem não seguir as formas narrativas convencionais, como a estrutura do início, meio e fim ou a presença de personagens bem desenvolvidos. Em vez disso, a literatura Surda pode se concentrar mais na expressão de sentimentos, experiências e emoções, o que pode ser visto como menos valorizado ou menos "literário" em comparação com outras formas de literatura.

Os Surdos possuem uma forma única de expressão artística e literária que se desenvolveu em resposta às experiências únicas dos seus povos como uma minoria linguística e cultural. Inclui aqui a poesia, contos, romances, peças de teatro e outras formas de expressão, muitas vezes em línguas de sinais, como a American Sign Language (ASL) ou a Libras (Língua Brasileira de Sinais).

Assim, de acordo com Karnopp (2006), a Literatura Surda é a produção de textos sinalizados que atendem aos indivíduos Surdos como uma expressão de sua cultura literária, permeando outras características dos Surdos, considerados como um grupo linguístico e cultural distinto.

Em suma, os Surdos também são entendidos como sujeitos com diversas facetas em várias esferas, sua existência e vivência no mundo são compartilhadas (ao se encontrarem com outras pessoas Surdas ou não) e sentidas de maneira singular. De maneira geral, o sujeito sente-se compreendido e integrante de uma nação ou grupo, na ordem dos acontecimentos culturais, isto é, na ordem de se transformar, de se tornar e de enfrentar as lutas permanentes de outras pessoas e as suas próprias. (LÓPES & VEIGA-NETO, 2010).

A Literatura Surda é significativa, isto é, possui um valor cultural entre as comunidades Surdas, já que sua base está entrelaçada com os indivíduos, sua língua e, acima de tudo, sua identidade, na qual, por meio das experiências compartilhadas, podem edificar sua cultura, bem como contar histórias e, simultaneamente, adaptar as produções já existentes na Literatura ouvinte para o seu contexto, incorporando essas produções ao patrimônio cultural dos povos Surdos (Woodward, 2000).

Recordando as palavras de Strobel (2018), a Literatura Surda tem como referência em seus aspectos a ampla diversidade de experiências individuais da comunidade Surda. Nesses momentos, os indivíduos narram obstáculos e vitórias em face da opressão dos ouvintes,

enfrentando muitas dificuldades no desenvolvimento de sua identidade cultural e até mesmo na aquisição da linguagem, contando histórias de personagens que servem como estímulo para o empoderamento da cultura do sujeito Surdo.

Então, a construção da identidade cultural do indivíduo Surdo é viabilizada não apenas pela aquisição da língua, mas também por meio da literatura, visto que ela possibilita a elaboração da identificação cultural da comunidade surda que se identifica com sua literatura. Conforme destacado por Karnopp (2008), a Literatura Surda oferece novas representações para o povo Surdo e a afirmação de uma identidade positiva do indivíduo Surdo.

1.3 – A trajetória da Literatura Gestual/Surda em Portugal

Ainda que a língua gestual portuguesa tenha sido reconhecida oficialmente em 1997 e a comunidade Surda tenha conquistado alguns direitos e políticas públicas de inclusão, como a criação da Associação Portuguesa de Surdos, a literatura gestual/surda ainda enfrenta desafios para ser reconhecida e valorizada como expressão cultural e artística legítima.

De acordo com a pesquisadora Eulália Fernandes, a literatura gestual/surda pode ser vista como uma forma de reivindicar o direito à comunicação e à expressão por parte da comunidade Surda, em um contexto em que a língua de sinais ainda é vista como "inferior" ou "inadequada" em relação à língua portuguesa oral. Segundo Fernandes (2013, p. 163), "a literatura Surda pode ser vista como uma forma de valorização da LGP, uma vez que ela permite a criação de textos que refletem a riqueza e a complexidade dessa língua, e que podem ser apreciados e compartilhados pela comunidade Surda".

Outras pesquisadoras que têm se dedicado ao estudo da literatura gestual/surda e que destaca a importância da poesia Surda como forma de expressão artística e cultural são Quadros e Sutton-Spence (2006, p. 112), para elas a “poesia em língua de sinais, assim como a poesia em qualquer língua, usa uma forma intensificada de linguagem [“sinal arte”] para efeito estético”. Ou seja, a poesia Surda é uma arte genuína, que expressa a subjetividade e a identidade Surda por meio de imagens visuais e gestos, criando uma poética própria e única, em outras palavras, Morgado aponta que: “A poesia em língua gestual pura e a poesia traduzida

da escrita para a língua gestual são muito diferentes. A verdadeira poesia em língua gestual é pensada exclusivamente em língua gestual” (MORGADO, 2011, p.59).

Karnopp e Silveira no artigo intitulado: Literatura Surda: Análise Introdutória de Poemas em Libras, publicado em 2013, faz referência a Morgado (2011a, p. 62) onde a autora destaca que a poesia,

estabelece uma comparação entre recursos da linguagem verbal (rima, ritmo, verso, métrica e estrofe etc.) e os recursos dos poemas em línguas de sinais. A autora afirma que os poetas surdos podem usar algumas das seguintes formas:

- modificação de sinais;
- variação de sinais;
- utilização de componentes não-manuais (expressão corporal e facial);
- uso de classificadores; - recorrência a metáforas;
- interiorização de personagens com suas características;
- mudança de papéis para representar diferentes personagens ou situações.

(MORGADO, 2011a, p. 62)

Como já exposto anteriormente, os vestígios da poesia em língua gestual, podem ser mencionados nos banquetes realizados na França, por volta dos anos de 1840. Os Surdos aproveitavam o evento para declamar poemas em língua gestual. Em um contexto mais amplo, a literatura gestual/surda em Portugal pode ser vista como uma forma de literatura marginal, que desafia as normas e os padrões linguísticos e culturais dominantes, e que tem como objetivo promover a inclusão e a valorização das diferenças. Como destaca Lepecki (2006, p. 277), "a literatura Surda é uma literatura da diferença”.

O contexto da literatura gestual/surda em Portugal é um dos mais complexos frente a outros países onde se fala o português. No Brasil e em Angola, a língua gestual é uma língua nacional comum a todos os falantes da língua portuguesa (seja oral ou escrita), em Portugal essa situação não acontece ainda. Fazendo esse balanço, Morgado identifica que existem, em Portugal, duas comunidades linguísticas distintas: uma que fala o Português Língua Geral (PLG)⁵ e outra que faz uso apenas da Língua Gestual Portuguesa (LGP). Essas duas comunidades linguísticas têm diferenças sociais, culturais e políticas que resultam num processo de exclusão social entre elas.

⁵ Aqui compreendem os **Surdos oralizados**.

1.4 – Cultura e Literatura Gestual/Surda

A literatura em língua portuguesa teve sua gênese no século XII, mas foi durante o Renascimento no século XVII que surgiram os grandes escritores literatos e poetas, como afirmado por Quadros (2019). Todavia, é importante salientar que a literatura portuguesa não foi imediatamente acessada pelos Surdos, já que eles não tinham conhecimento do português escrito e eram dependentes de uma comunicação visual de pessoa para pessoa, visto que sua literatura é marcada por diferentes aspectos culturais e identitários.

Foi a partir do século XVIII que foram ocasionadas mudanças no conceito de literatura, passando de um conhecimento subjetivo, representado pelos intelectuais, para tornar-se um objeto cultural, que pode ser estudado e produzido por todas as camadas da sociedade (CANDIDO, 1988)

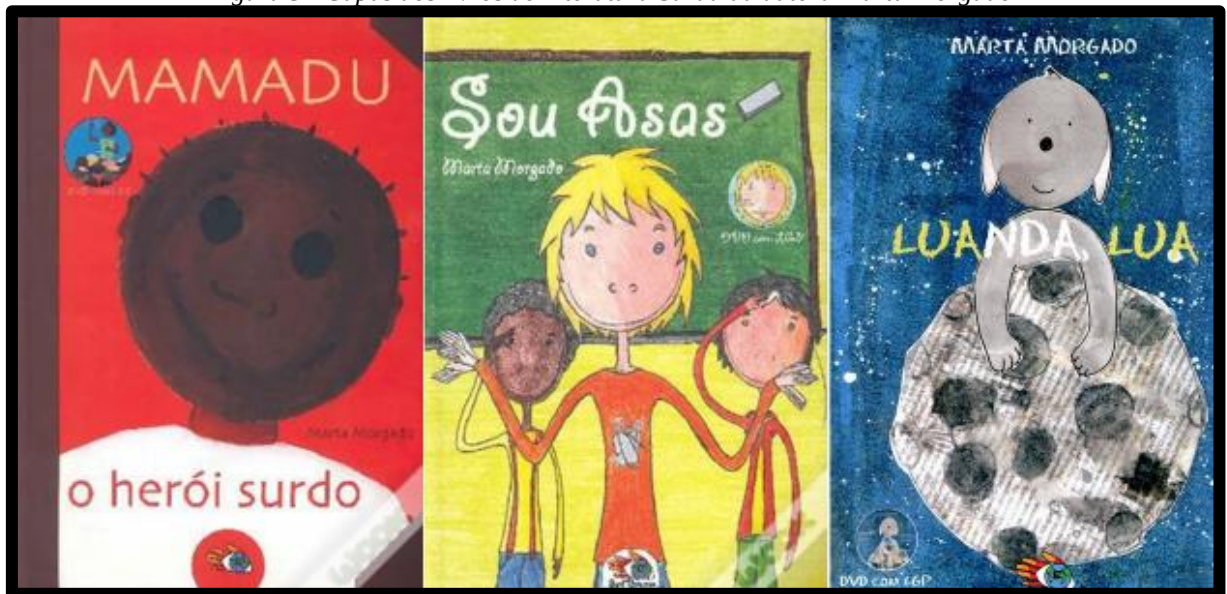
Para Morgado (2014), O texto literário em língua gestual portuguesa constitui uma forma de expressão artística e cultural, que possibilita a criação de mundos imaginários e a transmissão de valores e saberes específicos da comunidade Surda portuguesa. A literatura gestual portuguesa conforme aponta Morgado (2011) é recente, mas acredita-se que ela exista desde o nascimento da LGP, com a fundação da primeira escola de Surdos em Portugal, no ano de 1823, na casa Pia de Lisboa. A autora ainda esclarece que a literatura é uma forma de afirmar a identidade e a Cultura Surda Portuguesa, contribuindo para a sua valorização e respeito, bem como para a defesa da língua gestual portuguesa como língua natural e legítima (MORGADO, 2011, p. 28).

A Cultura Surda é uma cultura minoritária que tem sido historicamente marginalizada e oprimida. No entanto, Morgado defende que a Cultura Surda tem um valor intrínseco e deve ser respeitada e valorizada como uma cultura única e diversa, e a literatura tem esse poder de permitir aos Surdos contar suas próprias histórias e compartilhar suas próprias experiências, não se limitando somente através da língua de sinais, mas inclui também a escrita em português ou em outras línguas.

Assim, Morgado (2011) afirma que “a Literatura Surda não tem que ser contada exclusivamente em língua de sinais, pode ser escrita, desde que o tema seja sobre Surdos e aponte questões referentes às identidades e culturas Surda.” Isso pode ser comprovado em suas

obras, que tem disponível de forma escrita e em língua gestual, seguindo uma proposta bilíngue. Abrindo assim espaços a todos os envolvidos nesta comunidade, sejam eles ouvintes ou Surdos, pois o objetivo sempre é evidenciar a Cultura Surda e propagar estes textos literários a todos. Vale ressaltar que todas as ilustrações nas obras de Morgado, são produzidas por ela mesma.

Figura 3 - Capas dos livros de Literatura Surda da autora Marta Morgado



Fonte: <https://images.app.goo.gl/fTWtNx3Y4zSsRWm5A>. Acesso em: 12 de jun. 2023.

Figura 4 - Capa dos DVD das obras da autora Marta Morgado



Fonte: <http://surduniverso.pt/>. Acesso em: 12 de jun. 2023.

A autora acredita que a literatura Surda é fundamental para o desenvolvimento da identidade e autoestima dos Surdos, pois, através da literatura gestual/surda, os Surdos podem encontrar personagens e histórias que se assemelham às suas próprias experiências e se sentem representados na sociedade. Além disso, a literatura Surda também pode auxiliar os Surdos a

superarem a opressão e a discriminação que muitas vezes enfrentam, encontrando força e inspiração para lutar por seus direitos e por uma sociedade mais inclusiva.

Embora a literatura Surda seja uma forma importante de expressão cultural para os Surdos, a produção e difusão dessa literatura, ainda enfrentam muitos desafios. Por ser uma forma de arte e literatura relativamente nova, muitas editoras e distribuidoras não estão familiarizadas com esse novo modelo de literatura e não investem em sua produção e difusão. Sem mencionar que ainda muitos Surdos têm acesso limitado à educação e à alfabetização, o que dificulta a produção desse tipo literatura gestual/surda em grande escala.

Em entrevista escrita e concedida por Marta Morgada via e-mail ao autor dessa dissertação, a autora solicitou que o seu texto passasse por uma correção ortográfica, por ser Surda e a língua portuguesa ser a sua segunda língua, Morgado pontua que:

Em Portugal ainda tem muito pouco literatura surda comparando com o resto do mundo ou mesmo no Brasil. Eu penso que o Brasil está muito à frente com a literatura em língua gestual, em Portugal podemos ver que há surdos muito competentes para contar histórias, para fazer poemas em língua gestual. Precisamos de investir mais nisso através de workshops e formações com professores surdos. Há pouco tempo descobri que temos jovens surdos portugueses com o dom de fazer Visual Vernacular⁶, eu fiquei muito feliz. Eu espero depois de Doutorado, recolher toda a literatura existente e dar lhes mais valor, como por exemplo criando um website exclusivo para a Literatura Surda Portuguesa. Entretanto na minha área é mais na literatura infantil escrita e que também merece mais atenção, eu acredito que temos talentos surdos que escrevem histórias infantis para surdos. Mais uma vez precisamos de investir mais nesta área em Portugal. (MORGADO, 2023).

Marta Morgado, é uma das vozes mais importantes na discussão sobre a importância dos cânones da literatura na literatura Surda. Em seus trabalhos, é perceptível, através da sua escrita ou gestos visuais, que, para ela, a literatura é uma fonte de inspiração e referência cultural para os escritores Surdos, podemos dizer que a literatura Surda pode se beneficiar da influência dos cânones da literatura, desde que essa influência seja consciente e crítica, incorporando elementos dos cânones da literatura na literatura Surda, de forma a enriquecer e ampliar as

⁶ **Visual Vernacular (VV)**, é um termo especializada na área da literatura Surda que representa a arte sistematizada, uma forma estética experimental que mescla em sua estrutura a narrativa, a dramatização, a dança e a imagem e que se desenvolve a partir de uma construção linguística visual e motora, composta por elementos dramáticos, movimentos corporais e de expressões faciais e ligada às línguas de sinais,

possibilidades de expressão dos escritores Surdos, sem abrir mão da identidade e singularidade da literatura Surda.

Em suma, a perspectiva de Marta Morgado sobre cultura e literatura Surda destaca a importância da literatura gestual/surda na construção da identidade e autoestima dos Surdos, bem como na promoção da sua Cultura Surda.

É válido ressaltar que a literatura Surda é uma forma de expressão que permite aos Surdos compartilharem suas experiências e pensamentos de maneira única. Para a escritora Surda Karin Strobel, a escrita é uma oportunidade para quebrar as barreiras da comunicação que muitas vezes os Surdos enfrentam no mundo majoritário ouvinte.

Ainda, de acordo com Strobel (2008), a literatura Surda não se trata apenas de expressar-se em língua de sinais, mas também de criar uma linguagem visual que possa transmitir todo o espectro emocional que normalmente é transmitido por meio da fala. Essa Literatura ajusta-se em diferentes gêneros como a poesia, história de Surdos, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas, Slam Surdo⁷, piadas e outras amostras culturais. Tudo isso é uma forma de criar uma nova literatura, que usa o corpo como instrumento para transmitir metáforas e emoções. Assim a própria Karin Strobel, nos deixa esse exemplo de piada para um entendimento melhor.

Na maioria das vezes estas piadas e anedotas envolvem a temática das situações engraçadas sobre a incompreensão das comunidades ouvintes acerca da cultura surda e vice-versa, como é o caso da popular piada "A árvore surda": o lenhador que grita "madeira" para uma árvore surda e ela não cai, e a árvore só cai quando o lenhador aprende a soletrar "m-a-d-e-i-r-a"⁸. O sujeito surdo ao contar esta piada, incorpora os personagens com as expressões corporais e faciais e os diálogos, usando a língua de sinais, o que faz com que os expectadores prendam a respiração no desenrolar da história humorística para depois caírem na risada. (STROBEL, 2008, p. 59)

⁷ **Slam** é uma batalha de poesias, um jogo, uma celebração. Slam do Corpo é o primeiro Slam de Surdos e ouvintes do Brasil. Duplas de poetas (um surdo e um ouvinte) se apresentam ao mesmo tempo em português e Língua Brasileira de Sinais, criando um encontro potente entre as línguas.

⁸ Piada: O Lenhador e a árvore Surda, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wiYQr6Fb2pg>.

A piada humorística retrata uma marca forte da Cultura Surda, que muitas vezes o ouvinte não consegue experimentar o humor que tem por trás dela, o que pode acontecer se for o oposto, uma piada da cultura ouvinte pode não ter muito sentido para os Surdos.

A autora enfatiza que a literatura Surda é importante porque permite que os Surdos sejam os formuladores da sua própria história e cultura. Dessa maneira, eles podem criar um grupo cultural que é, tanto Surdo quanto literário. As obras de literatura Surda, portanto, têm uma importância única na construção da identidade Surda. Além disso, para Strobel, a literatura Surda é muito mais do que um simples meio de comunicação. Ela é uma forma de arte, que permite que os Surdos se expressem artisticamente e demonstrem suas habilidades criativas.

Através da literatura Surda, os sujeitos Surdos podem exercer sua imaginação e contar histórias únicas que são exclusivamente de sua própria criação. Destaca ainda como a língua de sinais é incorporada à literatura Surda e como a Cultura Surda é representada de maneira autêntica e positiva. Ela também ressalta a importância da acessibilidade na literatura Surda e como as barreiras linguísticas e culturais podem ser superadas para permitir que esse tipo de literatura seja acessível a todas as pessoas Surdas, independentemente da língua de sinais utilizada ou do nível de fluência em português escrito, e reforça que é preciso criar condições para que as pessoas Surdas possam ter acesso a essa forma de expressão cultural tão importante.

Em resumo, Karin Strobel, em seu livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*, publicado pela editora da UFSC no ano de 2008, aborda que a literatura Surda é uma forma importante de resistência cultural, destacando a importância da representação positiva da Cultura Surda e da acessibilidade na literatura Surda.

Para Luiz Cláudio da Costa Carvalho (2018), a literatura Surda nasce através da tradição de debates entre seus pares, em termos históricos, que é muito recente. O período de difusão das obras literárias Surdas, é marcada no final do século passado, porém, esse tipo de literatura é apresentado por concepções teóricas hegemônicas no campo, como se a mesma sempre existisse. Carvalho ainda nos diz que:

O fato é que há expressões intocáveis, como totens e tabus. E que militância e reflexão acadêmica são territórios tidos como inseparáveis. Uma dessas expressões é “Literatura Surda”. E o estado da discussão é sempre pautado por parâmetros relativos à fé e à aceitação. Ao estudioso que revela sua intenção

de estudar expressões de textos conotativos produzidos em Libras ou sobre o tema da surdez sempre se impõe a pergunta, especialmente se o seu “lugar de fala” é o de ouvinte: você acredita ou não na existência da “Literatura Surda”? Não tratamos aqui de explicitar uma opinião, mas, sim, de narrar um acontecimento vivido e revivido em toda uma já longa trajetória de experiência docente. Se responder “sim”, será um dos nossos. Caso responda “não”, será um “ouvintista”. Nossa resposta é, evidentemente, “sim”. Seja lá o que for, é óbvio que existe Literatura Surda e que ela ocupa um lugar importante no universo simbólico dos sujeitos surdos que se narram como exclusivamente integrantes de uma minoria linguística. (CARVALHO, 2019, p.210-211).

O que Luiz Cláudio da Costa Carvalho vem chamar atenção nesse fragmento é sobre a existência da literatura Surda, que infelizmente ainda é pouco difundida e propagada. O autor destaca no seu livro intitulado: *Lendas da Identidade, o conceito de literatura Surda em perspectiva*, publicado pela editora Appris no ano de 2019, a autora Lodenir Becker Karnopp, e aponta que a citada, é referência fundamental no Brasil, e o centro do cânone nas discussões teóricas sobre a Literatura Surda.

Um dos fragmentos que Karnopp nos apresenta sobre a existência da literatura Surda pode ser apreciada logo a seguir:

[...] enquanto a Libras não era reconhecida ou enquanto era proibida de ser usada nas escolas, também não existiam publicações ou o reconhecimento de uma cultura surda ou de uma literatura surda. O ensino priorizava o aprendizado da fala e da língua portuguesa. Nas escolas, não havia espaço nem aceitação para as produções literárias em Sinais. No entanto, acreditamos que entre os surdos circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a língua de Sinais. Especificamente no panorama brasileiro, é possível constatar ainda que para muitas pessoas torna-se irrelevante e, para outras, decisivamente incômoda, a referência a uma cultura surda. (KARNOPP, 2010, p.3)

O retorno ao passado de pureza étnica é obtido através do exercício intelectual de comparar o sujeito surdo e seu povo com as sociedades ágrafas de um mítico passado primitivo. Dentro deste viés, naturalista e romântico, a Literatura Surda “sempre existiu” entre a comunidade surda originária, mas, só pode ser estudada nos dias de hoje. Aos não iniciados no discurso hegemônico entre os surdos e seus intelectuais que se narram como exclusivamente uma minoria linguística pode soar estranho, mas, os surdos são descritos em termos semelhantes aos povos em situação de ocupação colonial, como os povos indígenas, ou em situação de diáspora, como os afrodescendentes. Em oposição à visão clínica da surdez, a comunidade surda narra a si própria como uma etnia.

É preciso que a Literatura Surda “sempre tenha existido” para que possa ter o mesmo valor da hegemônica Literatura Brasileira, segundo a ótica do espelhamento binário emancipacionista que se reflete no fantasma do povo opressor. Mas, cabe perguntar, o oposto binário ideal para a narrativa-mestra aqui presente não seria uma suposta Literatura Ouvinte, em geral, e não a Literatura Brasileira? (CARVALHO, 2019, p.213)

Karnopp, começa a apresentação da literatura Surda, retomando conhecimentos adquiridos juntamente com seus alunos, através da disciplina: Introdução aos Estudos Literários, ofertados no curso de Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que tinha como foco dedicar-se aos estudos da literatura brasileira paralelamente com a literatura Surda. Entretanto é necessário fazer a significativa ressalva:

Na presente disciplina, Literatura Surda, seguiremos uma proposta semelhante no que se refere à identificação de obras e autores. Obviamente que nesta disciplina não é possível percorrer séculos, localizar e apresentar textos escritos ou vídeos produzidos por surdos de 1500 ou de séculos passados, pois não temos documentação e vídeos são uma invenção recente, de apenas algumas décadas. A Literatura Surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em Sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. (KARNOPP, 2012, p2).

Neste contexto, prova-se que a literatura Surda, sempre esteve presente, o que infelizmente marcou foi o fato de não existir uma maneira concreta de registrar essa literatura, muitas delas perderam-se com o tempo por falta de registros, pela não aceitação de uma literatura diferente que, às vezes, era julgada pela forma de como era produzida. Carvalho nos chama atenção com relação ao julgamento relata:

Há uma frase, atribuída a Spinoza, que cito de memória, segundo a qual “julgar a Humanidade pela sua história é, mais ou menos, como julgar uma pessoa que conhecemos há apenas 20 minutos”. Ou seja, o Iluminismo, o Romantismo e seus derivados todos (idealistas, positivistas e materialistas) chamam arrogantemente de História correspondente a um período íntimo do percurso humano sobre a Terra. Mas quem professa fé em Povos Heroicos, respectivamente, irá crer também em linearidades históricas.

E não terá olho para ver, mãos para sinalizar ou boca para testemunhar que isto que chamamos de escrita é uma tecnologia quase tão recente quanto as nossas contemporâneas técnicas de filmagem e edição de filmes (e sua espetacular demonstração, ocorrida graças à difusão das tecnologias digitais) CARVALHO, 2019, p. 40).

O certo é que a literatura Surda resistiu e resiste até o momento, porém hoje com a tecnologia é possível fazer registro através da escrita, por vídeos e pelo sistema Sign Writing⁹.

Sign Writing é um sistema de escrita visual direta de sinais. Ele é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das Línguas de Sinais (i.e., os quiremas ou configurações de mãos, sua orientação e movimentos no espaço e as expressões faciais associadas), do mesmo modo como o Alfabeto Fonético Internacional é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas faladas (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001. p. 55).

Um exemplo dessa escrita pode ser visto no exemplo da figura 5, a seguir:

Figura 5 - Escrita de sinais – Sign Writing

SURDO	HISTÓRIA	EDUCAR	LUTAR	CONSEGUIR

Fonte: CAPOVILLA, F.C. RAPHEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I e II*. São Paulo: EDUSP. 2001. P. 450, 572, 735, 831, 1223

⁹ **SignWriting** (escrita gestual, ou escrita de sinais) é um sistema de escrita das línguas gestuais (no Brasil, línguas de sinais), criado pela bailarina Valerie Sutton, em 1974, sob os auspícios da Universidade de Copenhagen. Sutton havia criado um sistema de escrita coreográfica que interessou aos estudiosos dinamarqueses que tinham a intenção de desenvolver formas de escrita para as línguas de Sinais. É um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Ela expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação através de símbolos que são combinados para formar um sinal específico da língua de sinais.

Não segue a ordem usual de outros sistemas de escrita, nem a ordem da língua oral do país onde está inserida. (STUMPF, 2004)

Encontra-se disponível na internet um site na qual existem todos os elementos para se utilizar essa forma de registro. URL <http://www.signwriting.org>.

O *Dicionário Enciclopédico Trilíngue Ilustrado*, de Capovilla e Raphael (2001) foi o primeiro livro a apresentar o sistema de escrita de sinais *Sing Writing*, no Brasil, juntamente com a Língua Brasileira de Sinais e suas regras de uso.

Luiz Cláudio da Costa Carvalho, acredita que a literatura surda tem um papel importante na promoção da diversidade cultural e no combate ao preconceito. Segundo ele, a literatura surda é uma forma de reconhecimento e valorização da cultura e identidade surda, e contribui para a inclusão e a promoção da diversidade linguística. As primeiras manifestações da literatura Surda começam a surgir como registros autobiográficos, onde fica nítida a busca por um lugar social e onde, ao mesmo tempo, encontram-se marcas da resistência, como, por exemplo em *A história da minha vida*, da escritora cega e Surda inglesa, Hellen Keller, publicado em 1903, *O Grito da gaivota*, da Surda francesa, Emmanuelle Laborit, publicado em 1994, e o *Despertar do Silêncio*, da Surda brasileira Shirley Vilhalva, publicado em 2004, apenas para citar três das importantes obras que são muito lidas no rol dos estudos da literatura Surda. Essas narrativas confessionais corroboram com o fortalecimento de suas tradições culturais e recuperam sua história outrora suprimida.

Contribuindo com esse debate, Neiva de Aquino Albres (2012) afirma que a literatura Surda é uma forma de expressão cultural que foi amplamente desconsiderada por muitos anos devido à invisibilização dos seus direitos, e defende ainda que esse tipo de literatura é essencial para conectar-se com a Cultura Surda através da língua de sinais expressando suas criações literárias com intuito de conseguir conectarem a si mesmos, pois a literatura é fundamental para a formação do indivíduo, sendo ela transmitida de geração para geração pela literatura oral ou pela literatura escrita. Albres aponta ainda que as pesquisas na área de educação e literatura são de suma importância para a língua de sinais na educação de Surdos, fortalecendo a educação bilíngue (ALBRES, 2012, p. 3)¹⁰.

A literatura produzida pelas comunidades Surdas vem cada vez mais sendo disponível no formato bilíngue, indicando que elas passam por processos de traduções antes de se tornarem disponíveis ao público nos formatos da língua oral escrita, na escrita da língua de sinais e na língua de sinais.

¹⁰ Ampliando essa discussão, Karnopp e Mourão pensando a literatura Surda no Brasil afirmam que essas investigações acerca da língua gestual e a literatura envolvem o estudo de narrativas e histórias contadas por Surdos em Libras (KARNOPP, 2010; MOURÃO, 2012). Esses fatos propiciariam reflexões sobre a tradução/interpretação da literatura Surda e infantil para a produção de material digital português/libras (RAMOS, 2000; ALBRES, 2012).

Como citado anteriormente, a literatura Surda é uma forma de resistência à exclusão, pois permite que os Surdos se conectem e compartilhem suas histórias e seus pontos de vista. A autora destaca que “a literatura surda é uma forma de expressão que permite que os Surdos criem e se expressem de forma própria, reivindicando direitos e visibilidade para a Cultura Surda”. Ela também argumenta que a literatura surda também pode ser usada para aproximar a comunidade surda da sociedade em geral, a fim de promover a inclusão.

Sutton-Spence (2006), ainda argumenta que a literatura surda é uma expressão artística que emerge de uma comunidade minoritária e, portanto, tem uma importância cultural e histórica significativa. Além disso, ela enfatiza a importância da língua de sinais como um elemento fundamental na literatura Surda, pois é a língua que permite a expressão criativa da comunidade Surda. Para Sutton-Spence, a literatura Surda deve ser vista como uma forma de arte que reflete a cultura e a identidade Surda.

Essa literatura deve ser tratada como um artefato ou evento linguístico não cotidiano que vai além da mera comunicação. A linguagem é importante na literatura, cujo objetivo principal é proporcionar prazer de forma que sua estrutura se destaque.

Conforme Sutton – Spence (2021), infelizmente é raro as pessoas surdas (e também as ouvintes), terem acesso a literatura nas escolas. Portanto, também são poucos os artistas que conseguem desenvolver padrões literários, sem contar que os seus públicos não são muito grandes, sem nenhuma experiência ou conhecimento sobre a temática. No entanto, esses artistas e membros das comunidades Surdas tem criado e produzido literatura Surda usando como base seus conhecimentos com relação a cultura e identidade do seu povo Surdo. Assim aponta Sutton:

[...] a literatura feita em língua de sinais pela comunidade surda tem muitas características semelhantes à literatura escrita em português e a literaturas em outras línguas de sinais. Todas as literaturas se centram na linguagem estética, têm características fora do comum, tratam de conteúdo de perspectiva não cotidiana e se apresentam de uma forma diferente da vida no seu dia a dia. A literatura em Libras (ou em outras línguas de sinais) e a literatura em português nos permitem brincar com as línguas e nos mostram a riqueza dos idiomas (SUTTON-SPENCE, 2021, p.29)

Vale ressaltar a importância e a semelhança entre a literatura produzida em língua de sinais pela comunidade surda e a literatura escrita em português, bem como em outras línguas de sinais. É enfatizado que todas as formas de literatura têm como centro a linguagem estética, apresentando características singulares e explorando perspectivas não cotidianas. Além disso, tanto a literatura em línguas de sinais, quanto a literatura escrita em português nos permitem brincar com as línguas e nos mostrar a riqueza artística e expressiva da literatura em língua de sinais, que pode transmitir emoções, ideias e histórias de maneira única.

Após esses paradigmas sobre a literatura gestual Surda e com base nos pesquisadores e autores: Karin Lilian Strobel, Luiz Claudio da Costa Carvalho, Lodenir Becker Karnopp, Neiva de Aquino Albres e Rachel Sutton – Spence, é notório a proximidade de pensamentos e dos argumentos defendidos por Marta Morgado, em relação a literatura gestual, pois acredita que esse tipo de literatura marginal ou periférica, traz cicatrizes dos povos Surdos, tanto na suas vivências de sofrimento ou dos momentos de descontração, sempre evidenciando suas culturas e as marcas da identidade Surda.

Morgado ainda traz a importância da Cultura Surda para a valorização das criações literárias, que sempre tem o papel de evidenciar esse tipo de arte. Todos os autores citados apontam a necessidade da propagação e divulgação da literatura gestual, pois essa arte é capaz de fortalecer o movimento Surdo e apresentar as conquistas e lutas dessa minoria que não é menos importante.

É imensurável citar a importância da literatura gestual Surda, principalmente para a comunidade Surda, que busca através desta arte, empoderar suas lutas e conquistas. No tanto, ainda é uma literatura que surgiu nos banquetes de Surdos, mas que ganha destaque na contemporaneidade por ter mais adeptos a estudar esse tipo de criação literária e poder registrá-las. Através deste recorte do livro *Literatura em Libras* da autora Sutton-Spence (2021) nos apresenta:

O cânone de literatura surda no Brasil começou com a criação do curso de Letras Libras na modalidade a distância em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Os alunos desse curso (tanto os de 2006 quanto os de 2008) estudaram as disciplinas de Literatura visual e Literatura surda, com foco específico na literatura infantil. Os textos literários escritos e em sinais estudados fundamentaram as ideias do cânone que continuam até hoje. Os mesmos estudantes passaram a ser nossos professores e intérpretes de Libras,

desse modo eles também perpetuam esse cânone em suas aulas e pesquisas. Porém, nenhum cânone é fixo, o crescimento da literatura em Libras permanece. Sendo assim, precisamos entender que ele já ampliou e mudou (SUTTON – SPENCE, 2021. p. 207).

A autora ainda cita que:

Como a literatura em Libras é pouco conhecida (mesmo dentro da comunidade surda), há poucos guias acadêmicos ou modelos para se tomar como embasamento. É um desafio garantir que todos os usuários concordem a respeito da “qualidade” das obras sobre ela. (SUTTON – SPENCE, 2021. p.212).

Daí surge a importância da literatura gestual Surda com anseio de garantir ao sujeito Surdo o direito de contar suas marcas históricas e se apropriar de sua arte levando cada vez mais a todos lugares, sejam eles escolas, academias, comunidades, associações, ou seja, que todos tenham acesso a esse tipo de literatura.

Os sujeitos Surdos só tendem a ser beneficiados, pois a literatura tem o poder de aproximar suas experiências e histórias construindo laços de resistência, já que esse povo Surdo vem sustentando a chama acesa por gerações com a contribuição da comunidade Surda e os ouvintes que valorizam a Literatura gestual Surda, o fogo jamais se espalhará ou se quer apagar.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS DE MARTA MORGADO

A construção de personagens em obras literárias exerce um papel fundamental na criação de narrativas envolventes e complexas. Nesse sentido, este capítulo busca analisar a forma como Marta Morgado desenvolve suas personagens ficcionais. Para isso, foi utilizada a abordagem teórica norteadora de Antonio Candido, em diálogo com outras contribuições de outros estudiosos que se dedicaram à essa temática.

2.1 – A Construção da personagem ficcional na teoria da narrativa de Antonio Candido

Antônio Cândido, em sua obra *A Personagem de Ficção*, publicada em 2011 pela Editora Perspectiva S.A, discute os elementos e processos que compõem a construção de personagens ficcionais. Segundo o autor, a construção das personagens envolve uma combinação de elementos físicos, psicológicos, sociais e históricos, conferindo verossimilhança e profundidade às figuras ficcionais. Candido destaca a importância de representar a complexidade humana por meio das personagens, tornando-as imagináveis e capazes de despertar a empatia dos leitores.

A construção de personagens ficcionais é um processo complexo que envolve uma série de elementos para criar figuras que sejam imagináveis, interessantes e capazes de despertar a identificação no leitor. Dentro dos pressupostos teóricos de Antonio Candido (2011), esse trabalho minucioso do autor consiste em atribuir características físicas, psicológicas e sociais às personagens, conferindo-lhes vida própria e trabalhando-as em ação.

De acordo com Candido, Castagnino (1971), afirma que a criação ficcional implica na representação de eventos, ações ou acontecimentos, seja simultânea ou sucessivamente interligados, formando uma 'trama'; tanto os elementos reais quanto imaginários que são

apresentados e organizados de maneira a fluir na obra literária de maneira análoga à experiência na vida.

Esta criação é uma concepção artística, na qual o escritor desenvolve suas figuras com vida própria e as coloca em movimento. Nesse processo, é essencial selecionar cuidadosamente traços individuais, definir motivações, desejos e conflitos internos e externos, que acompanharão o desenvolvimento da trama.

Confirmando, Raúl H. Castagnino define que:

‘Personagem’ é o ser ou ente literário que, como se fosse dotado de vida própria, se manifesta por sua presença. Quando atua revela uma linha de conduta, descobre seu ‘caráter’. Somente a presença basta para apontar o personagem; talvez disso provenha o fato de que o vocábulo personagem se reserva em alguns preceituários, para ser usado com maior propriedade na arte dramática enquanto destinam caracteres à narrativa. (CASTAGNINO, 1971, p. 137)

Para Pirandello (1978), o nascimento das personagens é semelhante ao nascimento natural. O gérmen de cada personagem já se encontra no âmago do escritor e só o desejo aliado à circunstância exata pode fazê-lo ganhar vida:

Acaso será que existe um autor capaz de indicar “como” e “por que” uma personagem lhe nasceu na fantasia? O mistério da criação artística é idêntico ao do nascimento natural. Uma mulher que ama poderá desejar muito ser mãe, porém, o desejo apenas, embora profundo e intenso, não é o suficiente. Entretanto, um dia ela se tornará mãe, sem, contudo, ter-se apercebido do momento em que isso se deu. O mesmo acontece com o artista: vivendo, ele reúne em si um sem-número de germes de vida e nunca poderá afirmar “como” e “por que”, num determinado momento, um desses germes vitais penetrou a sua fantasia para tornar-se, também ele, uma criatura viva, num plano da vida superior, acima da volúvel existência de todos os dias. (PIRANDELLO, 1978, p. 326)

A criação literária pode ser comparada a um processo de gestação e parto, que envolve o desejo do escritor em conceber suas personagens. É ele quem dá à luz cada uma delas, em um processo único e criativo. As personagens ficcionais não se limitam apenas à definição de suas

características individuais, mas também exige consideração do contexto histórico, social e cultural em que estão inseridos.

Ainda, conforme Pirandello, as personagens possuem características próprias e desempenham uma função específica na obra, sendo que o autor é quem os controla e dá vida. Se utiliza das personagens e do que elas podem render artisticamente para compor uma história, seja ela um drama, romance ou novela. Portanto, pode-se dizer que cada personagem é única e possui suas próprias características, sendo criada para desempenhar uma função específica no enredo. As personagens são uma parte do escritor que as designa de “criaturas do meu espírito” (PIRANDELLO, 1978, p. 328).

Corroborando, Antonio Candido apresenta que:

Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. (CANDIDO, 2011. P. 58).

A personagem do romance, trata da diferença entre a visão fragmentária da vida e a visão criada e dirigida pelo escritor. Na vida, a fragmentação é uma condição inerente ao ser humano, enquanto no romance, é criada pelo autor para trazer ao leitor uma sensação de completude e coesão. O autor afirma que a personagem é mais lógica, mas não mais simples que o ser humano, e que a personagem complexa é uma característica do romance moderno. O trecho em questão destaca a diferença fundamental entre a experiência da vida e a experiência criada pelo escritor no romance, e como esta última é delimitada e encerrada numa estrutura elaborada.

A construção de personagens ficcionais é um aspecto fundamental na concepção de narrativas envolventes. Quando compreende esse processo complexo, enfatiza a importância de atribuir características plausíveis e desenvolver motivações e conflitos convincentes para envolver o leitor na trama.

Para Cândido (2011), a personagem é a concretização de um ser fictício e o modo de conceber uma personagem é tão somente a crença na concepção de homem. No romance, a personagem é criada pelo autor, que busca lógica a fim de trazer ao leitor uma sensação de perfeição e conexão.

No entanto,

a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CÂNDIDO, 2011. p. 55)

Neste fragmento, o autor fala sobre como a criação literária se baseia em um paradoxo, que é a possibilidade de criar uma personagem fictícia que pareça verossímil e verdadeira. Ele afirma que a verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, ou seja, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais autêntica verdade existencial. Portanto, podemos dizer que o romance se baseia em uma relação entre o ser vivo e o ser fictício, que é manifestada através da personagem.

A personagem é a concretização deste ser fictício e é o elemento mais vivo no romance, possibilitando a adesão afetiva e intelectual do leitor. O autor também enfatiza que a personagem é mais lógica, mas não mais simples que o ser humano, e que a personagem complexa é uma característica do romance moderno.

2.2 – Os personagens de Marta Morgado e a Literatura Gestual Surda/Portuguesa

A construção de uma personagem é um elemento fundamental na criação de uma história cativante. A maneira como uma personagem é desenvolvida pode influenciar diretamente na forma como o leitor se conecta com a narrativa. Neste contexto, é importante

explorar as características, motivações e evolução da personagem ao longo da trama, proporcionando uma experiência mais imersiva e envolvente.

Durante a construção, o autor tem a oportunidade de explorar diversas facetas, como sua personalidade, história de vida, objetivos e conflitos internos. É através desses elementos que o personagem ganha profundidade e se torna mais real para o leitor. Nesse sentido, ao desenvolver uma personagem, é essencial considerar suas ações, reações e comportamentos, que devem ser coerentes com sua personalidade e história. Além disso, é interessante explorar as relações que a personagem estabelece com outras personagens e como isso influencia seu desenvolvimento ao longo da narrativa.

A constituição da personagem também pode envolver o uso de elementos visuais, como descrições físicas e vestimentas, que ajudam a criar uma imagem mental na mente do leitor. Esses detalhes visuais podem contribuir para a identificação do leitor com a personagem e fortalecer sua conexão emocional com a história.

Portanto, a construção da personagem desempenha um papel crucial na elaboração de uma narrativa envolvente. Ao explorar suas características, motivações e evolução ao longo da trama, o autor tem a oportunidade de criar personagens memoráveis e cativantes, capazes de prender a atenção do leitor desde o início da história.

Dentro deste contexto, nas obras de Marta Morgado, a construção das personagens vai além de mero arquétipos ou representações representadas. A autora se dedica a explorar os aspectos psicológicos e emocionais de seus protagonistas, conferindo-lhes uma complexidade que os torna seres humanos palpáveis. Suas personagens são moldadas por suas experiências passadas, desejos, medos e conflitos internos, o que as torna facilmente funcionais e cativantes para os leitores.

Além disso, a construção das personagens em Marta Morgado é influenciada pela temática da identidade, tão presente em suas obras. As personagens enfrentam desafios e questionamentos em relação a quem são e qual é o seu lugar no mundo. Esse elemento contribui para aprofundar a construção psicológica das personagens, levando-as a refletir sobre suas próprias histórias e buscando uma compreensão mais profunda de si mesmas.

A autora utiliza diversas técnicas literárias para desenvolver suas personagens de maneira autônoma e envolvente. A escrita, as ilustrações e gestos sinalizados, por exemplo,

desempenham um papel fundamental na revelação da personalidade e dos pensamentos das personagens. Por meio da cultura e identidade Surda, Morgado proporciona ao leitor um acesso direto ao mundo interior de suas personagens, permitindo uma compreensão mais íntima de suas motivações, anseios e dilemas.

Outro aspecto relevante na construção das personagens de Morgado é a sua relação com o meio social e histórico. As personagens são influenciadas pelas emoções de outros indivíduos e pelas dinâmicas sociais em que estão inseridos, refletindo a complexidade das relações humanas e oferecendo percepções sobre questões mais amplas da sociedade. Essa interconexão entre as personagens e o contexto em que estão inseridas confere maior verossimilhança às suas trajetórias e enriquece a narrativa como um todo.

Linda Hutcheon (1947), em sua obra *Teoria e Política da Ironia*, destaca a importância do caráter fragmentado e multifacetado das personagens pós-modernas. A autora ainda, destaca que pode “encontrar uma concentração de exemplos focalizados em problemas de gênero, raça, classe ou sexualidade”. (HUTCHEON, 1947, P. 21).

As múltiplas comunidades discursivas a que cada um de nós pertence (de maneira diferente) não podem ser reduzidas a um único componente, como classe ou gênero. Elas certamente envolvem crenças aceitas abertamente, mas também ideologias, acordos silenciosos, “suposições – sobre o que é possível, necessário, revelador, essencial, e assim por diante – tão profundamente arraigadas que elas não são tidas como suposições de maneira nenhuma” (Fisch, 1983:190). É claro, coisas como classe, raça, etnia, gênero e preferência sexual estão envolvidas, mas também estão envolvidas nacionalidades, vizinhanças, profissão, religião, e todas as outras complexidades micropolíticas de nossas vidas às quais nós talvez nem consigamos dar rótulos. (HUTCHEON, 1947, P. 38).

A construção das personagens contemporâneas reflete a complexidade da sociedade atual, na qual as identidades individuais são influenciadas por uma variedade de perspectivas e contextos. Assim, as personagens são construídas de forma a desafiar as noções tradicionais de identidade fixa, apresentando-se como seres em constante mutação e adaptação.

Outro autor relevante no estudo da construção de personagens é Mikhail Bakhtin, conhecido por sua teoria da dialogia. Para Bakhtin (2006), as personagens são formadas e reveladas pelo meio do diálogo através, da língua, dos gestos, das expressões com as outras

personagens. É através dela que os leitores podem se conectar e se envolver com a história. Nesse contexto, é importante considerar o papel da palavra/gesto e como ela se dirige ao interlocutor. De acordo com Bakhtin (2006),

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos “pai, mãe, marido, etc.” (BAKHTIN, 2006, P. 116).

Continua:

Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito. O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. (BAKHTIN, 2006, P. 116).

Através do recorte, Bakhtin, chama atenção para observar que a construção da personagem é influenciada pelo meio social em que ela está inserida. O autor destaca que nossa percepção do mundo é moldada pelo contexto social em que vivemos. Isso implica que a personagem também é moldada pelas condições sociais e culturais do ambiente em que vive. A personagem é resultado do horizonte social definido e estabelecido, que determina a criação ideológica do grupo social e da época em que ela se encontra. Essa ideologia é influenciada pela literatura, ciência, moral e direito contemporâneos. Portanto, a personagem reflete as expectativas, valores e crenças, baseadas nas reflexões, motivações e apreciações, moldadas pela atmosfera social em que está inserida. Assim, a construção da personagem é profundamente influenciada pelo contexto social em que ela é construída.

Nesse sentido, a linguagem, seja oral ou visual/gestual, desempenha um papel fundamental na construção das personagens, permitindo que suas vozes/gestos (sinais) sejam

ouvidas/vistos (sinalizados) e suas personalidades sejam manifestadas. Através dos diálogos, monólogos internos e reflexivos propostos, as personagens de Marta Morgado ganham vida e se tornam seres complexos e autênticos.

A combinação das teorias de Antonio Candido, Linda Hutcheon e Mikhail Bakhtin, juntamente com as técnicas literárias utilizadas por Marta Morgado, resulta em personagens ricamente desenvolvidas em suas obras. A autora explora as partes internas das personagens, suas motivações, conflitos que evoluíram ao longo da narrativa. Através de sua dependência, introspecção e análise psicológica, Morgado cria personagens tridimensionais que possuem vidas próprias nas páginas de suas obras.

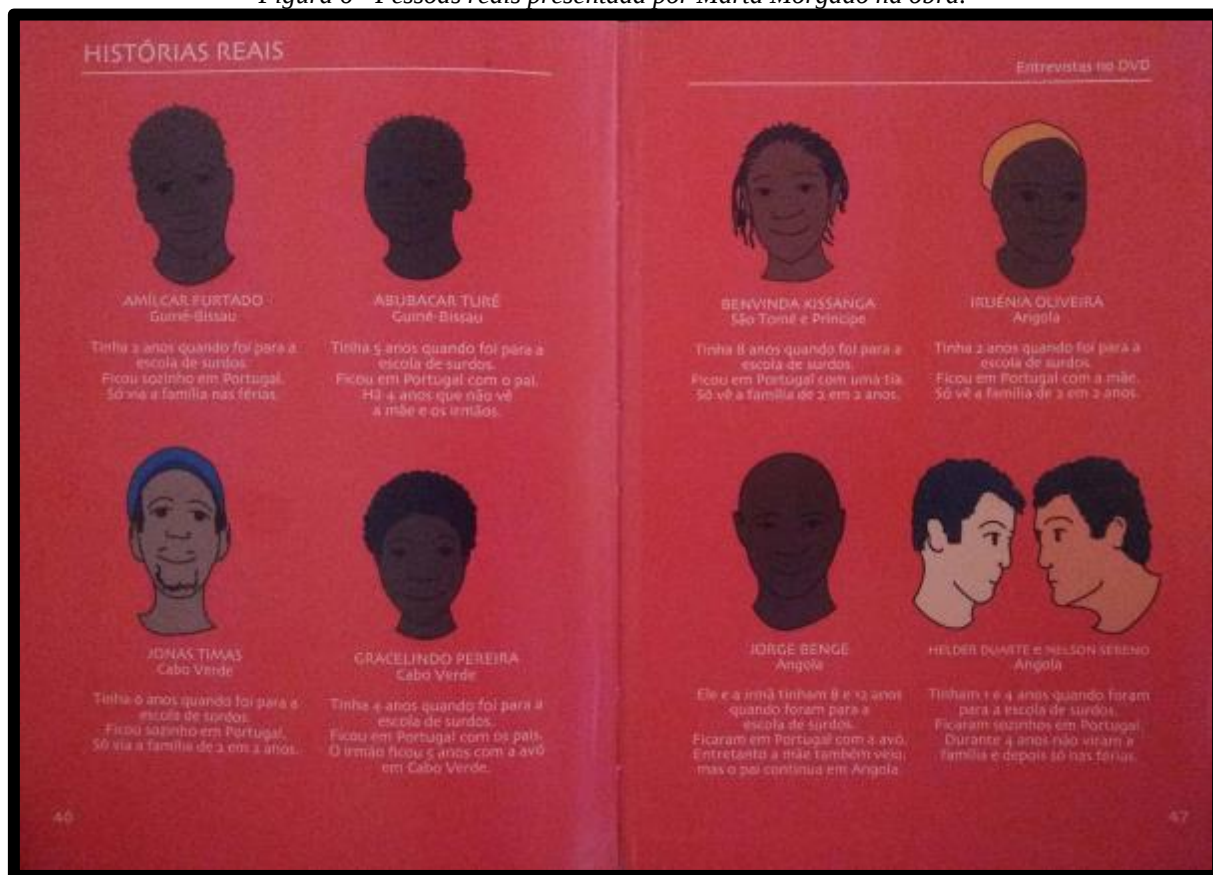
Por exemplo o Mamadu, apresenta personagem de pouca idade, de uma nacionalidade majoritariamente negra e classe econômica baixa, mas com ambição de vencer e ter uma qualidade de vida por meio da educação, quebra os padrões imposto pela sociedade de seu país, almejando mudar sua comunidade. Enquanto Joana, é introvertida por ainda não conhecer sua identidade, realidade que muda completamente ao encontrar com seus pares e se reconhecer pertencente aquela identidade apresentada e alçando voo pela aquisição da língua gestual. Já os personagens de Luanda, cito aqui Marta e Mariana que enfrentam o preconceito de ser duas mulheres e decidem formar uma família, quebrando barreiras e tabus para toda uma sociedade, as mesmas mantêm seus trabalhos e formam uma família com filhos e animais.

Além disso, a construção das personagens na obra de Marta Morgado está profundamente enraizada no contexto social e histórico em que se encontram. A autora retrata questões sociais relevantes e complexas, como Mamadu e Joana que enfrentam questões de desigualdade, identidade, cultura, etnia e surdez, na obra Luana, lua, os personagens deparam-se com dilemas éticos, sociais, sexuais e surdez, através das experiências e perspectivas das personagens. Dessa forma, as personagens se tornam veículos para a reflexão sobre temas universais e contemporâneos, permitindo que os leitores se engajem em discussões mais amplas enquanto acompanham suas jornadas individuais.

Ao analisar a construção das personagens na obra de Marta Morgado, é possível perceber a habilidade da autora em criar figuras ficcionais que refletem a complexidade da condição humana. Suas personagens não são meramente personificações de ideias ou estereótipos, mas seres com identidades únicas, repletas de contradições, anseios e aspirações, inclusive nas páginas finais dos livros, na obra *Mamadu, o herói surdo*, por exemplo, Morgado

apresenta nomes de pessoas reais que tiveram experiências análogas às vividas pela personagem homônima do livro.

Figura 6 - Pessoas reais apresentada por Marta Morgado na obra.



Fonte: (MORGADO, 2007, p. 46,47)

Através da construção minuciosa de suas personagens, Morgado estabelece uma conexão íntima entre os leitores e as narrativas, despertando emoções, questionamentos e reflexões sobre a vida e sobre o mundo que nos envolvem. Em suma, a construção das personagens em suas obras é uma tarefa complexa e minuciosa, envolvendo uma combinação de elementos psicológicos, sociais, históricos e linguísticos.

Ao explorar a temática da cultura, identidade e utilizar recursos literários habilidosos, ela cria personagens cativantes e complexas, capazes de evocar uma variedade de emoções nos leitores. Sua construção metódica e entusiasta das personagens permite que elas transcendam às páginas do livro, tornando-se seres reais na imaginação dos leitores.

Um aspecto fundamental na construção das personagens de Morgado é a sua capacidade de evolução ao longo da narrativa. As personagens não são estáticas, mas sim vivenciaram a transformação e desenvolvimento ao enfrentarem desafios, dilemas e conflitos. Essa evolução contribui para a construção de personagens dinâmicas e realistas, que têm a capacidade de surpreender e envolver os leitores em suas jornadas de autodescoberta.

Além disso, é importante destacar a representatividade presente nas personagens. A autora valoriza a diversidade e a inclusão, retratando personagens de diferentes origens étnicas, sociais e culturais, tendo como foco central a Surdez. Essa representatividade contribui para a criação de um panorama mais amplo e enriquecedor, refletindo a pluralidade do mundo em que vivemos.

Outro aspecto significativo nesta construção é a sua capacidade de transmitir mensagens e provocar reflexões sobre questões sociais relevantes. Através das experiências e perspectivas das personagens, com abordagem de temas como justiça social (negritude e Surdez), igualdade de gênero (homoafetivo), direitos humanos (adoção e inseminação artificial) e sustentabilidade ambiental (pobreza). Dessa forma, suas personagens se tornam veículos para o questionamento e a conscientização, estimulando os leitores a repensarem suas próprias visões e comportamentos.

Para concluir, a construção das personagens na obra de Marta Morgado é um aspecto fundamental que contribui para a riqueza e profundidade de suas narrativas. A autora utiliza uma combinação de técnicas literárias, teorias acadêmicas e uma sensibilidade apurada para criar personagens complexas, autênticas e envolventes. Suas personagens refletem a diversidade e a complexidade da condição humana, proporcionando aos leitores uma experiência literária enriquecedora e impactante.

A análise da construção das personagens na obra de Marta Morgado, não apenas nos permite apreciar a maestria da autora, mas também nos convida a refletir sobre a importância da representatividade, da evolução e da abordagem de questões sociais relevantes na literatura. Através das personagens de Morgado, somos desafiados a olhar para nós mesmos e para o mundo ao nosso redor, buscando uma compreensão mais profunda e empática das complexidades da existência humana.

2.2.1 – O papel das ilustrações nos livros de Marta Morgado

A ilustração é uma técnica especial utilizada nos livros infantis para atrair a atenção das crianças. Além disso, ela pode substituir um texto, complementá-lo, adicionar informações ou até mesmo questioná-lo. É importante destacar que a leitura de imagens é anterior à leitura de palavras, e muitas crianças têm seu primeiro contato com histórias por meio das imagens.

No contexto da Educação Infantil, a criação de imagens estilizadas, com traços, plasticidade e coloração fantasiosa, tem uma carga simbólica de ingenuidade refletida na literatura infantil. Essas imagens são criadas a partir das obras literárias que indicam como construir essas imagens, com base na realidade social e cultural expressa ou implicitamente narrada.

As representações visuais em histórias infantis devem ser avaliadas não pela sua qualidade estética ou se são fantasiosas ou realistas, mas sim pela presença de estereótipos e pelo potencial de reforçar generalizações e preconceitos, como afirma Abramovich (2004):

“As ilustrações têm servido de veículo para o reforço de estereótipos e preconceitos. Personagens más, são invariavelmente feias, enquanto fadas, príncipes, princesas e heróis apresentam sempre um ótimo aspecto. [...] Mesmo em livros que contam histórias atuais, a mãe aparece de avental e espanador na mão; o pai segurando uma pasta ou jornal. A empregada, o marginal e o operário são quase sempre negros.” (ABRAMOVICH, 2004, p. 36).

Com isso, é de suma importância pensar como serão caracterizadas as personagens na história, pois as mesmas têm o poder de influenciar diretamente os seus leitores, levando-os a imaginar. E ainda de acordo com Abramovich (2004), os livros com ilustrações são vivências de um olhar múltiplo, que consegue ver “com os olhos de autor e leitor”, ambos com um olhar diferenciado para o mundo e personagens, pois a percepção de mundo é diferente.

A Marta Morgado tem um cuidado com as ilustrações de suas obras, tanto que ela mesmo faz todo trabalho de ilustração, como já mencionado anteriormente. Observando as

imagens, a autora deixa sua marca em todas as obras, com cores marcantes e fortes, além de buscar retratar as personagens o máximo possível como o texto explana suas vivências.

Em entrevista concedida ao autor dessa dissertação, ainda no período de construção, foi perguntado a Morgado, o que a inspirava e como era o processo de criação das ilustrações (desenhos):

Primero eu conto as histórias em língua gestual e depois passo para a escrita. Da escrita eu corto o texto o literário em várias partes, pode ser uma frase ou um parágrafo e depois faço esboços para cada frase/parágrafo. São vários esboços até criar personagens reais. Só depois é que faço ilustrações. O processo de ilustração demora 3 a 6 meses. As ilustrações do Mamadu foram feitas em tinta acrílica, as ilustrações do Sou asas em lápis de Caran D'Arche. O Luanda Lua foi uma técnica mista, com jornais, papeis, tinta acrílica, aquarelas, lápis de cor e lápis de cera. (MORGADO, 2023).

Percebe-se que Morgado é cuidadosa na construção das imagens, respeitando o passo a passo para alcançar um contexto/diálogo entre a ilustração e o texto escrito, já que o texto visual reflete diretamente na aprendizagem do leitor. Já a ilustração, como aponta Rui Oliveira, na obra *Pelos Jardins Boboli*: “no caso da ilustração, ela pode assumir um caráter de transcendência do texto, o que não significa transgressão” (OLIVEIRA, 2008, p. 31).

Na hora de escolher uma ilustração para as personagens de uma história, é importante tomar cuidado para não escolher uma imagem que monopolize a figura das personagens. Isso significa que não deve haver apenas uma mesma representação estética de cada personagem para a criança. Além disso, a ilustração também não deve ser extremamente idealizada, a ponto de quebrar a própria ideologia presente nas histórias. É importante que as ilustrações sejam diversificadas e reflitam a diversidade e a realidade das pessoas, para que as crianças possam se identificar com as personagens e aprender valores importantes como a inclusão e a valorização da diversidade.

CAPÍTULO 03

REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE NAS PERSONAGENS DE MARTA MORGADO

Na imersão fascinante do universo literário de Marta Morgado, exploramos as intrincadas teias de representatividade e identidade que envolvem suas personagens. Cada página de suas obras é um convite à reflexão sobre a riqueza da diversidade e as nuances da identidade, principalmente da Identidade Surda, destacando a habilidade única da autora em dar voz e forma a narrativas que transcendem estereótipos. Em meio às palavras de Morgado, a representatividade ganha vida, construindo um mosaico singular de experiências e perspectivas.

3.1 – Mamadu, herói Surdo: e exceção social

A obra *Mamadu, o herói surdo* (2007), permite-nos refletir sobre a experiência da personagem Surdo com nome de Mamadu, uma criança negra de apenas 5 anos de idade que vive em seu país natal Guiné-Bissau no continente africano. Morgado produz suas obras no formato bilingue, na modalidade escrita, em português e em língua gestual, além de ilustrar suas próprias histórias.

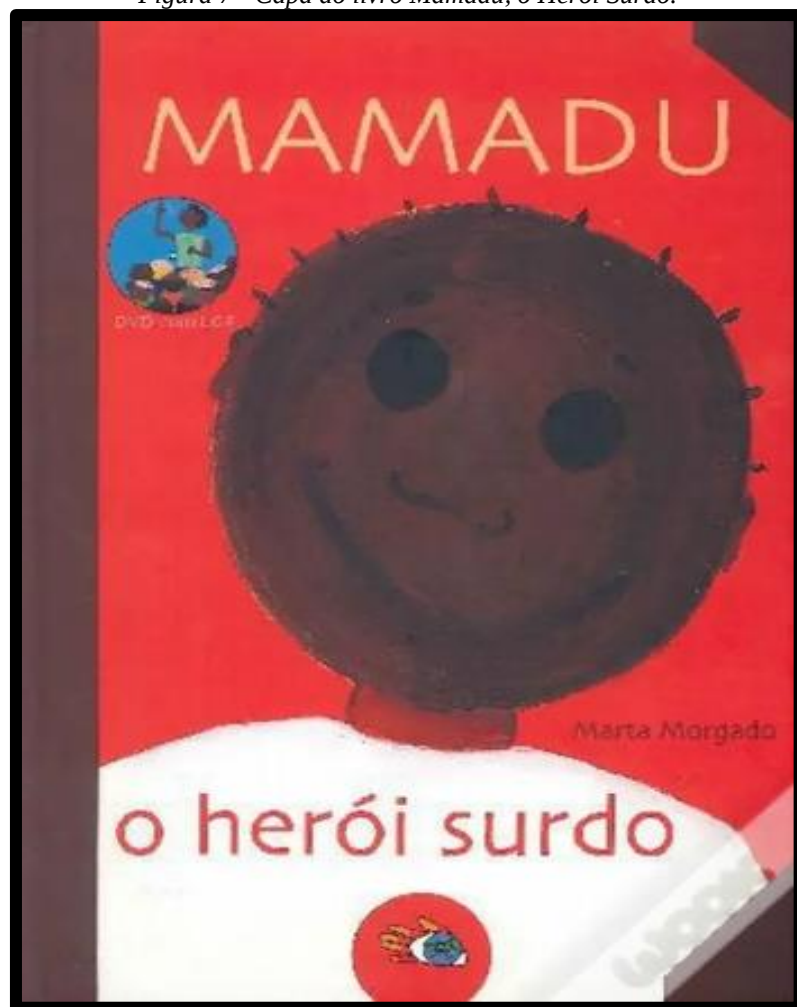
Mamadu foi inspirado em contexto de vida real de Surdos negros durante, particularmente, o período colonial. A esse respeito, em entrevista realizada durante essa pesquisa junto à escritora (vide Apêndice), ela afirma que:

Esta história é baseada em experiência real. Desde os meus seis anos, quando entrei no primeiro ano de escolaridade, na minha turma tinha colegas Surdos africanos e eles estavam em Portugal para ter escola e assim ficavam longe da família. Eles cresciam em Portugal até terminar a escola. Alguns voltavam para África e outros decidiam continuar em Portugal. Quando tornei professora, eu continuava ver crianças Surdas que vinham de África. Hoje em dia, todos os países africanos de língua portuguesa já têm

escola para Surdos e agora menos crianças vão a Portugal. Portanto o livro mostra duas coisas cruciais, a importância da escola e a importância de termos a família perto. (MORGADO, 2023)

Nesse sentido, a ficção da obra revela parte da realidade incompleta dos Surdos que precisavam se deslocar pelo continente para ter acesso à língua gestual. Além disso, a obra dá ênfase à cultura africana, que se expressa nas características físicas das personagens e na experiência de aprendizagem da língua de gestual.

Figura 7 - Capa do livro Mamadu, o Herói Surdo.



Fonte: Capa (MORGADO, 2007).

Na capa do livro é retratada uma criança negra, como pode ser vista acima, de cabelo característico, sorriso largo e olhos grandes que faz alusão às experiências visuais, atributo importante da Cultura Surda. No título é apresentado o cenário de sua história, ou seja, a comunidade Surda, pois Mamadu é apresentado como negro, Surdo e herói. Conforme Gancho

(1991), a personagem principal também pode ser entendida como o herói da história, que representa um exemplo a ser copiado, cujas qualidades podem ser projetadas para outros Surdos em sua convivência.

O Surdo percebe o mundo através de seus olhos, numa experiência visual que os possibilitam notarem o mundo de uma maneira diferente. De acordo com Perlin e Miranda (2003),

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218).

A experiência visual do Surdo em acessar o mundo através da visão é fundamental para sua compreensão e interação com o ambiente ao seu redor. Através da língua gestual, eles são capazes de se comunicar e expressar suas ideias, pensamentos e emoções de forma visual e gestual. Essas experiências pessoais, vivenciadas ou testemunhadas, são consideradas uma parte central da comunidade surda, que podem compartilhar suas vidas, suas trajetórias individuais e como membros destas comunidades. Através da visão e do uso da língua de gestual, os Surdos podem se conectar com o mundo exterior e compartilhar suas próprias perspectivas e vivências.

Essas percepções visuais incluem expressões faciais e corporais, atitudes de seres vivos e objetos em diferentes condições. É notório também as cores vibrantes, quentes e fortes, que faz menções as tradições culturais dos povos africanos.

As cores, os padrões dos tecidos, os acessórios, todos têm forte simbologia e ligação com a cultura de seus povos. Muitos grupos são identificados pelas suas vestimentas, seus costumes, que criam, assim, um estilo próprio. A valorização desses estilos resulta da política de afirmação da identidade do continente. (Ministério da Cultura, 2012, p. 24).

A personagem Mamadu, além da estética visual da obra, também apresenta as características de sua comunidade na forma de vestir e comer, “todos os dias, a família juntava-se ao jantar e todos comiam arroz e peixe, do mesmo prato, com as mãos bem lavadas.” (MORGADO. 2007, p. 9). Essas características oportunizam ao leitor sentir os aspectos culturais e econômicos por meio das imagens e cores que são utilizadas para chamar a atenção dos elementos que compõem a história.

A trama inicia dizendo “Era uma vez um menino de dois nomes”, fazendo referências aos dois nomes do protagonista, o primeiro é Miguel, nome em português, o oficial e usado como de registro de identidade, já o segundo é Mamadu, nome que as pessoas lhe davam, originalizada do Crioulo¹¹. “Mamadu era Miguel e Miguel era Mamadu” (MORGADO, 2007, p. 7). A autora apresenta o personagem sendo uma criança alegre que sempre fica a brincar pelo povoado.

Mamadu era um menino muito alegre, sempre a correr, sempre a brincar, e sempre descalço, como todos os meninos da Guiné-Bissau. Ajudava muito a mãe, ia buscar a água, ajudava o pai a carregar os sacos de arroz. Tudo aquilo era brincadeira.

Os pais eram pobres, mas eram felizes! (MORGADO, 2007, p. 8-9).

A expressão cativante de um menino sempre alegre que Mamadu traz é capaz de contagiar a todos, mesmo com tão pouco economicamente para viver. Buscava aproveitar cada momento que tinha para brincar nos terreiros de terra vermelha e solta, nas árvores que faziam as sombras em dias de sol forte e banhos em bacias. O pequenino menino, mostra-se

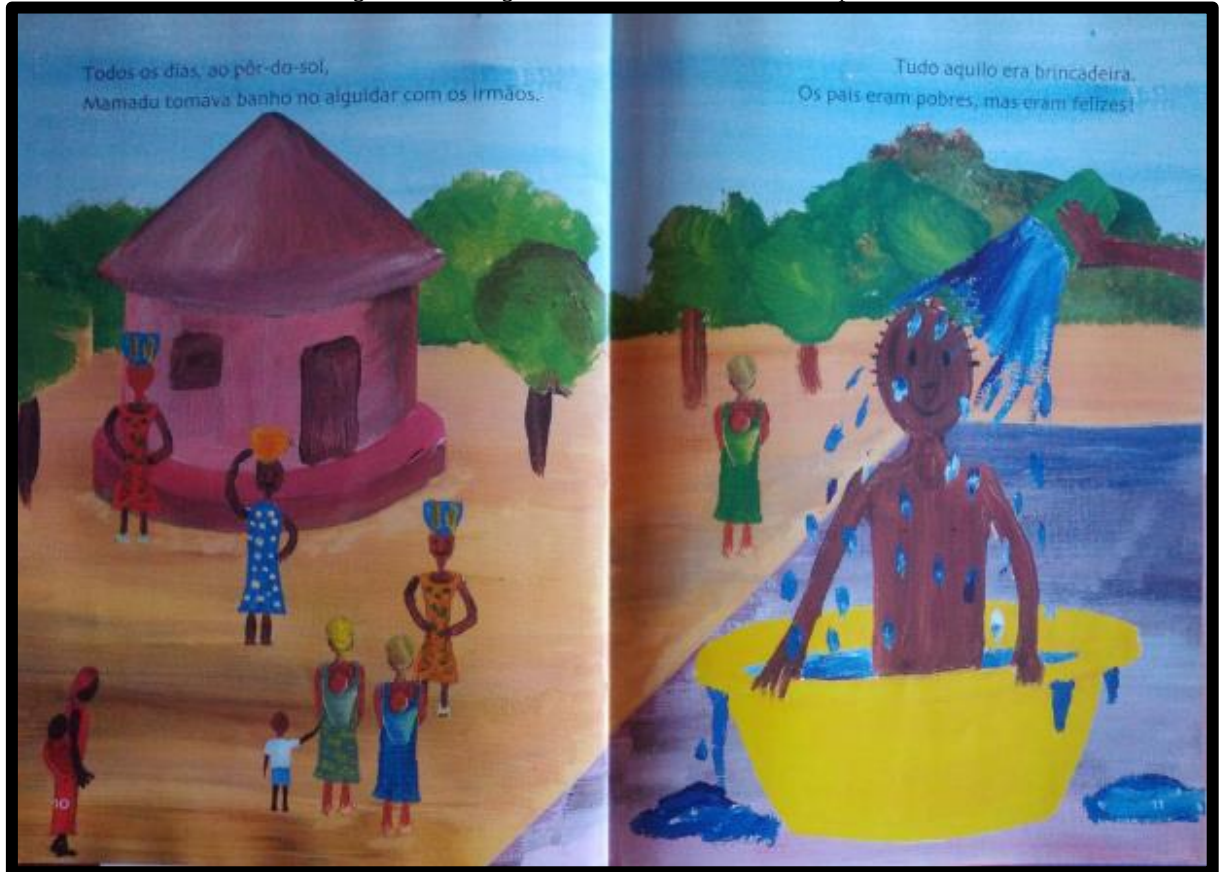
¹¹ O **Crioulo da Guiné-Bissau** (CGB) corresponde a uma língua cuja formação remonta aos séculos XV (quando os portugueses chegaram à Guiné-Bissau, em 1446) e XVI (quando os portugueses iniciaram o comércio de escravos e fundaram Cachéu, primeira povoação portuguesa, em 1588).

O **crioulo da Guiné-Bissau** ou **criol** é a língua franca de 60% da população da Guiné-Bissau, sendo falado também no Senegal (conhecido como crioulo de Casamansa). Em 2019, 232 mil pessoas usavam o crioulo como primeira língua na Guiné-Bissau e mais 600 mil como segunda língua, enquanto que cerca de 15% da população do país falava nativamente o português.

É também conhecido como "crioulo bissau-guineense". Junto com o crioulo de Cabo Verde forma o Grupo Crioulo da Alta-Guiné, o mais antigo de línguas crioulas com base na língua portuguesa. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_crioula_da_Guin%C3%A9-Bissau. Acesso em 15 de jun 2023.

responsável mesmo com pouco idade, disposto a ajudar sua mãe e seu pai nas tarefas do dia a dia. Podemos comprovar através da imagem a seguir.

Figura 8 - A alegria de Mamadu nas coisas simples.



Fonte: (MORGADO, 2007, p. 10 - 11).

Observando a imagem, constatamos a condição econômica de Mamadu que é enfatizada pela autora, juntamente com o uso de termos específicos de seu povoado, como "todos os dias, ao pôr do sol, Mamadu tomava banho no alguidar¹² com os irmãos" (MORGADO. 2004, p. 10). A ilustração retrata a simplicidade do povoado, com mulheres negras, usando roupas simples de tons quentes, muitas de pés no chão, incluindo os costumes de carregar uma bacia na cabeça, carregar a criança no colo e construir as casas de uma determinada forma. O ambiente retratado é rural, com o chão de terra vermelha e árvores ao redor das casas.

¹² **Alguidar** é um objeto de uso doméstico, utilizado principalmente na cozinha para transportar, armazenar ou lavar utensílios. É um recipiente redondo e raso, geralmente feito de barro ou metal, com duas alças nas laterais para facilitar o transporte, de com o dicionário Online de Português. Fonte: <https://www.dicio.com.br/alguidar/>. Acesso em 16 de jun. 2023.

Outro elemento enfatizado pela autora é a aprendizagem da língua gestual. De acordo com Morgado (2007), "Mamadu não sabia dizer uma única palavra, mas comunicava com os pais através de gestos, criados em casa para se poderem compreender uns aos outros" (MORGADO, 2007, p. 14). O narrador também enfatiza a propriedade do Surdo ao mencionar que o personagem principal, um Surdo negro, se comunica por meio de gestos, o que reforça a importância das experiências visuais no desenvolvimento do sujeito Surdo, conforme observado por Strobel (2008). Apesar de se comunicar por gestos, Mamadu reconhece a necessidade de aprender a língua gestual formal, o que representa um elemento importante em sua formação como sujeito Surdo.

Mas os gestos eram demasiados e simples, Mamadu precisava de aprender coisas, aprender a escrever, perceber como nascem os bebês, como funciona o seu corpo, conhecer as árvores, saber o nome dos frutos, saber quem era sua família e seus amigos, precisa de “ouvir” histórias bonitas. (MORGADO, 2007, p. 14)

Ele almeja saber das coisas, mas era limitado por não possuir uma língua natural ou uma formação de qualidade no seu país capaz de fazê-lo compreender as coisas, até mesmo “como nascem os bebês”. Shirley Vilhalva já traz esse anseio no seu livro *Despertar do Silêncio*:

Tudo que almejei foi sentir uma segurança neste mundo onde falam uma linguagem estranha onde a nossa comunicação é muito mais visual, mesmo falando pouco e com apoio gestual é preciso recorrer à ajuda de todas as pessoas para progredir.
Antes de aprender a Língua de Sinais, eu sabia muitas palavras, só que elas não tinham sentido para o uso no cotidiano. Sempre perguntando como é? O que é? Por que não é? Como você responde? (VILHALVA. 2004, p.38)

A personagem, sente profundamente o desejo de saber mais. Necessitada de ajuda de pessoas para sanar suas dúvidas e encontrar sentidos em tudo que via e não sabia o significado e sentido que elas tinham. Para Mamadu, a comunicação cultural e linguística está ligada a sua comunidade e seu povo. No entanto, ele pertence a duas culturas, o que a torna duplamente diferente. Conforme Sousa (2019) citando Morin, nos traz a reflexão que:

Os romances são capazes de dar vida às pessoas na medida em que os personagens são construídos a partir de um mundo preciso, composto de contextos, hábitos culturais, classes e sentimentos, tais como ciúmes, amor, ódio, mágoas, revoltas e esperança, de modo que o ser humano vai sendo apresentado como um todo: ser social, racional e sentimental, cujas escolhas são realizadas via contexto social e cultural ao qual está inserido. (SOUSA, 2019, p. 141).

Os pais de Mamadu sabiam que ele era Surdo, porém não tinha conhecimento que sua Surdez já veio de nascença, eles acreditavam que o menino foi acometido por uma doença que o deixou assim, “[...] os pais acham que foi do paludismo¹³ que teve ainda bebê” (MORGADO, 2007, p. 12). Deste modo, percebendo que Mamadu está inserido em uma localidade que não favorecia a aquisição da língua gestual, seus pais, embora possam ouvir, reconhecem a necessidade dessa aquisição da língua devido ao seu desenvolvimento como uma criança esperta e interessada. Mamadu não conhece os sinais da língua gestual, o que significa que não conhece as características gramaticais e culturais dos Surdos. Isso obriga os pais a tomarem uma decisão difícil, mas importante para o bem-estar do seu filho.

Figura 9 - Partida de Mamadu para Portugal



Fonte: (MORGADO, 2007).

¹³ **Paludismo** ou **Malária** é uma doença causada pelo parasita protozoário chamado Plasmodium que é transmitido de pessoa para pessoa pela picada de uma fêmea infectada do mosquito Anopheles. “[...] actua sobre o sistema nervoso central produzindo, em pequena dose, excitação com zumbidos nos ouvidos, vertigens e algumas vezes surdez e perturbações da vista” (FERNANDES, 1919, p. 50).

A autora declara:

Os pais queriam o melhor para o filho e procuraram ajuda, mas a ajuda na Guiné-Bissau era muito difícil, parecia que ninguém sabia o que era ser surdo. Os pais pediram ajuda ao governo para enviar Mamadu para Portugal, para que ele tivesse escola. Tudo era difícil, não podiam emigrar juntos, Mamadu só tinha cinco anos, era demasiado novo para se afastar já da família (MORGADO, 2007, p. 12-13).

Devido à falta de uma educação específica para as pessoas Surdas na região, e o desejo de Mamadu em estudar e aprender sobre as coisas da vida, faz com que sua família recorra ao governo local com objetivo de conseguir ajuda para enviá-lo para a Europa, mais especificamente Lisboa / Portugal pra estudar.

Ao chegar em Portugal, Mamadu depara com uma nova realidade, uma cidade grande, pavimentada, com saneamentos básicos, grandes prédios e isso tudo chama a atenção do menino. Neste contexto o protagonista também dá abertura a uma nova cultura, principalmente ao chega à escola e ser apresentado aos seus pares, pela primeira vez, se reconhece e se identifica dentro do seu mundo linguístico e gestual.

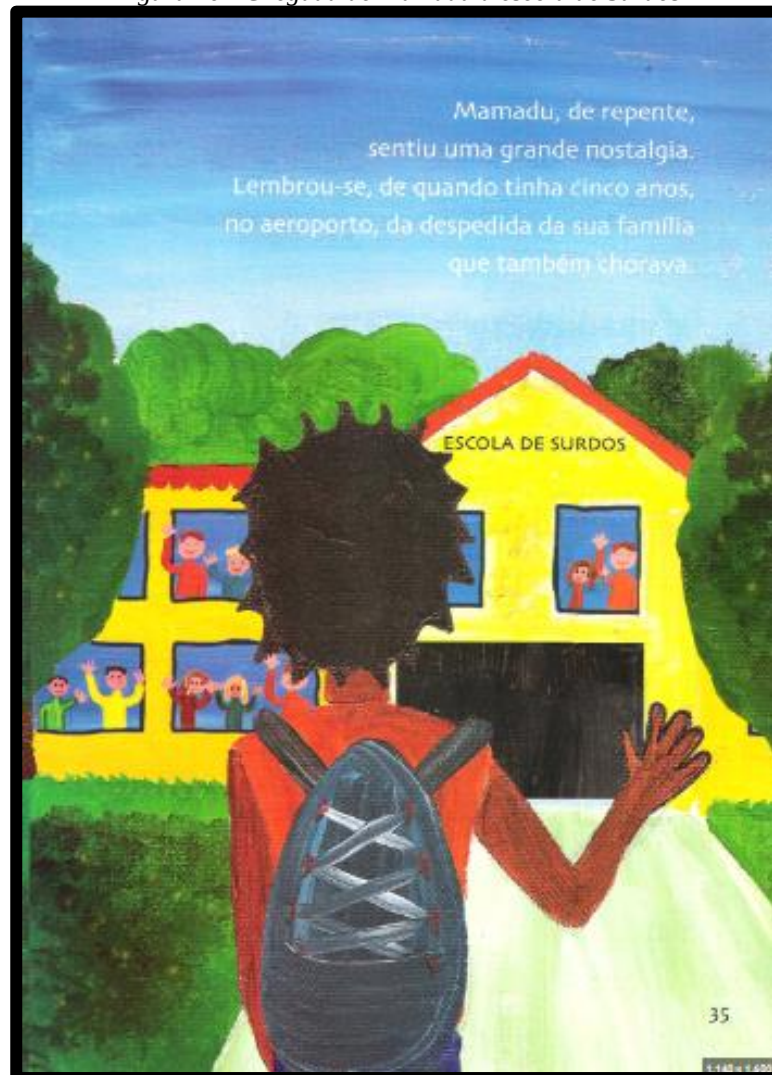
Não demora muito, e Mamadu começa a refletir sobre as características físicas dos novos colegas, percebendo as diferenças etnicamente. Como sujeito negro Surdo, ele passa a refletir e questionar sua identidade em relação a outros Surdos brancos, que por sua vez desconhecem sua dupla identidade negro Surdo.

Por viver em um país majoritariamente negro e nos primeiros anos de sua vida ter contato só com pessoas de pele negra, Mamadu se identifica primeiro com sua identidade negra e só depois com a identidade Surda. Sua formação enquanto pessoa acontece primeiramente no ambiente familiar com culturas africana, tendo uma aproximação com outras crianças da mesma etnia. Com a mudança para Portugal, ele tem a oportunidade de conhecer e desenvolver sua outra identidade cultural - a identidade Surda. Lá, ele conhece e convive com a comunidade Surda, aprendendo a língua gestual e participando de atividades relacionadas à Cultura Surda. Essa experiência proporciona a Mamadu um maior entendimento e fortalecimento de sua dupla identidade como negro Surdo.

Vale ressaltar, em momento algum a autora aponta alguma questão de racismo sofrido por Mamadu, pelo contrário, ela busca evidenciar que qualquer criança, independente da sua cor de pele ou outro estereótipo, pode conseguir conquistar tudo e chegar aonde deseja. A obra vem apresentar isso quando colocou o personagem principal como herói.

Podemos observar na figura 10 a chegada de Mamadu à escola em África.

Figura 10 - Chegada de Mamadu a escola de Surdos



Fonte: (MORGADO, 2007, p. 35).

Durante o período em que frequentou uma escola para Surdos em Portugal, Mamadu teve a oportunidade de vivenciar diferenças culturais como Surdo, além de notar sua própria diferença étnica em relação aos outros Surdos. Essa experiência foi fundamental para o desenvolvimento de Mamadu como um homem negro Surdo e para o seu empoderamento. Ao

navegar pelas diferenças culturais e linguísticas entre a Guiné-Bissau e Portugal, Mamadu é guiado em direção à maturidade. A mudança para Portugal representa um grande desafio para Mamadu, pois ele enfrenta uma série de novos desafios em relação à sua identidade.

Uma característica forte da identidade e cultura do povo Surdo é o “Batismo¹⁴”, para todas as pessoas que se ingressam na comunidade surda. Como a autora descreve: “Mamadu agora tinha três nomes: Mamadu, Miguel e o nome gestual” que foi observado uma característica física da personagem: “Ele tem dois sinais na bochecha, logo o nome gestual passou a ser: ‘dois sinais na bochecha’.” (MORGADO, p. 29)

Figura 11- Nome gestual de Mamadu



Fonte: (MORGADO, 2012, p. 29)

¹⁴ O Surdo, ao ingressar na comunidade, passa por um ritual denominado **batismo**. Esta é condição necessária para sua inserção na comunidade Surda. O ritual do batismo consiste na escolha de um sinal próprio que o nomeará na comunidade.

[...] a comunidade Surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no “batismo” quando o Surdo ingressa na comunidade” (DALCIN apud STROBEL, 2008, p. 64).

Este sinal deve ser criado e é dado por um Surdo, sendo antiético ser batizado por um ouvinte, pois o batismo faz parte da Cultura Surda. O Surdo, após observar as características da pessoa e conversar com ela, irá atribuir o sinal de identificação pessoal, não podendo mais ser alterado.

Este sinal é usado como uma forma mais prática e visual de identificação das pessoas dentro da comunidade Surda e ouvintes na sociedade.

Tanto para Cândido, Prado, Gomes e Rosenfeld (1968) quanto para Brait (1985), o personagem narrador é um elemento muito importante no desenvolvimento da história, ele contribui para a ação. Porém, segundo Brait (1985), o narrador - personagem está envolvido na narrativa.

Na obra encontramos um narrador que, como personagem oculto, apresenta aspecto positivo de um Surdo negro, que desenvolve a história em contexto crítico. Pode ser observado no recorte: “Mamadu não podia ir à escola, não tinha os mesmos direitos” (MORGADO, 2007, p. 12). Mediante o exposto, ele aponta a difícil realidade educacional do seu povoado, consequentemente do seu país, que não tem escolas preparadas para receberem Surdos.

Ao trazer as dificuldades sociais e educacionais do personagem, o narrador questiona possibilidades de mudar essa realidade na comunidade, principalmente quando Mamadu já está em Portugal e ela cita: “Mamadu agora tinha amigos, tinha livros para aprender, uma professora que o ensinava e brinquedos para brincar” (MORGADO, 2007, p. 26). Consequentemente Mamadu, encontra um ambiente que ele nunca tinha vivenciado com crianças que poderia brincar e a esperança de aprender e mudar o seu futuro e quem sabe de outras pessoas do seu país.

O protagonista, começa um longo período de aprendizado e conhecimento específico da sua cultura, da sua língua, do seu povo, da identidade e porque não dizer que Mamadu passa por uma fase de reconhecimento, fortalecimento e aceitação da sua dupla identidade negra Surda.

A personagem Mamadu é um exemplo perfeito de como a literatura pode ser usada para dar voz a minorias sub-representadas e dar uma perspectiva de vida a personagens que podem ser negligenciados pela sociedade. O romance de Marta Morgado é um exemplo de como a literatura pode ser usada para ilustrar a experiência de pessoas Surdas e negras, que muitas vezes são marginalizadas e esquecidas. A autora aproveita a oportunidade para iluminar questões sociais importantes e retratar a vida de indivíduos que são marginalizados.

A literatura exerce um papel fundamental quando aborda temas que nos levam a pensar, refletir e questionar o que está sendo discutido na história, como no caso da obra *Mamadu, o herói Surdo*, que apresenta o cenário do Surdo negro e pobre, capaz de dar voz àqueles que sempre estão à margem da sociedade. Sousa (2019), apresenta-nos uma breve discussão sobre:

[...] exemplos que emergem desta literatura marginal e que leva o leitor ao exercício da empatia podem ser encontrados nos mais diversos números dos Cadernos Negros, cujo objetivo, desde o os primeiros lançamentos, foi dar voz a comunidade negra produtora de literatura de protesto e de emancipação.

Há ainda a literatura produzida pelas comunidades tradicionais, como a indígena, onde se nota a resistência pela manutenção dos costumes e tradições e, ao mesmo tempo, divulgação de seus ritos como registro de suas memórias. (SOUSA, 2019, p. 142)

E continua:

Assim como as lutas e a tentativa de encontrar lugar na sociedade majoritária, está a voz da comunidade surda, cuja literatura vem emergindo após, particularmente, a aprovação da lei que garante a oficialidade da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, promulgada no ano de 2002, pela lei 10.436. Dentre as vozes de resistência está a brasileira surda Shirley Vilhalva que, mediante aos diversos desafios enfrentados, publicou o livro *Despertar do Silêncio*, que reflete não apenas as batalhas para sobrevivência, mas as vivenciadas por toda uma comunidade que precisam aprender se comunicar com os ouvintes que, em sua maioria, sequer sabem utilizar a LIBRAS no dia a dia. (SOUSA, 2019, p. 142).

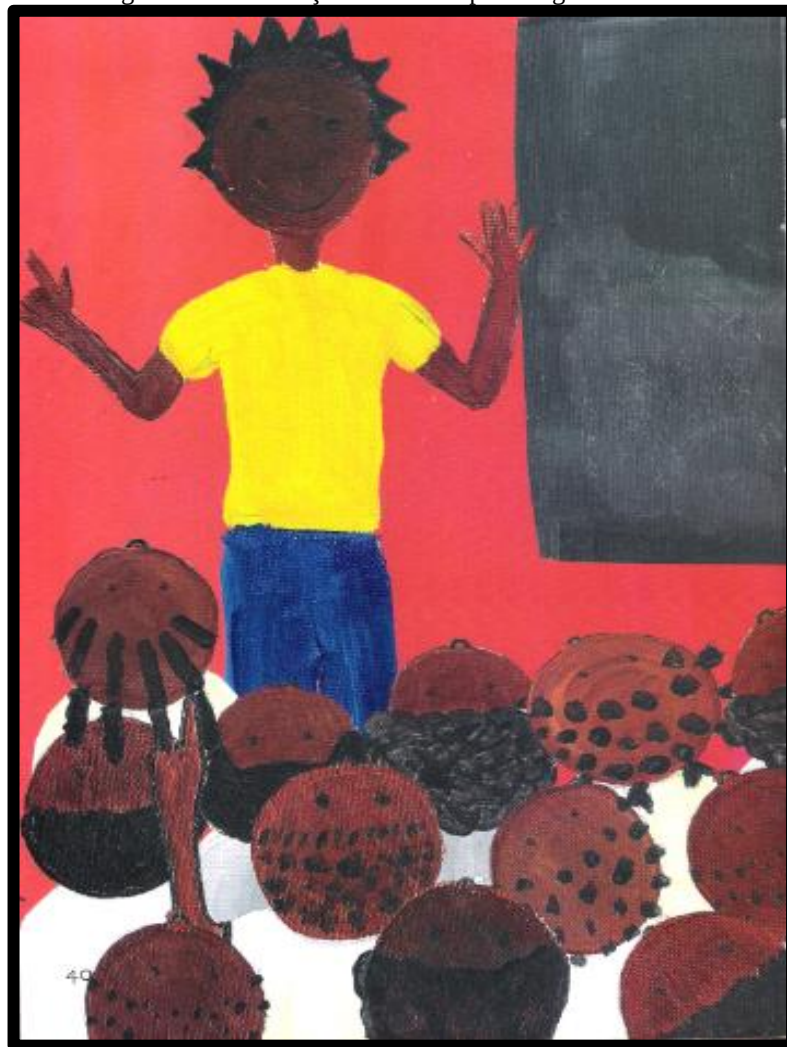
A representação e valorização da comunidade Surda, assim como a literatura das margens são capazes de dar voz às minorias e a literatura torna-se um objeto de protesto e emancipação, Mamadu apresenta uma narrativa em que o protagonista desafia estereótipos, destacando a importância da representatividade do sujeito Surdo.

Na obra em análise, a autora traz questões sobre a surdez, mas não se concentra apenas na deficiência do personagem. Em vez disso, usa a Surdez para explorar questões mais amplas de identidade e diferença cultural. O personagem é capaz de superar seus desafios, e seu sucesso é inspirador.

Inspiração! “Mamadu, o menino de dois sinais na bochecha cresceu, fez agora vinte anos, sabe três línguas, a Língua Portuguesa, a Língua Gestual Portuguesa e ainda teve oportunidade de aprender a Língua Inglesa na escola” (MORGADO, 2007, p.30). durante todos esses anos não pode visitar seus familiares e o seu povo, por questões financeiras, e recorria a escrever cartas e superar um pouco a saudade da sua terra e família.

Os anos passaram e “Mamadu tinha agora que decidir o que fazer da sua vida, pois acabara a escola. Mas sabia o que queria, tinha um sonho.” (MORGADO, 2007, p. 32). Ao retornar ao seu país natal, a palavra que o define é “inspiração.”

Figura 12 - A condição de vida da personagem Mamadu.



Fonte: (MORGADO, 2007, p. 40).

Com o retorno de Mamadu a sua origem, em contato com seu povo, sua família, faz com que ele se sinta feliz mesmo que sentia falta dos colegas e amigos que fizera em Portugal. Começa uma nova história, o propósito é ajudar e retribuir ao seu povo, principalmente aos seus pares, para que os mesmos não necessitem se ausentar do aconchego familiar em busca de conhecimentos e contato com sua língua.

Mamadu torna-se um professor, um inspirador, ou podemos dizer, um herói, que se abdicou de muitas coisas para se formar e constituir como um homem capaz de proporcionar oportunidades a tantas crianças da Guiné-Bissau.

A saudade dos amigos que fizera na escola em Portugal era grande para Mamadu, principalmente da sua amiga, a qual ele envia-lhe uma carta narrando sua nova vida em Guiné-Bissau.

Bissau, 23 de Abril de 2007

Querida Mana!

Aqui estou eu, de volta à minha terra natal. Bissau continua a não ser uma cidade como Lisboa, uma cidade destruída pela guerra que não vi nem passei por ela.

Aqui não há electricidade nem água canalizada para toda a gente. As sete, já é noite, muito escuro, mesmo com a luz das velas, não consigo comunicar com ninguém. As oito é a hora que me deito, esperando o Sol do dia seguinte. O Sol é realmente a fonte da minha vida.

Aqui faz muito calor, tanto quanto me lembro da minha infância, já tinha saudades. Era tanta saudade quando voltei ver a minha família. Já tenho três sobrinhos: Okant, Uil, Nghaia. Infelizmente não me lembro dos códigos que tínhamos criado em família.

Eram gestos que nos ajudavam a estar mais unidos. Mas graças a Língua Portuguesa, pois não sei Crioulo, nós comunicamos por escrito e pouco a pouco vou ensinando gestos. Os meus sobrinhos são os que aprendem com mais facilidade.

Tenho uma boa notícia, minha amiga. Há pouco menos de um ano, um grupo de surdos criou uma associação para que os surdos pudessem estar juntos. E ainda conseguiram pedir uma sala para que as crianças pudessem frequentar a escola.

Há professores que estão a ensinar quase como voluntários porque não há dinheiro para os pagar. Mas esse foi um grande passo. Aqui vejo que as crianças e os jovens na associação convivem muito entre si diariamente e cada dia vejo que eles estão a fazer crescer uma nova língua. A Língua Gestual Guineense. Ofereci-me para ensinar tudo que aprendi.

E aqui estou eu, agora sou professor!

Estou gostando muito, as crianças já tinham comunicação básica com gestos, e espero não influenciar muito com a Língua Gestual Portuguesa, porque há muitos gestos que não fazem sentido aqui.

Entretanto já lhes contei histórias, já lhes ensinei muitas coisas. Mas infelizmente a escola é demasiado pequena para tantas crianças, estamos à espera de apoios financeiros para criar um lar e uma escola só para surdos, nada é fácil, mas pouco e pouco vamos conseguindo.

Eu acredito, e quero acreditar no futuro das crianças guineenses.

Por agora, é tudo! Conta-me tu novidades!

Manda beijinhos meus a todos lá da escola e um especial para ti, do teu amigo que te adora e que nunca te esquece.

Mamadu. (MORGADO, 2007, p. 39,41,43)

Na carta apresentada acima, Morgado traz aos leitores, através dos escritos de Mamadu, a importância da Língua Portuguesa na modalidade escrita para Surdos, pois o português é a segunda língua dos Surdos portugueses. “Mas graças a Língua Portuguesa, pois não sei Crioulo, nós comunicamos por escrito [...]” (MORGADO, 2007, p. 39). Vale ressaltar que suas obras são todas bilíngues. Assim, Carvalho, destaca a necessidade de uma proposta bilíngue, e que:

[...] a educação bilíngue para surdos se caracteriza, na atualidade, como a filosofia educacional mais adequada, tendo em vista que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português. Demanda o desenho de uma política linguística que defina a participação das duas línguas na escola em todo o processo de escolarização de forma a conferir legitimidade e prestígio da Libras como língua curricular e constituidora da pessoa surda. A apropriação desse artefato cultural se faz importante para esses sujeitos, uma vez que possibilita o acesso aos saberes historicamente construídos pela humanidade. (CARVALHO, 2019 et al., p.7)

Não é apenas o estilo de escrita, que se apresenta na carta, mas a autonomia e a evolução do menino guineense têm agora e, que pode proporcioná-lo conhecer o mundo de outra forma. Outro ponto que Mamadu enfatiza é a escuridão, “As sete, já é noite, muito escuro, mesmo com a luz das velas, não consigo comunicar com ninguém. As oito é a hora que me deito, esperando o Sol do dia seguinte. O Sol é realmente a fonte da minha vida”. (MORGADO, 2007, p. 39). A autora faz questão de frisar mais uma vez o aspecto visual do povo Surdo, quando coloca a palavra sol com “S” maiúsculo, levando o leitor a entender a importância da clareza, da visão e das oportunidades que o Surdo precisa para estabelecer comunicação.

Além disso, com relação a sua família ele diz que não lembra mais dos códigos criados ainda quando era criança para comunicar com eles, e também não sabe Crioulo, mas como todo Surdo, por instinto de comunicação encontra saída, Mamadu utiliza a escrita do português e relata que “[...] pouco a pouco vou ensinando gestos. Os meus sobrinhos são os que aprendem com mais facilidade”. Fazendo referências as falas de Patricia K. Kuhl, quando afirma que: “Não há dúvida de que as crianças aprendem a língua de maneira mais natural e eficiente do que os adultos, um paradoxo devido às habilidades cognitivas superiores dos adultos.” (KUHL, 2000, p. 11).

Mamadu apresenta outra propriedade marcante da comunidade Surda, as associações, “Há pouco menos de um ano, um grupo de Surdos criou uma associação para que os Surdos pudessem estar juntos.” (MORGADO, 2007, P. 41). Essas organizações têm o poder de juntar e aproximar o seu povo para uma melhor interação e debater sobre as lutas necessárias para o seu povo. Nesse lugar os Surdos sentem como se fosse sua “Segunda Casa”.

No trecho “E aqui estou eu, agora sou professor! Estou gostando muito, as crianças já tinham comunicação básica com gestos [...]” (MORAGDO, 2007, P. 43). Mamadu demonstra felicidade por agora ser professor e poder contribuir com seu povo, salienta ainda, que as crianças já possuem uma comunicação básica com gestos, dando a entender que já tem um avanço na sua vila, mesmo que de forma limitada.

Ele se coloca completamente aberto a repassar tudo que aprendeu “Ofereci-me para ensinar tudo que aprendi.” (MORAGDO, 2007, P. 43), porém, “[...] espero não influenciar muito com a Língua Gestual Portuguesa, porque há muitos gestos que não fazem sentido aqui.” Através desta percepção Mamadu reforça a importância cultural do seu povo, e o desejo de manter as raízes africanas na língua Guianense. Como aponta Strobel,

A língua de sinais é um artefato fundamental de cultura surda. No entanto incluem também os gestos, denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros¹⁵” dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos

¹⁵ **Sinais Caseiros** correspondem aos gestos ou construção simbólica inventadas no âmbito familiar, e comum a constituição de um sistema convencional de comunicação entre mãe-ouvinte e criança-surda, a família acaba lançando mão desse recurso apesar de muitas vezes não aceitar a Língua de Sinais por pensar que esta atrapalhara a aprendizagem da fala do seu filho. (ALBRES, p. 4, acesso em: 22 jun. 2023, <http://www.editora-arara-azul.corn.br/pdf/artigo15.pdf>)

experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam sinais, pois não têm conhecimentos de sons e de palavras.

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p.44)

A efetivação das condições de comunicação de qualidade dos Surdos se dar por meio da língua, e o quanto mais cedo eles tiverem a oportunidade de ter o contato, eles terão um ganho expressivo na aquisição da língua, assim, sentindo inserido na sociedade, tendo mais acesso às informações, e tendo a possibilidade de fazer perguntas e ser respondidos. Ressaltamos aqui a necessidade de o quanto antes o Surdo ter o contato com outros Surdos, criando uma conexão identificatória cultural e linguística.

A obra, *Mamadu, o Herói surdo*, tem o poder de inspirar a sociedade e seus leitores a refletirem sobre a importância da inclusão e do respeito às diferenças. Através da história, a autora mostra como as pessoas são diferentes em relação à maioria e que muitas vezes enfrentam discriminação e exclusão, o que pode afetar profundamente sua autoestima e confiança.

Ao destacar a resiliência e a determinação de Mamadu, a obra também pode inspirar seus leitores a lutar contra a discriminação e a preconceito, e a encontrar sua própria voz e identidade. Além disso, a história pode ajudar a conscientizar a sociedade sobre a importância de se ter empatia e respeito pelo próximo, independentemente de suas diferenças.

Em um mundo cada vez mais diverso, onde as questões de inclusão e diversidade estão cada vez mais em pauta, "O Herói surdo" pode representar uma importante contribuição literária para a promoção da conscientização e da valorização da diversidade. A obra pode ajudar a promover uma reflexão crítica e sensível sobre as questões de exclusão e preconceito, e incentivar a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

Para concluir, a obra de Marta Morgado é um exemplo notável de como a literatura pode ser usada para dar voz a minorias e iluminar questões sociais importantes. A personagem Mamadu é um exemplo inspirador de um herói que enfrenta desafios significativos, mas ainda assim persevera. "É tão simples como um único adulto, um modelo Surdo, pode mudar a vida,

a cabeça, de tantas crianças. Ele é o herói das crianças surdas da Guiné-Bissau, ele é o meu herói! (MORGADO, 2007, p. 44). Sua história é uma lembrança poderosa de que, apesar de quaisquer desafios que enfrentam, as pessoas podem superá-los e alcançar grandes coisas.

3.2 – Sou Asas: aspectos da identidade Surda

A obra *Sou Asas*, de Marta Morgado apresenta a história de uma personagem infantil e sua descoberta pela identidade no mundo silencioso, além de abordar outras questões como Cultura Surda, aquisição da língua materna¹⁶, escolas bilíngues e laços de amizades. Joana é uma menina Surda, de pele branca, olhos azuis, cabelos loiros e é a personagem principal da trama. Ao chegar em uma escola de Surdos em Portugal, passa a ter mais contato com seus pares, com a língua gestual e com a Cultura Surda.

Joana, uma criança Surda imersa no universo inclusivo de Marta Morgado, embarca em uma jornada única de autodescoberta. Inicialmente matriculada em uma escola regular, ela enfrenta desafios de comunicação, mas sua vida toma um rumo transformador ao mudar para uma escola de Surdos. Nesse novo ambiente, Joana se conecta com seus pares, explorando a riqueza da identidade e Cultura Curda. Ao mergulhar nas histórias de seus novos amigos, ela ganha asas para voar no vasto território da Cultura Surda, formando laços profundos e construindo uma narrativa que celebra a diversidade e a força coletiva dessa comunidade.

A autora destaca a importância da língua gestual na vida de Joana e como ela é fundamental para a construção de sua identidade Surda. Ao se comunicar em sua língua materna, ela se sente mais conectada e compreendida pelas pessoas ao seu redor.

Figura 13 - Personagem Joana, livro Asas (2009) de Marta Morgado

¹⁶ **Língua Materna ou Língua Natural** entenda-se o sistema de comunicação verbal que se desenvolve espontaneamente no interior de uma comunidade. Veja-se DUARTE; Inês, *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa, Universidade Aberta, 2000, p. 15.

As LÍNGUAS GESTUAIS são também línguas naturais, visto possuírem as mesmas propriedades características das Línguas Oraís tais como a gramática, a sintaxe, uma infinidade discreta e uma forte generatividade/criatividade. Há várias Línguas Gestuais como a norte-americana ASL), a francesa (LSF), a brasileira (LIBRAS), a portuguesa (LGP) já devidamente documentadas na literatura científica.



Fonte: (MORGADO, 2009, p. 5)

Para compreender melhor sobre a língua materna, Baltazar (2011) diz que:

Qualquer criança, em primeiro lugar, terá que adquirir espontaneamente a língua, para desenvolver a linguagem e então ter acesso à língua escrita, como segunda língua, seja ou não surda. Jean-Paul Sartre, filósofo francês, ilustrou bem isto quando disse: “Falamos na nossa língua materna, mas escrevemos numa língua estrangeira”. (BALTAZAR, 2011 p. 8)

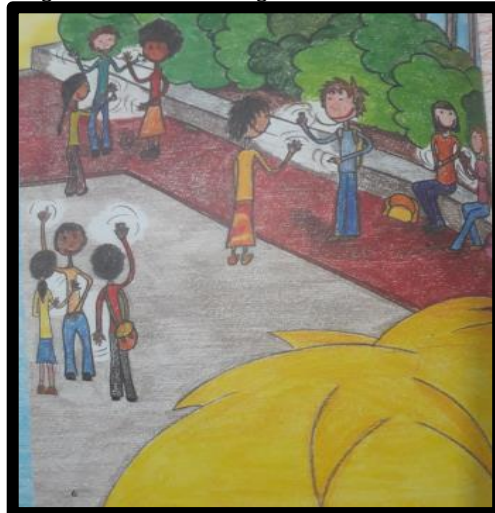
A língua gestual é a língua materna/natural dos povos Surdo, que possibilita uma comunicação efetiva dos usuários dessa língua, representando os valores culturais, sociais e científicos dessa comunidade. Uma língua é considerada natural, quando têm uma comunidade que a utilize como meio de comunicação. No caso das línguas gestuais, a comunidade de pessoas Surdas preenche essa condição, formando um grupo social distinto. A utilização da língua gestual proporciona aos Surdos um atributo de pertença a uma unidade interpessoal, com uma posição social própria. Por trás desse atributo, existem um conjunto bastante complexo de emoções, convicções e características culturais que possibilitam a coerência do grupo.

O livro inicia, narrando a trajetória escolar de Joana, “Era outono, as aulas tinham começado há três semanas. Joana era surda, crescera numa escola onde todos ouviam. Tinha terminado o quarto ano e ainda não tinha entrado para uma escola nova” (MORGADO, 2009, p. 4). Neste trecho, é notório que Joana sempre estudou em escola de ensino regular, com uma pedagogia nos moldes tradicionais da oralidade, seja na alfabetização ou nas metodologias trabalhadas.

[...] tendo sido a sua escolaridade, normalmente em escolas de ensino regular, nos anos 80 e 90, facilmente percebemos que as metodologias oralistas dominaram a sua aprendizagem. Assim, o português era uma língua forçada que tinham de aprender “à força” ao invés de ser uma língua segunda que deveriam ter aprendido segundo métodos de ensino específicos. (CORREIA, 2010, p. 9).

Nas escolas de ensino regular que recebem alunos Surdos, os professores ouvintes, podem ser considerados como “estrangeiros”, pois os mesmos não dominam a língua gestual, por mais que tenham a presença do tradutor intérprete de língua de sinais/português, a metodologia e didática aplicada, ou seja, pelo hábito e costume sempre privilegia a modalidade oral/auditiva, fazendo uso da fala como meio de comunicação principal.

Figura 14 - Joana chega à escola de Surdos



Fonte: (MORGADO, 2009, p. 6)

Agora, Joana já “Foi para uma escola de surdos. No primeiro dia, nunca tinha visto tantos surdos na vida, nunca tinha falado em língua gestual. Só conhecia o alfabeto

manual¹⁷[...]. (MORGADO, 2009, P. 7). O contato com os seus pares é fundamental na formação de qualquer pessoa, principalmente na infância, período que está sendo formada sua personalidade, esse contato com o outro é essencial para a adaptação psicossocial presente e futura. “[...] Todos já tinham feito amigos novos, todos já tinham cadernos preenchidos de aulas” (MORGADO, 2009, P. 7).

As atividades em grupo ou em amizades unipessoais cumprem função importante no desenvolvimento das crianças envolvidas, contribuindo para aquisição de novas aptidões e habilidades sociais envolvidas nas afinidades interpessoais. Assim como as experiências com os livros e as histórias, segundo Morgado (2023),

As histórias e os livros têm uma influência mágica em transmitir informações às crianças, é através das histórias que as crianças constroem a sua própria identidade, quanto mais histórias, mais elas podem moldar a sua identidade e isso é fundamental. (MORGADO, 2023)

Logo que Joana chega à escola e é recepcionada pela professora que a conduz até sua nova turma, para conhecê-los e, “Os colegas ficaram radiantes por ter mais uma colega nova. Como de costume, fizeram pergunta ritual. És surda? [...]” (MORGADO, 2009, P. 11-13), para aquelas crianças, receber aquela menina tão tímida era maravilhoso, ainda mais sendo Surda, pois era o mais normal no mundo visual delas, como cita Perlin: “Ser normal segue uma norma. Mas ser normal para o Surdo significaria ser Surdo, ser autenticamente Surdo” (PERLIN, 2007, p. 9).

Claro que Joana não compreendeu, porque todos falaram em língua gestual. Logo a professora explicou que ela ainda não sabia a língua gestual e que todos tinham que ajudar. E assim, os colegas tentaram comunicar com ela por mímica, outros fizeram leitura labial¹⁸. (MORGADO, 2009, P. 13)

¹⁷ **Alfabeto manual** é um recurso das línguas de sinais que utiliza as mãos para representar o alfabeto das línguas orais. Cada letra ou número são representadas por configurações de mão específicas. O Alfabeto Manual também é conhecido como Alfabeto Digital, Datilologia ou Dactilologia.

¹⁸ **Leitura labial** ou **leitura da fala**, consiste na interpretação visual da comunicação de um falante através da decodificação dos movimentos dos lábios e das expressões fornecidas pela contração dos músculos da face.

Joana, não tinha contato ainda com a língua gestual e necessitava ser inserida dentro da comunidade Surda, para isso contava com ajuda dos novos amigos.

Figura 15 - Apresentação do nome gestual dos colegas



Fonte: (MORGADO, 2009, P. 15)

Os colegas, um a um, começaram a apresentarem-se em língua gestual:

- Olá, o meu nome gestual é “cabelos encaracolados”! – disse a Vera
- Bom dia, o meu nome gestual é “dente grande”! – disse o João
- Eu sou o “olhos grandes”! Realmente, o David tinha olhos enormes.
- Eu sou o “V”! Dizia o Vasco que colocou os dedos em V na madeixa branca.
- E eu sou o “moreno”! – disse o Fábio, com um ar malandro.
- E eu, “negra feliz”! Disse Maria com um sorriso grande, de dentes tão claros e de pele tão escura. (MORGADO, 2009, p 13-17).

O nome gestual na Cultura Surda é uma das características marcantes, que acontece através do batismo ao ingressar na comunidade Surda, pode ser uma característica física da

pessoa, ou a primeira letra do seu nome ou profissão, apelidos, manias ou hábitos rotineiros, como podemos exemplificar, Dalcin (2007),

[...] os surdos eram "batizados" por outros surdos da comunidade, através de um sinal próprio e que esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade surda. [...] a comunidade surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no "batismo" quando o surdo ingressa na comunidade [...]. (DALCIN, 2007, p. 205).

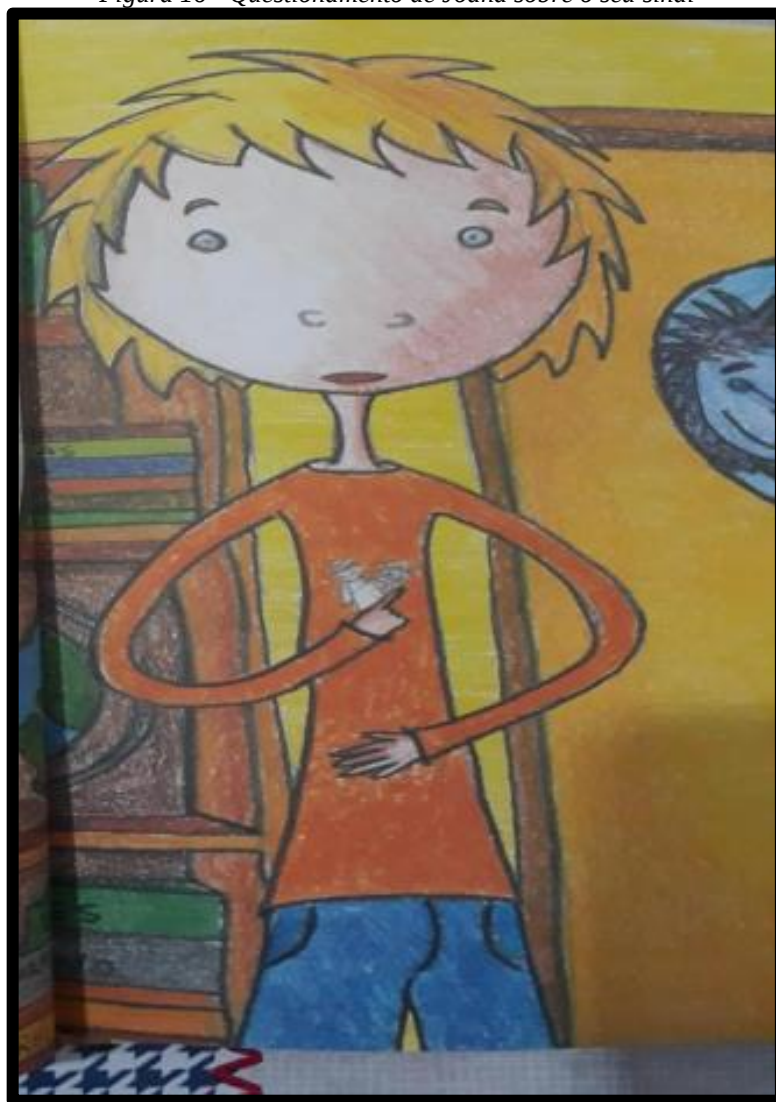
Esse batismo deve ser criado e dado por uma pessoa Surda, considerando antiético quando realizado por uma pessoa ouvinte, pois esse ato faz parte do Ser Surdo, convencionado pela Cultura Surda. Para Stuart Hall (1997), a cultura “determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo”. A (re)criação e o progresso de uma Cultura Surda são viabilizados por meio da vivência e da partilha de experiências nas comunidades Surdas.

Através de entrevista concedida, Morgado afirma que:

No *Sou Asas*, é, mais uma vez, baseada na experiência real. Eu recebi alunos do 5º ano (entre os 10 a 12 anos) que nunca tiveram língua gestual e normalmente os que crescem com a língua gestual não lhes ligam nenhuma. Então o livro mostra que é importante termos empatia entre crianças que sabem a língua gestual e crianças que não tiveram oportunidade de aprender antes. Precisamos de dar boas-vindas a todos os surdos e ajudá-los a integrá-los o melhor possível. (MORGADO, 2023).

A autora aproveita de suas experiências pessoais e retrata em Joana, que percebendo que todas aquelas crianças não identificavam com seus nomes próprios, mas com o nome gestual no qual foram batizadas. “[...] deixou para trás o nome em dactilologia e perguntou: – E eu?” (MORGADO, 2009, p 20).

Figura 16 - Questionamento de Joana sobre o seu sinal



Fonte: (MORGADO, 2009, P. 21)

Segundo Hall (1997), pode-se argumentar que pertencer a uma cultura significa aceitar/comunicar não apenas as regras e regulamentos, mas também as condições impostas pela cultura. Contudo, o sentido de grupo que existe numa comunidade cria as condições para que aqueles que a compõem se sintam seguros onde estão, na companhia dos seus pares. Nesse sentido, Joana começa a sentir parte desse grupo quando indaga: – “E eu?” como aponta Lopes,

O caráter comunitário implicado no olhar surdo posiciona os sujeitos nas tramas da experiência que os fazem desenvolver sentimentos de pertencimento a um grupo surdo e de não-pertencimento a outros grupos que não têm a surdez como uma condição determinante de ser surdo. (LOPES, 2007, p. 52)

Em pouco tempo de convivência a personagem já tem uma nova experiência, e começa a desenvolver um sentido de pertencimento ao grupo que fora apresentada, e seus novos colegas já tratam de inseri-la o quanto antes. Começam a pensar em um nome gestual para batizar a nova integrante da escola de Surdos.

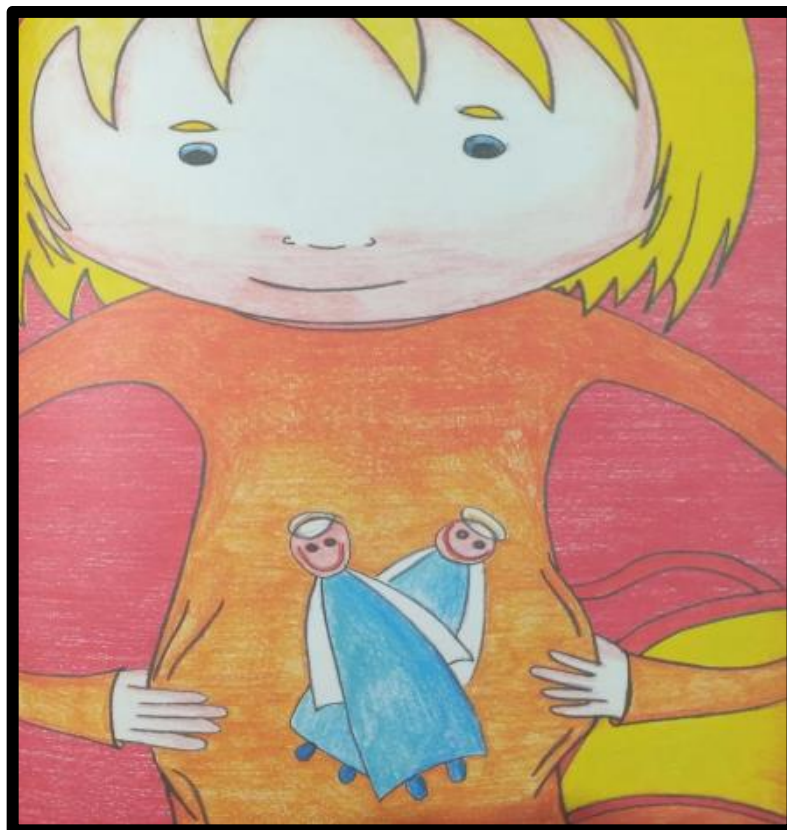
- Tu? Hum, temos de pensar... Temos de estudar e saber o que há de diferente em ti.
- Já Sei! Tu és a menina de olhos azuis! Disse o Fábio, mas outros não concordaram:
- Esse não. Toda a gente que olhos azuis tem esse nome, vamos pensar noutro.
- Disse a Vera.
- Hum está difícil... – Dizia o João!
- Só se for a “menina de cabelo amarelo”.
- Esse não, já há muito com cabelos amarelos! – Dizia David. (MORGADO, 2009, p 26).

Porém, encontram um pouco de dificuldade, pois: “Joana era muito magra, pele clara, olhos azuis claros, cabelo amarelo claro, tudo nela era claro, sem cicatrizes, sem sinais, sem sardas, nem óculos. (MORGADO, 2009, p 26).

- Nem uma cicatriz, nem um buraquinho na bochecha, nem tem cabelo encaracolado, nem nada. – Dizia a Maria.
- Pois não, mas parece um anjinho! – Todos diziam.
- Joana tinha uma camisola com dois anjinhos, a mochila um desenho de pássaro branco.
- Claro como um anjinho!
- Anjinho como a tua camisola, e sem anel na cabeça como o pássaro da tua mochila!
- És uma “Asas”! (MORGADO, 2009, p 30-36).

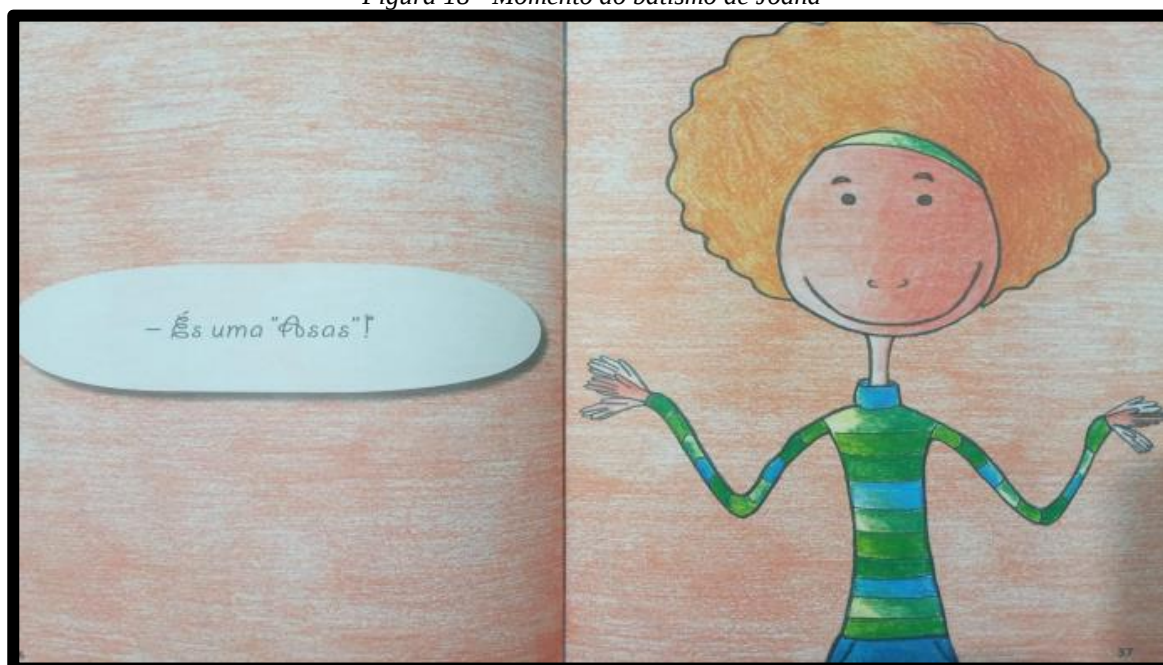
Depois de observarem as características físicas, manias, entre outros aspectos da menina, o grupo a batiza dando o nome gestual de “Asas”. O texto nos leva a deduzir que esse nome gestual se dá pelas características físicas como a Cultura Surda pede quando se atribui o nome gestual a um novo integrante na comunidade Surda, e ainda fazem referências aos anjinhos na roupa da personagem.

Figura 17 - Anjos na roupa de Joana



Fonte: (MORGADO, 2009, p.33)

Figura 18 - Momento do batismo de Joana



Fonte: (MORGADO, 2009, p. 38-39)

Fazendo uma análise que pode estar implícita na história, pode-se questionar o nome gestual “Asas” se realmente está ligado às características físicas do personagem quando se refere “como um anjinho”. Se pensarmos dessa forma, estaríamos tendo atitudes

preconceituosas, afirmando que só as pessoas de pele clara, olhos azuis e cabelos loiros são anjos. Esse pensamento arcaico está relacionado às tradicionais expressões racista que exclui o negro de assumir o papel de anjo ou qualquer outro ser supremo. De acordo com Petry e Dias,

Quando se fala em racismo, logo pensa-se em um racismo explícito, com ofensas e xingamentos, motivados pela discriminação pela cor da pele (construção de uma ideia de superioridade entre raças). Porém, existem outras variações dentro dessa concepção, dentre elas encontra-se o racismo velado, o qual não é tão explícito, mas tão cruel quanto qualquer outra modalidade, produzindo efeitos igualmente cruéis e danosos. (PETRY; DIAS, 2021, 1)

Se interpretarmos esse trecho da obra dessa forma, estamos levantando um racismo velado, dando a ideia de uma superioridade entre raça. É importante ressaltar que em momento algum a autora Marta Morgado tem o objetivo de levantar essa bandeira do racismo, e nem traz aspectos racista em sua obra, porém é necessário ter o cuidado quando analisamos a associação da fala com as características físicas do personagem.

A palavra anjo, conforme o dicionário Online de Português DÍCIO, etimologicamente:

[...] deriva do grego “ángelos”; pelo latim tardio ‘angelus’, i, com o sentido de ‘mensageiro de Deus’.
 (Religião) Ser puramente espiritual que, segundo algumas religiões, transmite mensagens espirituais às pessoas na Terra, especialmente aquelas enviadas por Deus.
 (Arte) Modo de representação desse ser através da arte.
 (Figurado) Criança muito tranquila, calma, serena, ou pessoa dotada de uma qualidade eminente, que se destaca em relação aos demais por suas boas características.

Através do significado da palavra anjo, entendemos que Marta Morgado, utiliza das características dentro de um sentido figurado, referindo a Joana como uma criança “tranquila, calma, serena”, característica essa que pode ser observada em qualquer pessoa, independente da sua cor de pele.

Voltando ao nome gestual de Joana, trata-se da marca identitária da personagem, que fora nos seus primeiros anos de vida privada da identidade Surda, sem contato com seus pares

e sua língua. Vivendo numa profunda prisão linguística e cultural. Agora, tendo oportunidade de conviver em uma escola de Surdos, Joana ganha “Asas”, é livre para voar, estar inserida junto com os seus, no seu mundo, conhecendo e aprendendo a liberdade que a língua gestual é capaz de proporcionar.

Alvarez Ferreira (2013, p.166), nos apresenta que,

Era precisamente uma dinâmica de libertação que animava o devaneio alquímico nas longas manobras da sublimação. Inumeráveis são, na literatura alquímica, as imagens da alma metálica prisioneira numa matéria impura! A substância pura é um ser voante: é preciso ajudá-lo a abrir suas asas. Em todas as circunstâncias da técnica de purificação pode-se acrescentar imagens de libertação nas quais o aéreo se separa do terrestre, e vice-versa. Libertar e purificar estão, na alquimia, em total correspondência. São dois valores, ou melhor, duas expressões de um mesmo valor. Podem, pois, ser comentadas, uma e outra, sobre o eixo vertical dos valores que se sente em ação nas imagens finas. E a imagem alquímica da sublimação ativa e contínua nos proporciona realmente a diferencial da libertação, o duelo cerrado entre o aéreo e o terrestre. Nesta imagem, ao mesmo tempo, no mesmo tempo, a matéria aérea se torna ar livre e a matéria terrestre se torna fixa [...] (L’AIR et LES SONGES p. 300-301)

O texto descreve a dinâmica de libertação presente na alquimia, onde a purificação e a liberação estão intimamente relacionadas, representando expressões de um mesmo valor. Baseando essa reflexão na obra *Sou Asas*, nota-se a libertação de Joana, ou seja, a transformação e a descoberta de sua identidade Surda, ao adentrar na cultura até então desconhecida.

Embora a obra não aborda diretamente o tema do batismo na língua gestual, é possível observar a importância da língua gestual como um elemento fundamental para a construção da identidade Surda, sendo um rito importante para muitos Surdos, pois representa a aceitação e a conexão com a comunidade Surda.

Em Portugal, o fato da Conversão da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), em 23 de setembro de 2009 passa reconhecer definitivamente as pessoas Surdas essencialmente a questões dos Direitos Humanos das Pessoas com Deficiência, tratando como seres titulares de todos os direitos reconhecidos e assegurados pela CDPD.

Enfim, a CDPD é um primeiro Tratado Internacional, que tem uma força vinculativa, isto é, tem aplicação plenamente obrigatória na ordem jurídica interna, ou seja, o Estado é obrigado a adoptar, para estar conforme com a CDPD, as medidas efectivas em relação aos direitos reconhecidos, que mencionam especificamente os Direitos das Pessoas Surdas, por exemplo, a Língua Gestual e sua identidade cultural e linguística. Antes da CDPD, já em 1997, as Pessoas Surdas conquistaram (fragilmente) o reconhecimento dos seus direitos, ou seja, o direito à educação em contexto bilingue e, implicitamente, o direito à Língua Gestual para se expressarem e comunicarem em qualquer local, através do artigo 74.º, n.º 2, alínea h), da Constituição que declara: “*proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades.*” (SOUZA, 2011, p. 13)

Destaca-se aqui a importância da valorização e aceitação da língua gestual como elemento cultural dos povos Surdos, garantindo o direito à educação de qualidade e igualdade a todos os cidadãos portugueses, independentemente de sua classe social, religião, raça ou opção sexual.

Em resumo, *Sou Asas* traz um impacto significativo para a sociedade e seus leitores, uma vez que aborda questões claras sobre a inclusão, identidade e Cultura Surda na formação do sujeito Surdo. Esta obra destaca a importância da aceitação e da compreensão da diversidade na construção de uma sociedade mais inclusiva. O título “Sou Asas” tem um significado simbólico na obra e está diretamente relacionado ao batismo da personagem Joana, que recebe o nome de Asa. A escolha do nome gestual Asa é uma referência à liberdade, à capacidade de voar e de alcançar novos horizontes.

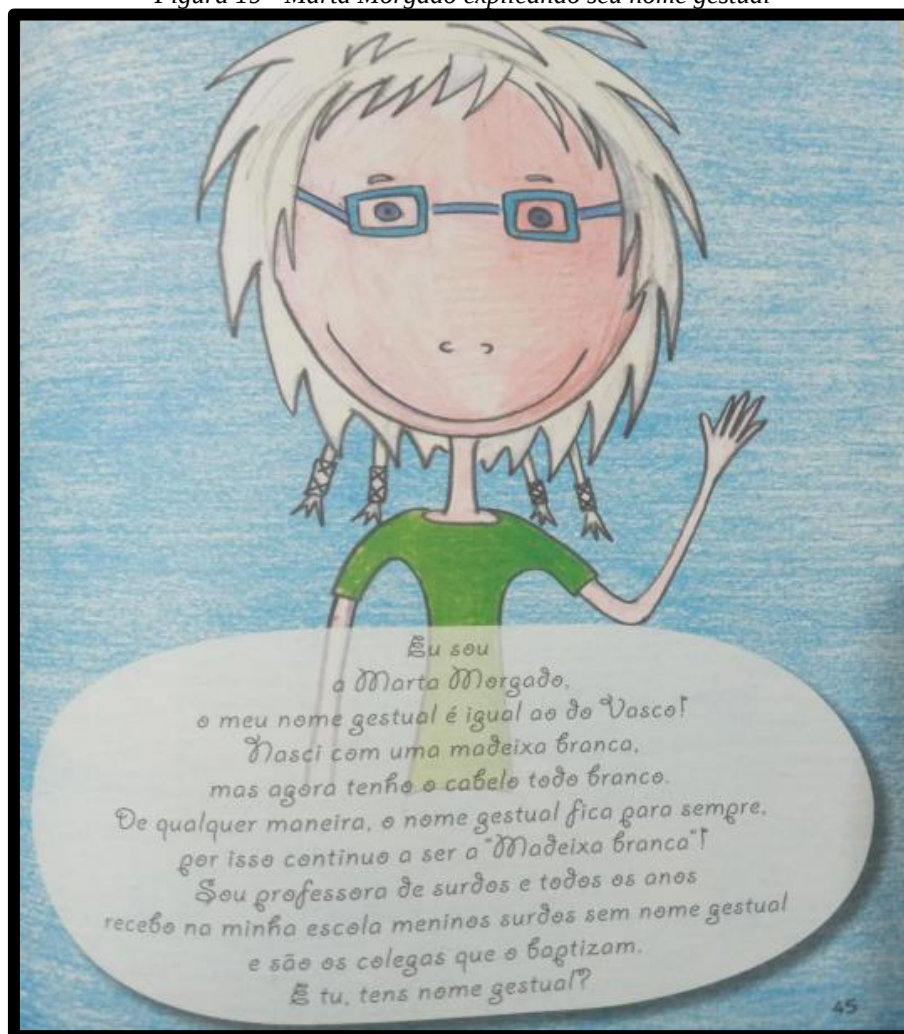
Através desse nome gestual, a personagem é simbolicamente associada à imagem de uma ave, que voa livremente pelo céu e é capaz de superar as barreiras impostas pela vida. Esse simbolismo é reforçado pelo título da obra, que sugere a ideia de que cada pessoa é capaz de alçar voos e superar seus próprios limites, assim como as asas que permitem a um pássaro alcançar o céu. Dessa forma, o nome Asa, representa a capacidade de Joana e de todas as pessoas Surdas voarem livremente em suas próprias vidas, superando obstáculos e alcançando seus sonhos e objetivos.

Além disso, pode ser interpretada como uma referência ao papel da língua gestual na vida da personagem. Assim como os pássaros voam com suas asas, a língua gestual permite a Joana se comunicar e se expressar livremente, superando as barreiras linguísticas impostas pela sociedade ouvinte. Bem como sobre a necessidade de garantir o acesso a essa língua e a outros

recursos de acessibilidade para que essas pessoas possam se comunicar e se expressar livremente.

A autora Marta Morgado, nas últimas páginas da obra, faz questão de reafirmar sua condição de Surda, assim como Joana, que tem seu nome gestual e explica o porquê foi batizada com ele, como podemos verificar através da figura 19, logo abaixo:

Figura 19 - Marta Morgado explicando seu nome gestual

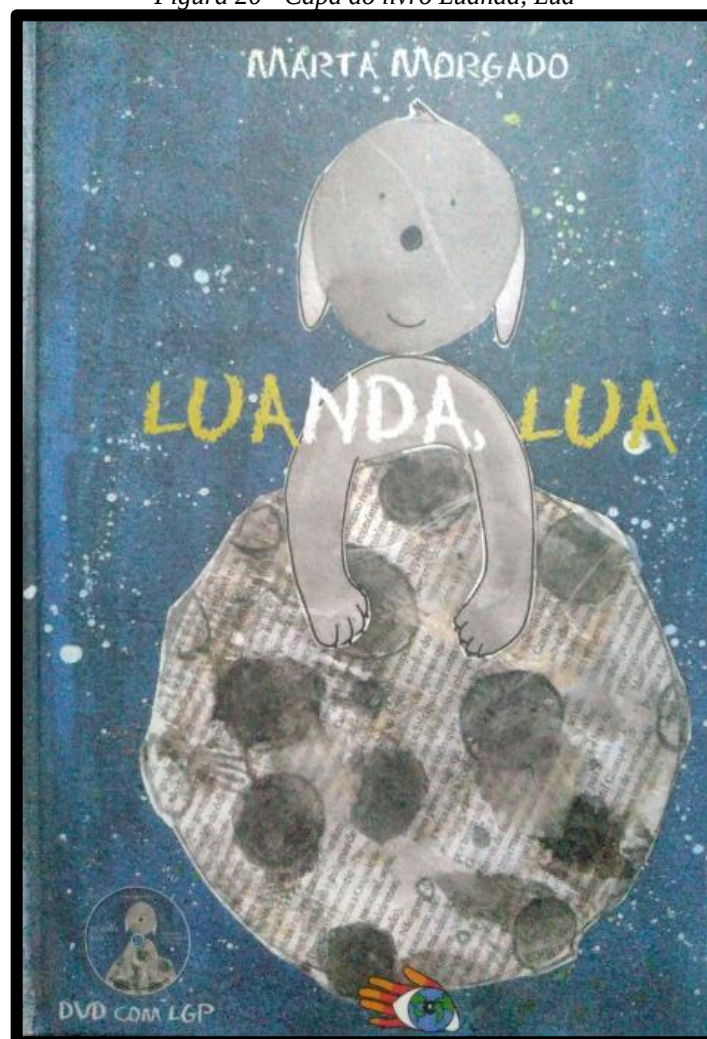


Fonte: (MORGADO, 2009, p. 45)

3.3 – Luanda Lua: e as novas configurações familiares

A última obra literária publicada por Marta Morgado foi *Luanda, Lua*, no ano de 2012, Luanda é a capital administrativa e política de Angola, país localizado na porção ocidental do continente africano. É a maior cidade do país, com uma população contabilizada em 8 milhões e 200 mil habitantes. O livro, apresenta a história contada por uma cachorrinha chamada Luanda, que narra a vida de uma família portuguesa formada por um casal homoafetivo, a Marta e a Mariana. Uma marca de Morgado, nos seus livros, são as cores vibrantes e imagens cativantes e nesse, em especial, a técnica utilizada pela autora diferencia-se da dos demais, pois os personagens e objetos que compõem a história foram construídos utilizando jornais, inclusive na capa apresentada pela cachorrinha segurando a lua revestida por uma textura de jornal.

Figura 20 - Capa do livro *Luanda, Lua*



Fonte: (MORGADO, 2012)

Essa técnica utilizada nos leva a refletir se o jornal utilizado pela autora foi proposital ou simplesmente uma forma de arte para constituir a estética da obra. Como a literatura é um espaço livre de questionamentos e descobertas, é necessário entender o significado de jornal, conforme o *Dicionário Online de Português*, jornal é: Gazeta, folha, publicação diária que dá notícias dos fatos que ocorrem e informações políticas, literárias, etc. Diante desse significado já desperta que a abordagem utilizada na história chama atenção da importância que a informação chegue a todos, seja no campo político, literário ou social.

Os temas tratados na obra são atuais e necessitam estar em pauta, independentemente da idade ou classe de pessoas, pois são assuntos caros para toda a sociedade e que enfrentam ainda muito tabu. A autora, já na primeira página, a dedica toda para chamar atenção com a seguinte frase: “História baseada em factos reais. (MORAGADO, 2012, p. 5)

Paulo Côrte-Real, presidente da International Lesbian and Gay Association (ILGA) – Portugal, escreve o prefácio e por também faz lembrar que:

A história da Luanda, Lua é baseada em factos reais, é este o aviso inicial. E vale a pena frisar o aviso: a família que Luanda, Lua descreve existe de facto, é real. É real no amor, é real o projeto, é real o espaço de conforto e de partilha, o espaço para crescer e para aprender a crescer.

E a família que Luanda, Lua descreve é uma família como as outras. Mas é uma família que, como outras famílias no Portugal de hoje. Não existe para a lei e para o Estado. A Marta e a Mariana são mães; o Estado finge que não vê. E finge não perceber que a discriminação incide diretamente sobre as crianças que não têm direito a ver a sua família reconhecida pela lei.

A história da Luanda, Lua faz-nos ver essa realidade: a enorme diversidade que nos faz pessoas e o arco-íris de famílias que devemos celebrar. Contra as ficções dos preconceitos, contra a invisibilidade e invisibilização homossexual, esta história é mesmo baseada em factos e em pessoas reais; e está aqui a mostrar que famílias arco-íris também estão aqui. É tempo de as vermos, de as reconhecermos – e de, com elas, aprendermos, também, a crescer. (MORGADO, 2012, p. 4)

O prefácio apresentado por Paulo Côrte-Real, já nos aguça a conhecer as páginas do livro de Luanda, Lua que aborda temas tão claros para sociedade contemporânea, porém é necessário entendermos quais os direitos esses casais arco-íris têm em Portugal. De acordo o diário da república portuguesa, através da Lei n.º 9/2010 de 31 de maio:

Permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. A assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º Objecto: A presente lei permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

Artigo 2.º Alteração ao regime do casamento: Os artigos 1577.º e 1990.º do código Civil passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 1577.º [...] Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida, nos termos das disposições deste código.

Artigo 1591.º [...] O contrato pelo qual, a título de esponsais, desposórios ou qualquer outro, duas pessoas se comprometem a contrair matrimónio não dá direito a exigir a celebração do casamento, nem a reclamar, na falta de cumprimento, outras indemnizações que não sejam as previstas no artigo 1594.º, mesmo quando resultantes de cláusula penal.

Artigo 1690.º [...] 1 — Qualquer dos cônjuges tem legitimidade para contrair dívidas sem o consentimento do outro. 2 — »

Artigo 3.º Adopção 1 — As alterações introduzidas pela presente lei não implicam a admissibilidade legal da adopção, em qualquer das suas modalidades, por pessoas casadas com cônjuge do mesmo sexo. 2 — Nenhuma disposição legal em matéria de adopção pode ser interpretada em sentido contrário ao disposto no número anterior.

Artigo 4.º Norma revogatória: É revogada a alínea e) do artigo 1628.º do Código Civil.

Artigo 5.º Disposição final Todas as disposições legais relativas ao casamento e seus efeitos devem ser interpretadas à luz da presente lei, independentemente do género dos cônjuges, sem prejuízo do disposto no artigo 3.º

Aprovada em 11 de fevereiro de 2010.

O Presidente da Assembleia da República, Jaime Gama.

Promulgada em 17 de maio de 2010.

Publique-se. O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

Referendada em 18 de maio de 2010.

O Primeiro - Ministro, José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa. (PORTUGAL, 2010, n.º 105, 1.ª série, p. 1853).

Por mais que em 2010, a república de Portugal aprovasse a união entres casais homoafetivos, esses casais ainda sofreram retaliações e discriminações ao longo dos anos. A própria lei aprovada já deixa lacunas de desigualdades, quando no seu artigo 3.º proíbe a adoção por casais homoafetivos.

Só no ano de 2016, com a lei 2/2016 - Elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações conforme o Diário da República n.º 41/2016, Série I de 29 de fevereiro de 2016, essa lei entrou em vigor no dia 1 de março de 2016, que pode ler-se:

“Elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares...”. Desta forma estão em ordem

alterações a várias redações, nomeadamente à Lei nº 9/2010 e ao Código do Registo Civil. Na lei que diz respeito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (Lei nº 9/2010) deixa de ser referida a não admissão da adoção, tornando assim, a lei livre de qualquer discriminação relativa à orientação sexual. Desta forma, a partir daqui casais homossexuais podem ser considerados candidatos numa adoção conjunta de uma criança. (MACIEIRA, 2020, p.22).

Com as recentes alterações da legislação em Portugal, a homoparentalidade¹⁹ tornou-se mais ampla, sendo que para se denominar homoparentalidade, não precisa haver nenhuma ligação biológica entre pais e filhos, pois já é possível a adoção de uma criança por um casal homoafetivo.

Dessa forma, a redefinição do conceito de família na sociedade atual é alterada, para atender a todas as novas constituições de família acerca do mundo. Antes poderíamos encontrar no *Dicionário Houaiss* a seguinte definição: “Grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (especialmente o pai a mãe e os filhos)”, esse conceito foi alterado para: “Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária”.

A obra em análise, tem seus fatos narrados em um espaço de tempo cronológico linear de 5 anos, que acontece em uma família como tantas outras que habitam em Portugal, na atualidade. Luanda, Lua é uma cachorrinha de pelo curtinho e cinzento, após três meses do seu nascimento foi adotada por duas mulheres que se amavam muito.

Um dia, chegaram duas meninas, uma com cabelo preto e outra com cabelo branco, juntas fazem o cinzento do meu pelo, mal as vi, soltei para cima delas, comecei a brincar e a correr, estava muito contente. A menina de cabelo preto e com os olhos cor de azeitona chama-se Mariana e a menina de cabelo branco e olhos azuis é a Marta. A Marta é surda, eu percebi logo que ela não ouvia. (MORGADO, 2012, p. 10).

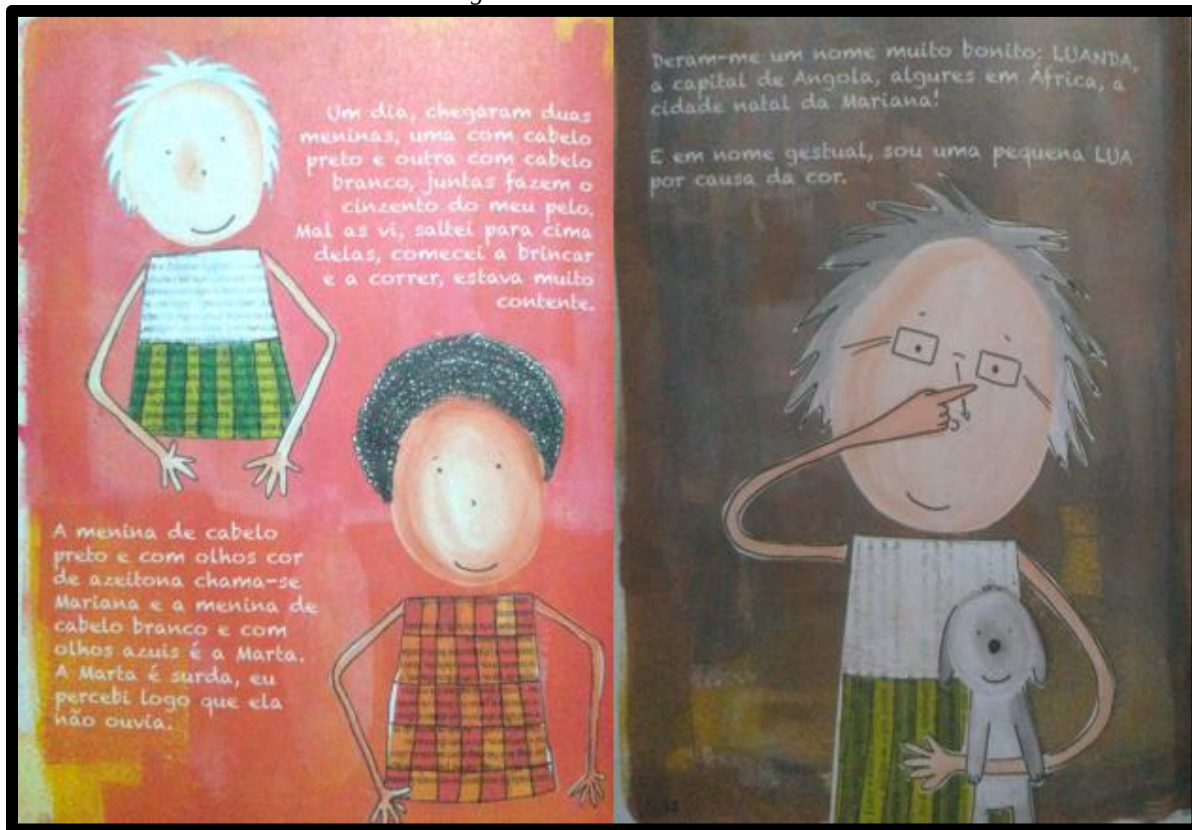
¹⁹ **Homoparentalidade** estado ou condição de um pai ou de uma mãe homossexual ou de um casal homossexual com filhos, fenômeno que envolve uma ou mais pessoas homo ou bissexuais, seja um pai ou uma mãe no singular ou um casal de pessoas do mesmo sexo.

Em Portugal, designam-se por famílias arco-íris ou famílias homoparentais as famílias constituídas por casais do mesmo sexo, gays ou lésbicos, com crianças a cargo.

Disponível em: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. <https://dicionario.priberam.org/homoparentalidade>.

A cadelinha logo se apaixona pelas suas novas mães, todos os seus irmãozinhos já haviam ganhado um novo lar e só restava ela.

Figura 21 - Marta e Mariana



Fonte: (MORGADO, 2012, p. 10 - 12)

Não demorou muito e elas: “Deram-me o nome muito bonito: LUANDA, a capital de Angola, algures em África, a cidade natal da Mariana”, como a nova integrante agora faz parte de uma família com Surdos, é batizada seguindo a tradição cultural dos povos Surdos, recebendo o nome gestual, “[...] sou uma pequena LUA por causa da cor”.

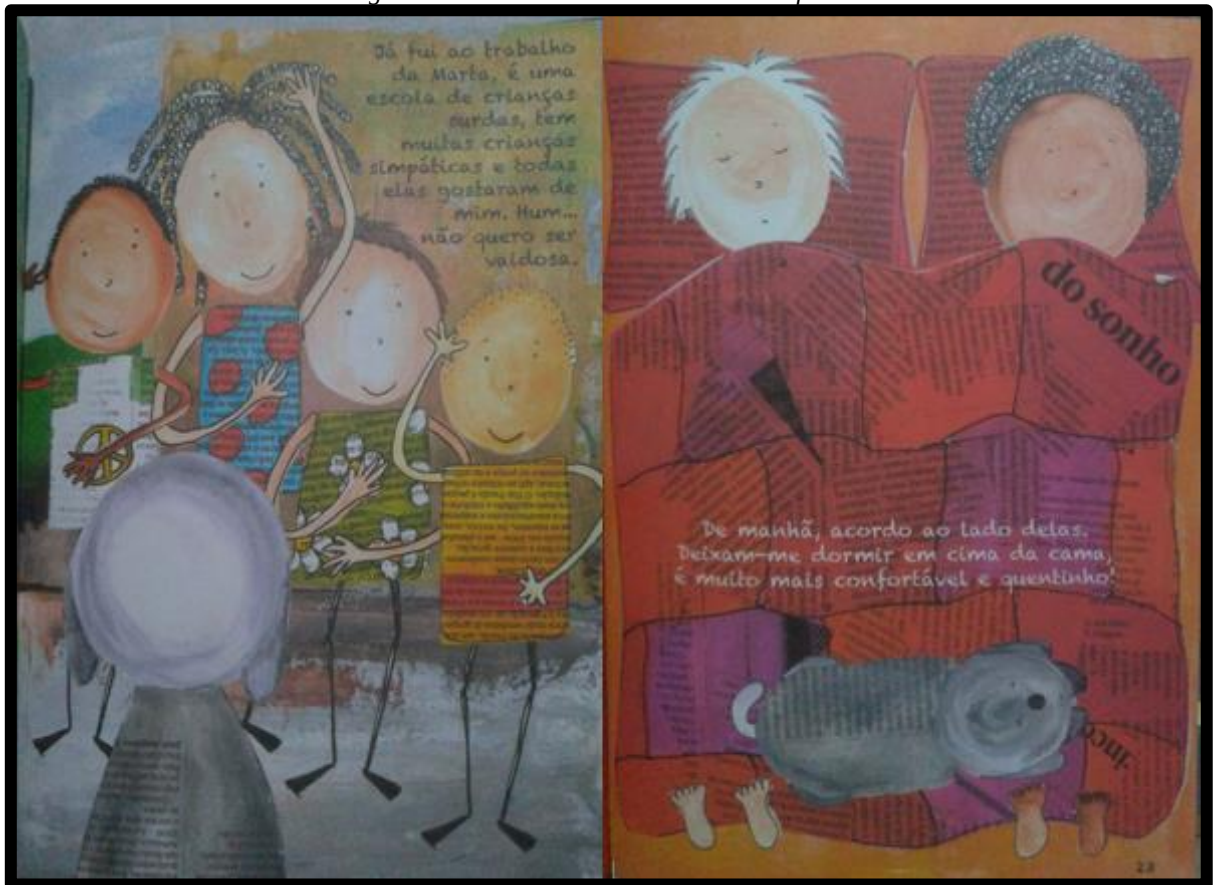
Como já abordamos anteriormente, esse nome gestual é uma marca cultural da comunidade Surda, que batiza todos que fazem parte desse grupo, e a Luanda, Lua não poderia ficar de fora, já que assume o papel de personagem – narradora e protagonista da história.

Essa é uma característica dos textos literários infantis contemporâneos, que, conforme Ramos (2009), se caracterizam pela capacidade de estimular o leitor a criar uma relação de empatia e aproximação com os personagens, principalmente os protagonistas, que muitas vezes são assumidos por crianças ou animais com experiências e comportamentos serenos. O

protagonista desempenha um papel importante nessas obras para que o ato de ler possa criar uma relação de identificação entre o leitor, seja criança ou adulto, e o livro.

Luanda, Lua toda feliz com o novo lar, “As minhas donas levaram-me para uma casa nova, num bairro muito bonito, num prédio alto com sete andares” (MORGADO, 2012, p. 13). No decorrer do enredo, o leitor passa pela experiência de uma sucessão de episódios, acontecimentos e fatos que desenrolam no dia a dia familiar, como no simples fato de Luanda ficar sozinha em casa, ou os passeios no trabalho de Marta e Mariana, quando estão todos reunidos na sala, e até questões na educação como: “A Marta mostrou-me onde devo fazer chichi, mas eu, no princípio, não percebi lá muito bem” (MORGADO, 2012, p. 17).

Figura 22 - Momentos de convivência em família

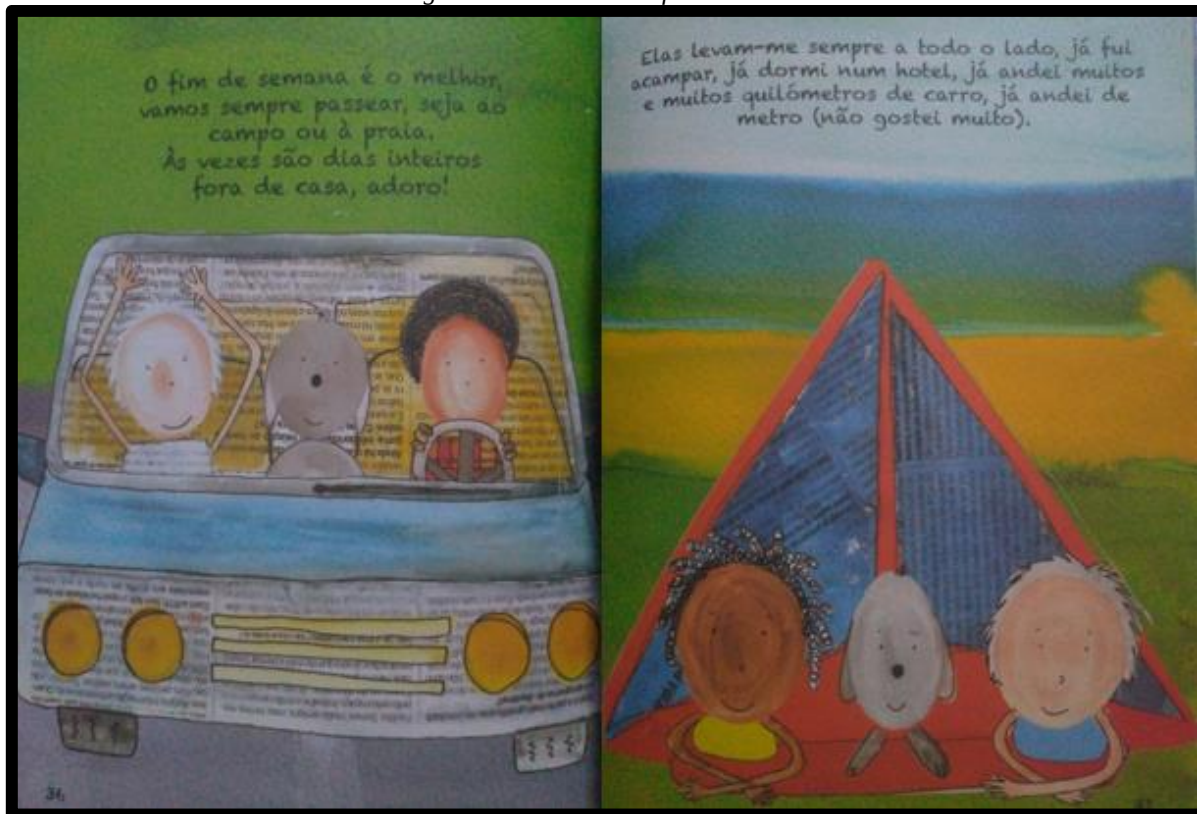


Fonte: (MORGADO, 2012, p. 19-23)

Três anos já se passaram, “[...] estou muito grande e já me porto bem! Quer dizer, ainda chuchu o meu peluche, mas já não me importo de ficar sozinha de dia, quando elas estão a trabalhar.” (MORGADO, 2012, p. 34). A linguagem proposta por Morgado é singela e com uma certa leveza, que, a presença de um casal homossexual feminino, não seja o centro da discussão, por outro lado, consegue apresentar uma família natural e feliz. “O fim de semana é

o melhor, vamos sempre passear, seja ao campo ou a praia. Às vezes são dias inteiros fora de casa, adoro!” (MORGADO, 2012, p. 36).

Figura 23 - Passeios de fim de semana

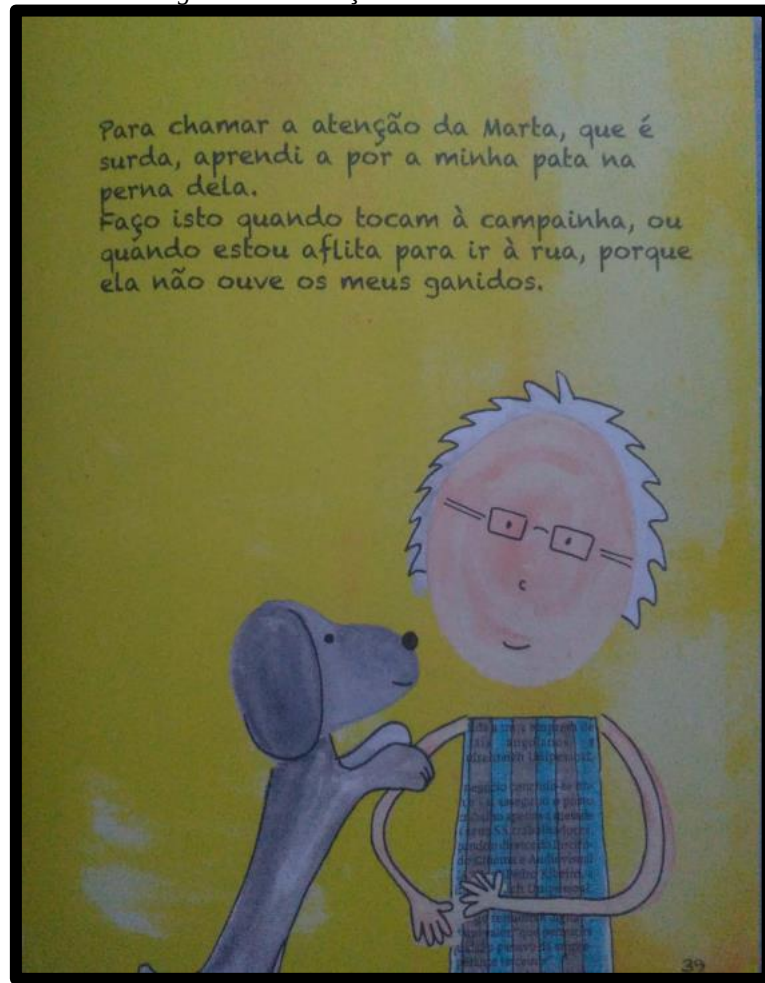


Fonte: (MORGADO, 2012, p. 36 - 37)

A história possui um roteiro simples e realista, que propõe apresentar as famílias homoparentais, dando a oportunidade ao leitor de conhecer um pouco sobre a rotina familiar como de qualquer outra, com brincadeiras, refeições, tarefas domésticas, passeios, entre outros. Ainda, pode-se notar que, de acordo com a figura anterior, a família tem comportamentos naturais, a fim de abolir qualquer tipo de preconceitos, pelo contrário, o intuito principal é estimular aos leitores um debate acerca de algumas opiniões postas pela sociedade.

O laço afetivo entre Luanda e Marta é impressionante, a cachorrinha já criou formas para auxiliá-la em casa, quando toca o alarme do carro, do relógio ou o toque do telefone. “Para chamar a atenção da Marta, que é Surda, Aprendi a pôr a minha pata na perna dela. Faço isto quando tocam a campainha, ou quando estou aflita para ir à rua, porque ela não ouve os meus ganidos.” (MORGADO, 2012, p. 39).

Figura 24 - Interação entre Luanda e Marta



Fonte: (MORGADO, 2012, p. 39)

Após uma convivência harmoniosa e já passar um bom tempo, Marta e Mariana decidem aumentar a família. Mariana engravida por inseminação artificial - Procriação Medicamente Assistida (PMA)²⁰ em Barcelona, já que o ano em questão ainda não era possível esse procedimento em Portugal. A aprovação da inseminação artificial só é aprovada no país pela Lei n.º 17/2016, de 20 de junho.

A Lei n.º 17/2016, de 20 de junho, veio alargar o âmbito dos beneficiários das técnicas de procriação medicamente assistida (PMA), garantindo o acesso de todos os casais e todas as mulheres à PMA, independentemente do seu estado civil, orientação sexual e diagnóstico de infertilidade, procedendo assim à segunda alteração à Lei n.º 32/2006, de 26 de julho, que regula as técnicas de

²⁰ A **Procriação Medicamente Assistida**, também dita **PMA**, baseia-se num conjunto de tratamentos e técnicas com o intuito de obter uma gravidez, utilizadas em casais com fertilidade reduzida, inférteis, e em mulheres, independentemente do seu estado civil e/ou orientação sexual.

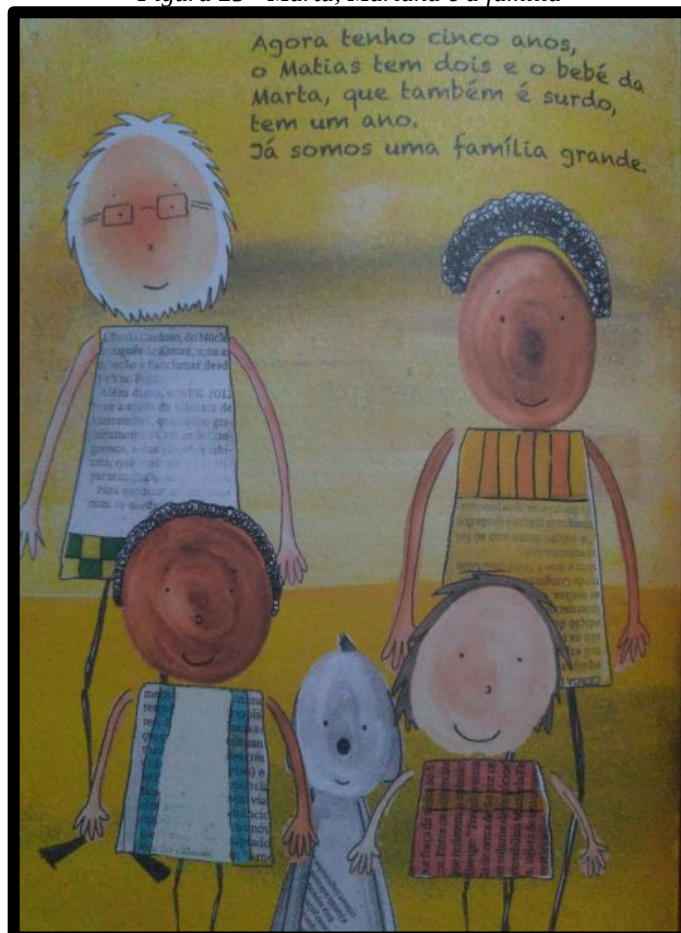
PMA.

Neste sentido, a alteração introduzida visa eliminar a restrição até agora vigente, segundo a qual o acesso às técnicas de PMA estava reservado aos casados ou às pessoas de sexo diferente que vivem em condições análogas às dos cônjuges há pelo menos dois anos, assegurando-se, deste modo, o respeito pelo princípio da igualdade no acesso às técnicas de PMA e rejeitando-se a exclusão de qualquer mulher no acesso às mesmas. (PORTUGAL, 2016).

Com essa lei, Portugal dá mais um passo largo em relação aos direitos igualitários aos portugueses.

Voltando ao livro, Mariana dá à luz o pequenino Matias, uma criança ouvinte que chega para aumentar a família. Dois anos depois, Marta também deseja engravidar pelo mesmo processo e nasce um filho Surdo. “Agora tenho cinco anos, o Matias tem dois, e o bebê da Marta, que também é surdo, tem um ano. Já somos uma família grande.” (MORGADO, 2012, p. 42).

Figura 25 - Marta, Mariana e a família



Fonte: (MORGADO, 2012, p. 42)

No entanto, Marta e Mariana ainda querem uma família maior e juntos com os filhos vão ao canil adotar mais um cachorro que já alguns meses deixado ali, e se chamava Castanho. Assim, ele se tornou o caçula da família. Ainda insatisfeitas, e, em menos de um ano, elas tomaram a decisão de adotar a Nina, uma menina já adolescente, negra, Surda e órfã de pai e mãe. Agora sim a família está completa.

Figura 26 - Chegada da Nina à família



Fonte: (MORGADO, 2012, p. 44)

Outro tema que o livro aborda é adoção tardia que, segundo Paiva (2004); e Weber (2004), podem considerar em crianças com mais de dois anos de idade, como é o caso da Nina que tinha aproximadamente uns 10 anos. O período inicial de adaptação nesse tipo de adoção pode ser mais complexo, mas é fundamental para o sucesso da adoção.

Nos casos de concretização de uma adoção tardia, é necessário um período de adaptação para o seu êxito. A partir do momento em que os pretendentes à adoção assumem a guarda, para fins de adoção de uma criança ou de um adolescente, inicia-se o período denominado estágio de convivência, que perdura até o momento em que a sentença de adoção é homologada. A duração deste período depende de determinação judicial e pode ser prorrogada por sugestão da equipe técnica que o acompanha (Brasil, 1990).

Assim, caberá uma longa tarefa, tanto para os pais que adotaram, quanto para a criança adotada que enfrentam um processo de adaptação. Outro fator é como as características dos adotantes e das crianças contribuirão para esse sucesso da adaptação inicial e da adoção como um todo.

Para a criança, é positivo que ela já saiba de sua história de adoção e tenha consciência do rompimento com a família de origem. Já para os adotantes, aspectos facilitadores incluem flexibilidade em relação às peculiaridades da adoção de crianças maiores, respeito às suas características, capacidade de demonstrar afeto, postura de naturalidade em relação à adoção, inserção da criança nas atividades sociais da família e apoio da família extensa.

A relação familiar é, para além de um direito, uma necessidade fundamental da criança e do adolescente, uma vez que é na família que começa a relação de afeto, proteção e inicia-se o procedimento fundamental ao desenvolvimento à sua personalidade. De acordo com Fachinetto:

O direito a ter uma família é um dos direitos fundamentais de toda pessoa, especialmente àquelas em pleno desenvolvimento, pois a família é tida como o núcleo básico de criação e manutenção de laços afetivos. Tal direito não significa apenas o simples fato de nascer e viver em uma família, mas vai além disso expressando o direito a ter vínculos através dos quais a criança se introduz em uma cultura e em uma sociedade, tornando-se, de fato e de direito, cidadão. (FACHINETTO, 2011, p. 197/210).

Ainda segundo Fachinetto:

O afastamento da criança ou adolescente do convívio familiar traz nefastas consequências para o desenvolvimento neuro-físio-psicológico, além de

dificultar a capacitação individual e subjetiva à vida em família e em comunidade. Tal quadro se agrava quando, como solução para este afastamento, a criança ou adolescente é colocada em instituições que, sob o fiel pretexto de protegê-las, na prática, acabam as afastando do convívio familiar e comunitário (FACHINETTO, 2011, p. 197/210).

Essa criança pode ter dificuldade em se adaptar à nova rotina, regras e dinâmica familiar. Ela pode sentir falta da família biológica, mesmo que tenha consciência do rompimento com ela. Importante ressaltar que elas podem ter desafios emocionais, devido a situações que passaram ou por experiências traumáticas, e com isso, podem ter dificuldade em estabelecer vínculos afetivos e confiar em novas figuras parentais e ainda, conforme Vargas (1998), podem apresentar comportamentos desafiadores, como raiva, medo, ansiedade e rejeição.

Além de poder ter vivenciado situações de negligência, abuso ou separação, o que pode afetar sua saúde emocional e comportamental. Os adotantes precisam estar preparados para lidar com esses traumas e fornecer o apoio necessário. Sem mencionar que o histórico escolar pode ser inconsistente ou com lacunas de aprendizado devido a mudanças frequentes de cuidadores. Os adotantes podem precisar fornecer suporte adicional e buscar recursos educacionais adequados.

Para suprir todas essas barreiras, é de suma importância o apoio profissional, como: terapeutas, psicólogos, assistentes sociais ou grupos de apoio para lidar com os desafios específicos da adoção tardia. O acompanhamento pós-adoção é fundamental para garantir o bem-estar da criança e da família.

Por outro lado, a adoção tardia tem o seu lado positivo que é superar qualquer dificuldade imposta. Como os adotantes já tiveram a oportunidade de saber antecipadamente sobre sua história de adoção e estar ciente do rompimento com a família de origem, demonstraram facilmente uma flexibilidade em lidar com as peculiaridades da adoção das crianças mais velhas, respeitando as suas características individuais, seguindo uma postura de naturalidade em relação à adoção, tratando a criança adotada como membro integral da família.

Baseando-se na família de Marta e Mariana, deixa em evidência que adoção pode ser realizada por qualquer construção familiar, nas mais diversas formas de constituir um lar. Nas palavras de Ana Carla Harmatiuk Matos:

No que respeita especificamente a adoção, a possibilidade dos homossexuais adotarem pode atender às necessidades emocionais das crianças, de modo a que apresentem melhores condições ao desenvolvimento de suas personalidades. (...) não se pode excluir um rol de pessoas, as quais poderiam ser habilitadas para adoção, pelo simples fato da homossexualidade, não só pela discriminação ao sujeito ou par homossexual, mas, principalmente pelo não atendimento ao superior interesse das crianças de terem uma família, algo essencial ao desenvolvimento da personalidade humana. (MATOS, 2006, p. 69).

A presença de um casal homossexual feminino, composta por duas mães não mudará em nada na criação de uma criança desde que seja um lar repleto de carinho, atenção e respeito. “[...] pelo fato dos homossexuais terem uma condição econômica melhor, serão capazes de proporcionar uma boa educação e bem-estar aos adotados”. (MATOS, 2013, p. 297). Desta maneira, a adoção não requer a análise da orientação sexual dos interessados a adotar, mas sim a avaliação de seu equilíbrio emocional, estabilidade profissional, maturidade e disponibilidade afetiva para educar uma criança. Além disso, é importante considerar sua capacidade de transmitir amor e sua consciência no papel que desempenharão na vida da criança, criando um laço familiar saudável. Portanto, ao deferir a adoção, é essencial garantir que ela atenda ao interesse da criança e seja baseada em benefícios legítimos.

Diante do exposto, Ramos (2009) nos apresenta que:

[...] o crescimento significativo da atenção à vivência da homossexualidade parental, apresentada como uma tipologia familiar estável e uma alternativa legítima que coexiste com o paradigma da família tradicional, numa atitude que pode ser lida enquanto forma de diversificação das referências sociais propostas a criança muito pequenas. A temática em apreço, situando-se no âmbito dos chamados temas emergentes, onde se incluem questões como a política, a guerra e os conflitos sociais, a multiculturalidade ou mesmo a consciência ecológica, conhece uma atenção particular por parte dos pólos de emissão e recepção do fenômeno literário. (RAMOS, 2009, p. 294)

Contudo, não é a orientação sexual que determina se uma pessoa será um bom pai ou boa mãe. Ser heterossexual não garante isso, pois assim como existem homossexuais irresponsáveis e negligentes, também há heterossexuais assim. Portanto, não se pode fazer generalizações, e cada caso deve ser analisado individualmente.

Outro ponto bastante significativo é a questão do preconceito da sociedade perante os filhos de casais homossexuais. Este estigma, de fato, pode impactar essas crianças, porém é responsabilidade dos genitores prepará-las para enfrentar a sociedade, sendo autênticos desde o princípio acerca de sua orientação sexual, sem aprofundar em particularidades, e oferecendo-lhes o máximo de suporte possível, inclusive com auxílio profissional, caso necessário. A Marta Morgado em entrevista realizada durante esse estudo, esclarece que:

Nos últimos anos tenho visto grandes mudanças na escola, o tema LGBTQP+ é o tema cada vez mais abordado nas escolas e cada vez mais em públicos mais infantis. Eu não me escondo quem sou e as crianças perguntam se eu tenho um marido. No início eu evitava falar disso porque não queria confusões nem problemas, mas depois achei que através desse livro, as crianças iam ficar menos confusas e mais esclarecidas. Além disso, há crianças com famílias de arco-íris e este livro serve para reduzir os tabus ou a discriminação e para mostrar que todas as famílias são todas diferentes e todas elas são famílias reais. (MORGADO, 2023)

Com base na fala de Marta Morgado que este livro foi feito com o intuito de reduzir os tabus e discriminação. Trazemos a Nina, que além de ser adotada de forma tardia por uma família arco-íris, é Surda e negra. Por mais que esses casais optem por sair do padrão, como aponta Matos, os casais homossexuais e os solteiros têm preferência por adotar crianças que possuam necessidades especiais e também crianças negras, ao invés de buscar aquelas do perfil mais requisitado, como recém-nascidos de pele branca. (MATOS, 2013, p. 297).

A Nina é como tantas outras crianças, que além de trazer uma bagagem emocional afetada pelo fato de não ter uma família biológica, e, muitas vezes, ter que enfrentar a demora por aceitação de uma família em adotá-la, sem citar os trâmites judiciais, corre risco de ser marginalizada com o preconceito/racismo pela sociedade, seja na escola, rua, mercado, festa ou até mesmo no próprio condomínio, pelo simples fato ser filha de uma casal arco-íris, ou ser Surda e negra. Conforme nos apresenta Buzar (2012),

Como é denominado na teoria da interseccionalidade, as pessoas surdas negras sofrem um processo de subinclusão nesse caso. Assim, de acordo com este estudo, as pessoas surdas negras sofrem preconceito e racismo, tanto dentro da escola, como no contexto social, o que acarreta uma série de problemas sociais e emocionais aos mesmos. (BUZAR, 2012, p.123).

Uma pesquisa realizada por Furtado (2012) apresenta questionamentos e reflexões acerca dos desafios que os Surdos negros enfrentam com o "preconceito duplo". Para a pesquisadora, "indivíduos significativamente distintos", como é o caso dos negros, dos homossexuais, dos cegos, dos Surdos, passam por processos duplos de preconceito, resultando em sua exclusão em diferentes espaços sociais.

A obra *Luanda, Lua*, é rodeada de expectativas devido aos temas abordados, e subjacente a essa convicção está a ideia de que não há temas proibidos na literatura infantil. Embora a questão da homossexualidade seja tratada com sutileza, quase passando despercebida, o tema central da obra é a defesa incondicional dos afetos.

Através da perspectiva da cachorra narradora, Marta Morgado consegue transmitir a história de forma leve e com uma linguagem acessível para todos os públicos, o que torna a leitura mais agradável e cativante. Além disso, a autora utiliza a história para discutir questões importantes, como a aceitação da diversidade e a importância do amor e do respeito na formação das famílias.

Figura 27- Família arco-íris de Marta e Mariana



Fonte: (MORGADO, 2012, p. 45)

Por fim, *Luanda, Lua*, é um livro que aborda de forma sensível e reflexivo temas importantes para a sociedade. A história mostra que todos têm o direito de serem felizes e de

formarem suas famílias da maneira que quiserem, desde que haja amor e respeito entre os membros. Além disso, a obra é uma forma de conscientização sobre as questões que afetam a comunidade LGBTQIAPN+ e as pessoas marginalizadas cultural e socialmente, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre as conclusões dessa pesquisa, percebo um trajeto de desenvolvimento ao longo dessa jornada. Declarar que encerro este estudo seria impreciso, pois considero esse trabalho mais um passo em minha busca por compreender os elementos da Cultura Surda, com destaque para a produção literária.

O embasamento teórico explorado e minha vivência profissional na área da surdez foram elementos cruciais que me proporcionaram a confiança ao concluir esta pesquisa. Trago, ainda, questionamentos e o anseio por continuar explorando o campo de estudos da literatura gestual Surda, com ênfase na produção literária gestual Surda em Portugal. Assim, encerro este estudo com uma compreensão mais aprofundada dos conceitos investigados.

A literatura Gestual Surda é uma forma de resistência cultural, que permite a comunidade e os povos Surdos exercerem a imaginação e contar histórias únicas que abordem temas exclusivamente dos sujeitos Surdos. Através da literatura gestual Surda, a língua de sinais é incorporada e a Cultura Surda é representada de maneira autêntica e positiva, sendo fundamental a acessibilidade para que todas as pessoas Surdas possam ter acesso a essa forma de expressão cultural tão importante.

Esse tipo de literatura nasce através da tradição de debates entre seus pares, em termos históricos, que é muito recente. O período de difusão das obras literárias Surdas é marcado no final do século passado, porém, é apresentado por concepções teóricas hegemônicas no campo, como se a mesma sempre existisse. As primeiras manifestações começam a surgir como registros autobiográficos, onde fica nítida a busca por um lugar social e onde, ao mesmo tempo, encontram-se marcas da resistência.

É uma forma de expressão cultural que foi amplamente desconsiderada por muitos anos devido à sua invisibilidade e falta de direitos. Esse tipo de literatura é essencial para se conectar com a Cultura Surda através da língua de sinais, expressando suas criações literárias com o intuito de conseguir atrelarem a si mesmos. A literatura é fundamental para a formação do indivíduo, sendo ela transmitida de geração para geração pela literatura oral, escrita ou sinalizada.

Nesse sentido, destaca-se a contribuição significativa da escritora Surda Marta Morgado, cujas obras têm desempenhado um papel fundamental na ampliação do repertório literário Surdo. Morgado, através de sua experiência única como uma autora Surda, oferece uma perspectiva autêntica que enriquece o panorama literário, destacando a importância de garantir que a produção literária Surda seja difundida.

Assim, ao compreender as obras de Marta Morgado como expressões literárias que incorporam as múltiplas facetas da identidade Surda, esta dissertação destaca a relevância dessas narrativas para a construção de uma compreensão mais ampla e inclusiva da comunidade e do povo Surdo. Por meio dessa análise, busca-se contribuir para a promoção e valorização da literatura Gestual Surda, reconhecendo-a como uma poderosa ferramenta de transformação e empoderamento dos sujeitos Surdos.

A autora revela não apenas a riqueza artística de sua expressão literária, mas também a profundidade com que aborda a complexidade da identidade Surda. As personagens presentes em *Mamadu o herói Surdo*, *Sou Asas* e *Luanda, Lua* não são apenas figuras ficcionais, que refletem a complexidade da condição humana, com identidades únicas e repletas de contradições, aspirações e desejos, mas representações simbólicas das experiências diversas dentro da comunidade Surda portuguesa.

Ao longo da narrativa, as personagens passam por transformações e desenvolvimento, enfrentando desafios, dilemas e conflitos, que contribui para evolução de personagens dinâmicas e realistas presentes nas representatividades de diferentes origens étnicas, sociais, sexuais e culturais, com foco central na surdez. Servido de veículos de reflexões que provocam discussões sobre questões sociais relevantes como justiça social, igualdade de gênero, direitos humanos e sustentabilidade ambiental.

Através das experiências e perspectivas das personagens, Morgado incentiva os leitores a questionarem os seus próprios pontos de vista e comportamentos, promovendo a autorreflexão e uma compreensão mais profunda das complexidades da existência humana. Bem como identificar a inserção da literatura gestual/Surda portuguesa como literatura marginal frente ao cânone literário, e verificar quais as representações e características das personagens das obras em estudo a partir da análise da formação da personagem/identidade.

A abordagem de Marta Morgado transcende as fronteiras da surdez e incorpora uma gama de identidades, reconhecendo a interseccionalidade presente na vida dos Surdos. Ao explorar a literatura marginal, Morgado não apenas amplia as vozes da comunidade Surda, mas também desafia estereótipos e preconceitos, promovendo uma visão mais abrangente e inclusiva. Destaca ainda, a importância de incorporar a literatura Surda como parte integral do patrimônio literário, cultural e social. Através desse reconhecimento, a pesquisa contribui para a criação de um ambiente igualitário, onde a diversidade das experiências Surdas é valorizada e celebrada.

Nesse contexto, é crucial enfatizar a necessidade de tornar a literatura Surda acessível a todos, promovendo sua disseminação e apreciação em diferentes esferas da sociedade. A literatura Gestual Surda, ao se tornar mais visível e acessível, não apenas enriquece o panorama cultural, mas também desempenha um papel significativo na construção de uma sociedade mais justa e imparcial.

A Literatura Surda promove respeito, igualdade e direitos de várias maneiras. Primeiro, ao dar voz e representação aos surdos, ajuda a combater a marginalização e a exclusão que muitas vezes os sujeitos Surdos enfrentam na sociedade. Além disso, a literatura surda também desafia estereótipos e preconceitos, ajudando a educar o público em geral sobre a cultura e a identidade surda.

Marta Morgado emerge como uma figura central nesse cenário literário. Suas contribuições desempenham um papel vital na representação autêntica da experiência Surda, abrindo caminho para um entendimento mais profundo e respeitoso da cultura e identidade Surda em Portugal. Morgado, ao usar a literatura como meio de expressão, torna-se um exemplo inspirador de como a escrita pode ser uma ferramenta poderosa para promover a compreensão e aceitação mútua.

Contudo, é fundamental reconhecer que, apesar dos avanços, a literatura gestual Surda ainda enfrenta desafios, incluindo a necessidade de uma maior visibilidade e apoio institucional. A criação de políticas que incentivem a produção e divulgação da literatura Surda, bem como a incorporação dessas obras nos currículos educacionais, são passos importantes para assegurar sua continuidade e impacto duradouro.

Além disso, a acessibilidade na literatura gestual Surda deve ser uma prioridade. Garantir que as obras estejam disponíveis em formatos acessíveis, como em língua de sinais e na versão escrita, é essencial para que uma variedade de públicos Surdos e ouvintes possa se engajar plenamente nas narrativas produzidas.

Num contexto global, a literatura Surda contribui não apenas para a construção da identidade e autoestima Surda, mas também desafia as normas literárias convencionais, enriquecendo o panorama literário em geral. A experiência Surda, ao ser compartilhada através da literatura, promove uma compreensão mais profunda das diferentes formas de existência e enriquece a sociedade como um todo.

Em síntese, a literatura Surda, ao transcender fronteiras culturais e linguísticas, emerge como uma força transformadora na construção de uma sociedade mais inclusiva e diversificada. Através da representação autêntica e da promoção de escritores Surdos, como Marta Morgado, é possível garantir que as vozes da comunidade Surda continuem a ser ouvidas, apreciadas e incorporadas nos diversos aspectos da vida cultural e literária em Portugal e além.

Considerando o cenário global, a literatura Surda tem o potencial de catalisar mudanças significativas na maneira como as sociedades percebem e valorizam a diversidade. Ao destacar as experiências e perspectivas Surdas, ela desafia preconceitos e estereótipos, promovendo uma apreciação mais profunda das riquezas que cada indivíduo traz consigo.

A literatura Surda não deve ser vista apenas como uma expressão artística e cultural, mas também como um meio de educação e sensibilização. Incorporar obras literárias Surdas nos currículos escolares é uma estratégia eficaz para introduzir as gerações mais jovens a essa forma única de expressão, promovendo desde cedo o respeito à diversidade e a compreensão da comunidade Surda.

No contexto da globalização, é vital estabelecer redes de colaboração entre os escritores Surdos, acadêmicos e defensores dos direitos Surdos em diferentes países, visando amplificar a presença e o impacto da literatura Surda a nível internacional. Dessa forma, podemos construir uma comunidade global mais interconectada, na qual as vozes Surdas contribuam para o enriquecimento cultural e literário em todo o mundo.

É essencial sublinhar que a inclusão da literatura Surda nos cânones literários não é apenas uma questão de representação, mas também um ato de justiça cultural. Reconhecer e

valorizar a literatura Surda implica em reconhecer a validade das experiências Surdas, desafiando a hegemonia linguística e cultural predominante.

Ao concluirmos esta reflexão, é imperativo reiterar que a literatura Surda é mais do que uma forma de expressão artística; é uma ferramenta fundamental para a construção de sociedades inclusivas e respeitosas da diversidade. Ao promover a literatura Surda, estamos contribuindo para uma mudança cultural mais ampla, onde as vozes marginalizadas encontram seu espaço e são celebradas por sua autenticidade e singularidade.

Assim, completamos que a literatura Surda é uma força dinâmica que vai além das páginas escritas, moldando a maneira como as sociedades percebem, valorizam e se relacionam com a comunidade Surda. Ao continuar promovendo e apoiando essa forma única de expressão, estamos comprometidos com a construção de um mundo onde a diversidade é celebrada e onde cada voz, incluindo aquelas da comunidade Surda, é uma contribuição valiosa para o rica tapeçaria da experiência humana.

Encerramos, assim, esta análise sobre a literatura Surda, reconhecendo seu papel vital na promoção da inclusão, na valorização da diversidade e na construção de identidades positivas. Ao refletir sobre as contribuições da literatura Surda, observamos sua capacidade transformadora não apenas no âmbito cultural e literário, mas também na criação de uma sociedade mais justa e respeitosa.

À medida que nos despedimos deste estudo, é fundamental destacar que a literatura Surda é uma voz única e necessária em meio ao vasto coro das expressões literárias. Sua autenticidade, representatividade e impacto não devem ser subestimados. Encorajamos, portanto, a contínua exploração, promoção e inclusão da literatura Surda nos diálogos acadêmicos, culturais e educacionais, a fim de garantir que as narrativas Surdas continuem a enriquecer o panorama global da literatura.

Que este trabalho inspire ações concretas para fortalecer a presença da literatura Surda, reconhecendo-a como um elemento essencial na tessitura cultural e literária, capaz de transcender barreiras e contribuir para a construção de um mundo mais compreensivo e inclusivo para todos. A literatura Gestual Surda, com sua riqueza e diversidade, é verdadeiramente uma dádiva cultural que merece ser celebrada e preservada para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Como os livros infantis desenham nossas personagens**. In: Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2004
- ALBRES, Neiva de Aquino. **Tradução de literatura infantil**: entre a construção de sentidos e o uso dos recursos linguísticos. In: III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012.
- ALVAREZ FERREIRA, Agripina Encarnación. **Diocinário de Imagens, Símbolos, Mitos, Termos e Conceitos Bachelardianos (livro eletrônico)**. Londrina: EDUEL. 2013. v.1 p. 166. Disponível em: https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem_digital.pdf. Acesso em 26 de jun. 2023.
- ANJO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/anjo/>. Acesso em: 26 de jun. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Ucitec.
- BALTAZAR, Armando. **A LGP e a inclusão escolar das crianças e jovens surdos**. Surdos Notícias, Lisboa. vol. 8, n.1, p. 8-9, set. 2011. Disponível: www.fpas.org.pt.
- BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios. p. 11-67
- BRASIL. **Portal da cultura afro-brasileira**. Ministério da Cultura. 2012.
- BUZAR, Francisco José Roma. **Interseccionalidade entre raça e surdez**: a situação de surdos (as) negros (as) em São Luís – MA. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília. Brasília - DF, 2012.
- CANDIDO, A.; GOMES, P. E. S.; PRADO, D. de A.; ROSENFELD, A. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- CANDIDO, Antônio. **“O direito à literatura”**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. et. al. **A Personagem de ficção**. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011

CAPOVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, Vol. 1 e 2: Sinais de A à Z. Ilustração: Silvana Marques. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

CARVALHO, Luís Claudio da Costa. **Literatura Surda e a questão do essencialismo: o nascimento de uma tradição**. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 14, p. 208-228, 2019.

CARVALHO, Luiz Claudio da Costa. **Lendas da identidade: o conceito de literatura surda em perspectiva**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

CARVALHO, M. E.; CAVALCANTI, W. M. A.; SILVA, J. A. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos: uma revisão integrativa da literatura**. Revista CEFAC, v. 21, n. 5, p. 1-11, 2019.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal**. Lisboa: Surd'universo Livraria Especializada Lda. 2007.

CASTAGNINO, Raúl H. **Análise Literária**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1971.

COMPAGNON, Antonine. **O demônio da teoria: literatura e senso**. Tradução de Cleonica Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com deficiência. Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009. Diário da República, I Série, 146, (2009-07-30); Decreto do Presidente da República n.º 71/2009. Diário da República, I Série, 146, (2009-07-30).

CORREIA, Isabel Sofia Calvário, 2010. **Gestos que se vêem: os surdos no ensino superior**. Surdos Notícias, Lisboa. vol.1, n.2, p.9, mar. 2011. Disponível: www.fpas.org.pt.

DALCIN, Gladis. **Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo**. In: QUADROS, Ronice (Org.). Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

FACHINETTO, Neidemar José. **O direito à convivência familiar e comunitária no Brasil**. Revista do Ministério Público do RS. Porto Alegre, n. 69, maio/2011, págs. 197/210.

FAMÍLIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/familia/>. Acesso em: 26 de jun. 2023.

FERNANDES, Manuel de Jesus. **Paludismo**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina - do Porto. Escola Tipográfica da Oficina da S. José Rua Alexandre Herculano. Porto, 1919.

FERRÉZ, **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. São Paulo: Agir, 2005.

FURTADO, Rita Simone Silveira. **Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

GANCHO, Cândida Vilar. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

GAVA, Á. A. **Breves considerações sobre a literatura surda**. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/viewFile/27945/15015>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GESSER, Audrei. Libras? **Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & realidade, v. 2, n. 2, jul./dez.1997.

JORNAL. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/jornal/>. Acesso em: 27 de jun. 2023.

HOMOPARENTALIDADE, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/homoparentalidade>. Acesso em: 26 de jun. 2023.

KARNOPP, L. B. & Machado, R. **Literatura surda:** ver histórias em língua de sinais. Anais do Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) – 2SBECE, Canoas, RS, Brasil. 2008.

KARNOPP, L. B. **Literatura, Letramento e Práticas Educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade**. Educação Temática Digital, 7(2), 98-109, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Produções Culturais de Surdos: análise da literatura surda**. IN: Cadernos de Educação. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, 2010.p. 155-174.

KUHL, P. K. **Uma nova visão da aquisição da língua materna**. Colóquio da National Academy of Sciences colloquium "Auditory Neuroscience: Development, Transduction, and Integration", realizado de 19 a 21 de maio de 2000, no Arnold and Mabel Beckman Center em Irvine, CA. PNAS, v. 97, n. 22, p. 11850–11857. - trad. Waldemar Ferreira Netto

LAMBERT, David; SCHOLLES, Robert. **"The Making of the Modern Canon"**. In: "Literature: An Introduction to Fiction, Poetry, Drama, and Writing". 2ed Compact Edition. Pearson, 2013, p. 158.

LÓPEZ, M. C., Veiga-Neto, A. (2010). **Marcadores Culturais Surdos**. In: L. M. C. Vieira-Machado, M. C. Lopes (Orgs.). Educação de Surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

MACIEIRA, Filipa Alvim Norton. **Adoção homoparental em Portugal – Evolução, estigma e aceitação**. Dissertação apresentado ao programa de mestrado em Ciências da Saúde à Universidade da Beira Interior. Covilhã – PT. 2020.

MATOS, Ana Carla Harmatiuk. **A Adoção conjunta de Parceiros do Mesmo Sexo e o Direito Fundamental a Família Substituta**. In: FERRAZ, Carolina V. et al. (Coords.). Manual do Direito Homoafetivo. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

MATOS, Ana Carla Harmatiuk. **Filiação e Homossexualidade**. In: Rodrigo da Cunha Pereira (Coord.). *Família e Dignidade Humana: Anais do V Congresso Brasileiro de Direito de Família*, São Paulo: IOB Thomson, 2006, págs. 69/101

MORGADO, Marta. **Estudos Surdos II**. Lisboa – PT: Universidade Católica Editora, 2012.

MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa – PT: Universidade Católica Editora, 2011.

MORGADO, Marta. **Luanda, Lua**. Lisboa – PT: Surd’Universo, 2012.

MORGADO, Marta. **Mamadu, o herói surdo**. Lisboa – PT: Surd’Universo, 2007.

MORGADO, Marta. **Sou Asas**. Lisboa – PT: Surd’Universo, 2009.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. KLEIN, Alessandra Franzen. **As luvas Mágicas do Papai Noel**. Coleção Todos Juntos. Ilustrações: Gisele Federizzi Barcellos. Porto Alegre, RS: Cassol, 2012. 24 p. Acompanha CD em Libras.

OLIVERIA, Rui de. **Pelos jardins de Boboli: a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PAIVA, L.D. **Adoção: significados e possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 180 2004.

PEIXOTO, J. A. **Ensino de Literatura para Surdos: material didático da disciplina “Ensino de Literatura para Surdos”**, do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos. João Pessoa: IFPB, 2020.

PEIXOTO, J. A. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil**. 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educar em Revista, Curitiba, n. 2, p. 17-31, 2014. DOI: 10.1590/0104-4060.37011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/qR5cDC7tgf5SyMtrSGvSVFC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 março 2023.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. **Surdos: o Narrar e a Política**. In: Estudos Surdos - Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos n. 5, UFSCI NUPICED, Florianópolis, 2003.

PETRY, Caroline; DIAS, Felipe da Veiga. **O racismo velado sob a ótica da teoria do etiquetamento e cifra oculta**. IMED. 2021. Disponível em: <https://soac.atitus.edu.br/index.php/mic/xiimic/paper/viewFile/1129/330>. Acesso em 26 de jun. 2023.

PIRANDELLO, L. **Seis personagens à procura de um autor**. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Abril, 1978.

PORTUGAL, Assembleia da República. 2010. Lei n.9/2010 de 31 de maio. n.º 105, 1.ª série, p. 1853. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2010-34476675>. Acesso em 26 de jun. de 2023.

PORTUGAL, Assembleia da República. 2016. Lei n.17/2016 de 20 de junho. n.º 124, série 2, p. Disponível em: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2632&tabela=leis&ficha=1&pagina=1 . Acesso em 27 de jun. de 2023.

PORTUGAL, Assembleia da República. 2016. Lei n.2/2016 de 29 de fevereiro. n.º 41, série 1, p. 634-635. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/2-2016-73740375>. Acesso em 26 de jun. de 2023.

RAMOS, Ana Margarida, **Saindo do armário**: Literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade, in: **Forma Breve**. n. 7, 2009. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/6649>. Acesso em 28 de jun. 2023.

RAMOS, Clélia Regina. **Uma leitura da tradução de Alice no país das maravilhas para a língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado em Letras), Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro Faculdade de Letras. RJ, 2000.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: Uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SÁNCHEZ, Carlos. **La increíble y triste história de la sordera**. Caracas: Ceprosord, 1999

SOUSA, Filipe Venade. **Os direitos humanos das pessoas surdas**. Surdos Notícias, Lisboa. vol.1, n.2, p.13, mar. 2011. Disponível: www.fpas.org.pt. Acesso em 28 de jun. 2023.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. **A atualidade dos gêneros autobiográficos**: ensaios críticos. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2019.

STROBEL, K. **As imagens do Outro sobre a cultura surda**. 5a. ed. revisada. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

STUMPF, M. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de sinais no papel e no computador. Porto Alegre: Ufrgs, 2004. Tese (Doutorado Em Informática Na Educação), Pós-Graduação Em Informática Na Educação, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2004.

SUTTON-SPENCE, Rachel; **Literatura em libras** [livro eletrônico], Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

VARGAS, M. M. **Adoção tardia**: da família sonhada à família possível. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 214, 1998.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2004. 76p.

WEBER, L.N.D. **Laços de ternura**: pesquisas e histórias de adoção. Curitiba: Juruá, p. 218, 2004.

WOORDWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: T. T. Silva (Orgs.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (12a ed., pp. 7-84). Vozes. 2000.

WRIGLEY, Oliver. **Política da surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

Estado ou condição de um pai ou de uma mãe homossexual ou de um casal homossexual com filhos.

APÊNDICE

ENTREVISTA COM A ESCRITORA MARTA MORGADO

Bruno: 1. Para você, o que significa ser uma Escritora Surda?

Marta: *É um imenso orgulho, adoro escrever, mas na verdade eu só publiquei, oficialmente, 3 livros infantis e 1 manual de vários textos infantis além de outros livros. Eu espero conseguir publicar mais livros, mas nos últimos anos o meu foco está na investigação de línguas gestuais africanas.*

Bruno: 2. Quando se fala em Literatura Surda em Portugal o seu nome sempre fica em evidência, basta ler os livros e os diversos estudos que debatem sobre essa temática, como você entende essa sua contribuição para a Literatura e para a Comunidade Surda?

Marta: *É uma contribuição muito importante para a comunidade surda, aliás, para as crianças surdas. Elas precisam ter modelos literários para construírem a sua identidade, precisam ver modelos surdos reais e imaginários.*

Bruno: 3. Como você pensa o cenário da Literatura Surda atualmente em Portugal e no mundo num todo?

Marta: *Em Portugal ainda tem muito pouco sobre literatura surda comparando com o resto do mundo ou mesmo no Brasil. Eu penso que Brasil está muito à frente com a literatura em língua gestual, em Portugal podemos ver que há surdos muito competentes para contar histórias, para fazer poemas em língua gestual. Precisamos investir mais nisso através de workshops e formações com professores surdos. Há pouco tempo descobri que temos jovens surdos portugueses com o dom de fazer Visual Vernacular, eu fiquei muito feliz. Eu espero depois do Doutorado, recolher toda a literatura existente e dar lhes mais valor, como por exemplo criando um website exclusivo para a Literatura Surda Portuguesa. Entretanto na minha área é mais na literatura infantil escrita e que também merece mais atenção, eu acredito que temos talentos surdos que escrevem histórias infantis para surdos. Mais uma vez precisamos investir mais nesta área em Portugal.*

Bruno: 4. Você considera que a Literatura Surda deve ser escrita apenas por Escritores Surdos? Como seria essa escrita?

Marta: *Eu penso que toda a gente é benvinda, nem todos têm dom de escrever histórias, mas eu defendo que devemos valorizar mais nas pessoas surdas porque elas passam por experiências próprias de ser surda e assim podem converter as suas experiências pessoais em histórias, fica mais real. Entretanto uma coisa importante que aconteceu comigo, eu não inventei as minhas histórias, elas são baseadas em experiências pessoais que eu vi e passei por ela. Eu as contei primeiro em língua gestual para os meus alunos. Eu contava muitas histórias a crianças e depois via o que mais elas gostavam e o Mamadu foi o preferido de todos e a seguir foi o Sou Asas. Portanto, eu primeiro criava as histórias em língua gestual e só depois eu passava para a escrita. É muito diferente quando escrevemos diretamente para a escrita sem pensar em língua gestual, o português escrito fica diferente quando pensamos primeiro em língua gestual. Eu fui professora de surdos durante 21 anos e a minha experiência é que os surdos como pensam primeiro em língua gestual, o português escrito tem de estar em sintonia com a língua gestual e assim cativa atenção das crianças surdas. Além dos meus livros infantis, eu fiz o manual escolar. A turma do Dinis” para o primeiro ano de escolaridade e nesse manual tem várias histórias, a começar os mais simples até aos mais compridos. Este é o fruto de vários anos de experiência de ensino a surdos, trabalhando sempre com professores surdos de língua gestual e professores de português. Nestes textos do manual foram sempre pensados em língua gestual. O tipo de pacote de informação está pensado para as crianças surdas.*

Bruno: 5. No seu livro “Mamadu, um herói surdo”, publicado em 2007 pela editora Surd’Universo, você traz temas como a pobreza, as lutas por educação, surdez e outras, o que te levou a trazer esses temas dentro da literatura gestual/surda?

Marta: *Esta história é baseada em experiência real. Desde os meus seis anos, quando entrei no primeiro ano de escolaridade e na minha turma tinha colegas surdas africanos e eles estavam em Portugal para ter escola e assim ficavam longe da família. Eles cresciam em Portugal até terminar a escola. Alguns voltavam para África e outros decidiram continuar em Portugal. Quando tornei professora, eu continuava ver crianças surdas que vinham de África. Hoje em dia, todos os países africanos de língua portuguesa já têm escola para surdos e agora menos crianças vão a Portugal. Portanto o livro mostra duas coisas cruciais, a importância da escola e a importância de termos a família perto.*

Bruno: 6. No livro “Sou Asas”, publicado em 2009, pela mesma editora Surd’Universo, você apresenta sobre sua trajetória e os desafios de Joana, uma criança surda descobrindo sua identidade Surda. Você acha que a Literatura Surda pode trazer esse empoderamento da identidade dos surdos? Por quê?

Marta: *As histórias e os livros têm uma influência mágica em transmitir informações às crianças, é através das histórias que as crianças constroem a sua própria identidade, quanto mais histórias mais elas podem moldar a sua identidade e isso é fundamental. No Sou Asas, é, mais uma vez, baseada na experiência real. Eu recebi alunos do 5 ano (entre os 10 a 12 anos) que nunca tiveram língua gestual e normalmente os que crescem com a língua gestual não lhes ligam nenhuma. Então o livro mostra que é importante termos empatia entre crianças que sabem a língua gestual e crianças que não tiveram oportunidade de aprender antes. Precisamos de dar boas-vindas a todos os surdos e ajuda-los a integra-los o melhor possível.*

Bruno: 7. Já na obra “Luanda Lua” de 2012, você aborda uma temática muito atual e necessária, envolvendo casais homoafetivos, adoção, inseminação artificial, abordagem racial, tudo dentro de um espaço familiar com a surdez presente. A linguagem é leve que consegue envolver o público infantil. Para você que escreve literatura Surda infantil como é atingir esse público com essas temáticas ainda tão privadas no modo geral?

Marta: *Nos últimos anos tenho visto grandes mudanças na escola, o tema LGBTQ+ é o tema cada vez mais abordado nas escolas e cada vez mais em públicos mais infantis. Eu não me escondo quem sou e as crianças perguntam se eu tenho um marido. No início eu evitava falar disso porque não queria confusões nem problemas, mas depois achei que através desse livro, as crianças iam ficar menos confusas e mais esclarecidas. Além disso, há crianças com famílias de arco íris e este livro serve para reduzir os tabus ou a discriminação e para mostrar que todas as famílias são todas diferentes e todas elas são famílias reais.*

Bruno: 8. Além do texto infantil, você também escreve texto de formação, poesias e sobre a história gestual. Pretende escrever outro gênero literário como romance autobiográfico? Pode falar um pouco a respeito?

Marta: *Na verdade, o meu rumo mudou muito, eu agora escrevo textos científicos, mas pretendo alargar a literatura infantil. Penso que não vou escrever outros gêneros literário,*

mas gostaria de escrever um livro sobre a literatura surda em Portugal, escrever sobre o que há e o valor elas têm.

Bruno: 9. Como é seu processo de escrita, você escreve esporadicamente ou existe certa regularidade?

Marta: *Eu escrevo todos os dias, mas mais na área científica. De vez em quando, eu escrevo uma história infantil e faço ilustrações, mas são todos esboços guardados. Espero continuar na área de literatura quando terminar a tese de doutorado.*

Bruno: 10. Os livros contam com as ilustrações (desenhos) feitos por você, o que lhe inspira e como acontece esse processo de criação?

Marta: *Primero eu conto as histórias em língua gestual e depois passo para a escrita. Da escrita eu corto o texto o literário em várias partes, pode ser uma frase ou um parágrafo e depois faço esboços para cada frase/parágrafo. São vários esboços até criar personagens reais. Só depois é que faço ilustrações. O processo de ilustração demora 3 a 6 meses. As ilustrações do Mamadu foram feitas em tinta acrílica, as ilustrações do Sou asas em lápis de Caran D'Arche. O Luanda Lua foi uma técnica mista, com jornais, papeis, tinta acrílica, aquarelas, lápis de cor e lápis de cera.*

Bruno: 11. Qual é a importância da Literatura gestual/surda para a comunidade Surda e para os ouvintes?

Marta: *A importância para a comunidade surda já foi descrita acima. Para os ouvintes, penso que também tem uma influência em que eles podem compreender melhor o mundo dos surdos.*

Bruno: 12. Você poderia deixar algumas palavras aos que ainda não conhecem a Literatura gestual/Surda?

Bruno: 13. Para os leitores e pesquisadores do Brasil que acompanham o seu trabalho como escritora, qual mensagem você pode deixar?

Marta: *Os livros são o melhor presente que se pode dar às crianças surdas, melhor se forem livros sobre eles próprios. Esta é a mensagem que eu quero transmitir a todas as pessoas. Brasil tem uma lista de livros infantis sobre surdos embora sejam poucas pessoas surdas que*

o escrevem, precisam de investir mais nisso. Sei que muitos brasileiros surdos procuram os meus livros e muitas vezes têm dificuldade em comprar porque não existe uma livraria no Brasil que tenham os meus livros. Temos de pensar como levar os livros par ao Brasil. Sempre que eu vou par ao Brasil, eu carrego uma mala só de livros e no mesmo dia, a mala fica logo vazio e há muitos pedidos. Outra alternativa, os próprios surdos podem escrevem as suas experiências em versão infantil e publicar.